

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO, PESQUISA, E EXTENSÃO
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
LABORATÓRIO DE CLÍNICA FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL**

TALITHA L. MACÊDO DA SILVA ARRUDA

TRIBOS URBANAS E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ADOLESCENTE

**RECIFE,
2008**

TALITHA L. MACÊDO DA SILVA ARRUDA

TRIBOS URBANAS E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ADOLESCENTE

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade Católica de Pernambuco, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Lúcia Francisco

**RECIFE,
2008**

A779t

Arruda, Talitha L. Macêdo da Silva

Tribos urbanas e construção da identidade adolescente / Talitha L. Macêdo da Silva Arruda ; orientadora Ana Lúcia Francisco, 2007.
115 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Pró-reitoria de Ensino Pesquisa e Extensão. Mestrado em Psicologia Clínica, 2007.

1. Psicologia clínica. 2. Adolescentes. 3. Psicologia do adolescente. 4. Interação social do adolescente. 5. Identidade (psicologia). 6. identidade social. I. Título.

CDU 159.922.8

TALITHA L. MACÊDO DA SILVA ARRUDA

TRIBOS URBANAS E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ADOLESCENTE

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade Católica de Pernambuco, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

BANCA EXAMINADORA

—
Prof. Dr. MARCOS TÚLIO CALDAS- UNICAP

—
Profa. Dra. MARIA CLÁUDIA SANTOS LOPES DE OLIVEIRA- UnB

DATA DE APROVAÇÃO

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos que partilharam sua experiência, aos que me concederam sua escuta, aos que me apontaram outras possibilidades de caminhar...

AGRADECIMENTOS

Difícil não é agradecer, difícil é fazer caber no papel a gratidão e o nome de todas as pessoas que diretamente e indiretamente contribuíram para a realização deste...

Em todo caso, agradeço aos que me impulsionaram na construção de mim mesma, agradeço aos que sempre estiveram perto, ainda que distante, agradeço aos que me concederam seu precioso tempo, artigo tão em falta hoje em dia!

A ELE... sempre presente...

Sou grata aos que me escutaram para que fosse possível eu me escutar, aos que me olharam para que eu pudesse me enxergar...

Minha antiga e sempre nova gratidão a quem me possibilitou, melhor caminhar e perceber que existem outras formas de se ver a "mesma coisa", obrigada!

Agradeço, ainda, aos que compartilharam suas experiências, alegrias e tristezas, aos que me emprestaram seu delicado relicário de vida...

Imprescindíveis na construção deste trabalho; minha gratidão!

Sem vocês ele seria pura teoria!

Muito obrigada a todos!!!

Inventa-se um mundo cada vez que se escreve. Trata-se, na realidade, indo ao encontro da etimologia, *invenire*, de fazer vir à luz do dia o que já existe, vivido amplamente na experiência cotidiana, embora os hábitos de pensar impeçam-nos de vê-lo.

Michel Maffesoli

RESUMO

Percebe-se, na contemporaneidade, um crescente movimento, no meio adolescente, de busca de mecanismos identificatórios através do pertencimento a grupos formais e/ou informais. Neste contexto, situam-se as Tribos Urbanas que, segundo Michel Maffesoli (2006) configuram-se como um fenômeno cultural, agregando adolescentes de diferentes níveis sócio-econômicos com os mais variados interesses. Dessa forma, esta pesquisa objetivou investigar o sentido de pertença a uma Tribo Urbana para a construção da identidade adolescente. Trata-se de uma pesquisa qualitativa em que, a partir de uma análise metodológica na perspectiva fenomenológica existencial, utilizando entrevistas semidirigidas, abordou adolescentes, de ambos os sexos, numa faixa etária compreendida entre 18 a 20 anos, de qualquer nível sócio-econômico, pertencentes à Tribo Urbana de Metaleiros recifenses. Os resultados obtidos trouxeram ricas contribuições para a compreensão do sentido desta pertença e sua importância no universo simbólico do adolescente. Contrariando o senso comum que as Tribos Urbanas agregam "desocupados" e/ou "marginais"; percebemos que estas se constituem como espaços propiciadores de crescimento pessoal, social e cultural. Além disso, as entrevistas revelaram que as Tribos Urbanas desempenham um relevante papel, para os adolescentes metaleiros, como mediadora entre o "desligamento" do ambiente familiar e a inserção no meio social. Esta pertença, ainda, configura-se como um dispositivo para a construção de mecanismos de identificação e diferenciação, fundamentais na estruturação da identidade adolescente. Acredita-se que este trabalho possa oferecer subsídios para um maior entendimento dos mecanismos que operam na construção da identidade adolescente, possibilitando uma melhor compreensão acerca da necessidade gregária dos jovens, minimizando, assim, a representação social negativa das Tribos Urbanas de adolescentes.

Palavras-chave: adolescência; tribos urbanas; construção da identidade.

RÉSUMÉ

On perçoit, dans la culture contemporaine, un mouvement croissant, dans les milieux d'adolescents, de recherche de mécanismes d'identification par l'appartenance à des groupes formels et/ou informels. Dans ce contexte s'inscrivent les Tribus Urbaines qui, selon Michel Maffesoli (2006) se configurent comme un phénomène culturel, agrégeant des adolescents/adolescentes de divers niveaux socio-économiques avec les intérêts les plus variés. Dans cette foulée, la présente recherche s'est fixé comme objectif d'étudier le sens de l'appartenance à une Tribu Urbaine pour la construction de l'identité adolescente. Il s'agit d'une recherche qualitative dans laquelle, à partir d'une analyse méthodologique dans la perspective de la phénoménologie existentielle on a utilisé des entrevues semi-dirigées avec des adolescents des deux sexes dans la tranche d'âge des 18-20 ans, de tout niveau socio-économique et appartenant à la Tribu Urbaine des «Metaleiros» (Rock Heavy Metal) de Recife. Les résultats obtenus ont apporté de riches contributions pour la compréhension du sens de cette appartenance et de son importance dans l'univers symbolique de l'adolescent. Au contraire du sens commun pour qui les Tribus Urbaines réunissent des «fainéants» e/ou des «marginaux», nous avons perçu qu'elles constituent des espaces propices à la croissance personnelle, sociale et culturelle. En plus, les entrevues ont révélé que les Tribus Urbaines accomplissent un rôle pertinent pour les adolescents «metaleiros», d'intermédiaire entre la «séparation» de l'entourage familial et l'insertion dans le milieu social. Cette appartenance se présente en plus comme un dispositif pour la construction de mécanismes d'identification et de différenciation, fondamentaux pour la structuration de l'identité adolescente. Nous pensons que ce travail peut offrir des subsides pour un meilleur entendement des mécanismes en jeu dans la construction de l'identité adolescente, permettant une meilleure compréhension de la nécessité grégaire des jeunes, tout en minimisant ainsi la représentation négative des Tribus Urbaines d'adolescents.

Mots-clés: adolescence, tribus urbaines, construction de l'identité.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	SER ADOLESCENTE	19
2.1	A construção da identidade adolescente	34
3	SOBRE A TRIBALIZAÇÃO	43
4	A ESCUTA DA EXPERIÊNCIA DE JOVENS METALEIROS	51
5	COMPREENDENDO AS NARRATIVAS; TRIBO URBANA : DESTINO COMUNITÁRIO, COMUNIDADE DE DESTINO	100
6	TRIBOS URBANAS E A DES-CONSTRUÇÃO DE PRÉ- CONCEITOS: PROPOSTA DE UM OUTRO OLHAR	138
	REFERÊNCIAS	143
	ANEXOS	148
	A - Apresentação da entrevista semidirigida	149
	B - Dados sócio-demográficos dos participantes do grupo I	150
	C - Dados sócio-demográficos dos participantes do grupo II	151
	D - Apresentação dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido	152

1 INTRODUÇÃO

A verdade reside no desvelar o que já existe.

Michel Maffesoli

Desde a graduação percebo que temas que tratam estudos e pesquisas sobre a adolescência chamavam a minha atenção, provocando questionamentos e reflexões. A partir de um olhar/escuta mais atentos buscava aprofundar meus conhecimentos com uma atitude que não era somente investigativa, mas que perpassava por minha experiência como adolescente (que fui), ou seja, como um período marcado por inquietações, transformações, dúvidas, pelas dores e alegrias de ser adolescente.

Inquietava-me a forma como algumas pessoas (acadêmicos ou não) falavam sobre a adolescência: "rebeldes sem causa", "inconseqüentes", "irresponsáveis", "aborrecentes", termos superficiais e envoltos em pré-conceitos utilizados para se referirem a esta etapa da vida. Essas observações e questionamentos direcionaram minha caminhada levando-me a pesquisar, como trabalho de conclusão de curso de graduação, as repercussões da separação do casal parental sobre o filho adolescente.

Na medida em que avançava sobre o tema meu interesse pela adolescência aumentava. Ao final da graduação, trabalhando em um colégio, desenvolvi atividades junto aos adolescentes, tendo a possibilidade de compartilhar, mais de perto, de suas experiências, de suas dores e alegria de viver, percebendo, sobretudo, como muitas vezes são mal compreendidos.

A esta mesma época, por morar próximo a um Shopping situado no Centro da Cidade do Recife, pude perceber outro fenômeno: a intensa freqüência de adolescentes dentro ou nos arredores do Shopping, sobretudo nas tardes e noites das sextas-feiras e aos sábados. Nestes dias era possível observar vários adolescentes, reunidos em pequenos grupos e, geralmente, vestidos de preto, às vezes, suas bandas de rock preferidas estavam estampadas nas camisas que usavam, alguns estavam maquiados, outros tinham cabelos grandes e negros. Costumavam usar tênis estilo "All Star", botas

ou coturnos, apresentavam tatuagens ou ostensivos acessórios como cintos, braceletes ou correntes.

Era clara e bem definida a paisagem adolescente que ali se mostrava, diferenciando-a do resto dos transeuntes da cidade e provocando nestes, diversas reações: alguns demonstravam preocupação, outros tinham um comportamento de repulsa e, até mesmo, de medo diante de tais adolescentes.

Decidi, portanto, aprofundar tais observações tomando, primeiramente, como foco central de minhas investigações a indagação: Qual a importância das Tribos Urbanas na formação da subjetividade adolescente?

Mais adiante, ao cursar o Mestrado em Psicologia Clínica, esse campo de pesquisa delineou-se com maior clareza levando-me a problematizar a relação entre: **Tribos Urbanas e Construção da Identidade Adolescente.**

Leituras complementares levaram-me a uma melhor compreensão deste fenômeno, sobretudo quando dirigi minhas pesquisas para a obra do sociólogo Michel Maffesoli (2006, p. 6). Para ele, as Tribos Urbanas são:

Um fenômeno cultural. Verdadeira revolução espiritual. Revolução dos sentimentos que ressalta a alegria da vida primitiva, da vida nativa. Revolução que exacerba o arcaísmo no que ele tem de fundamental, estrutural e primordial.

Enquanto uma forma de manifestação grupal, as Tribos Urbanas se caracterizam por um grupo de pessoas unido por um sentimento de pertencimento, com costumes, valores culturais, estilos musicais, ideologia e preferências semelhantes, sendo um fenômeno comum nas grandes metrópoles.

Portanto, as Tribos Urbanas só podem ser compreendidas a partir de sua inserção na cultura e no social, parecendo 're-fletir e de-fletir' as questões fundamentais desta cultura em um determinado momento.

Considerando que as Tribos Urbanas se caracterizam por um grupo de pessoas, faz-se necessário esclarecer que, no corpo deste trabalho, será utilizado o termo 'grupo' para se referir à Tribo Urbana, isto porque toda Tribo Urbana é um grupo.

Ainda que toda Tribo Urbana seja um grupo, nem todo grupo é uma Tribo Urbana. Tschiedel (1998 apud ZANELLA, 2001) afirma que, a palavra grupo tem dois significados: do provençal (group) que quer dizer nó e, do germânico (kruppa), que

significa forma arredondada. A partir deste resgate etimológico podemos aproximar as idéias de união e igualdade referidas a um grupo.

Diante do exposto, pode-se perceber que o que define um grupo pode, também, ser usado para caracterizar as Tribos Urbanas, o que justifica a utilização do termo grupo para assim denominá-los.

É importante ressaltar que o levantamento bibliográfico realizado possibilitou-nos avaliar a escassez de pesquisas e trabalhos neste campo de investigação, contribuição que esperamos oferecer com a elaboração desta dissertação.

Através de observações empíricas realizadas, em contato com estes grupos, fiz um prévio levantamento de quais seriam as Tribos Urbanas freqüentes no bairro do Recife Antigo¹, buscando contextualizá-las em suas especificidades.

Chamou-me a atenção algumas características bastante peculiares que as diferenciaram entre si e do restante das pessoas. Os critérios utilizados para caracterizá-las geralmente são atributos que tanto podem ser um estilo musical, um esporte, o jeito de se vestir ou uma ideologia. Tais critérios permitem a identificação e a legitimação do grupo de pertencimento dos adolescentes. A partir dessas observações empíricas constatei a incidência de seis Tribos Urbanas, assim denominadas: **Góticos, Surfistas, Skatistas, Visual Kei, Hobbies (ou como se autodenominam: malucos) e Metaleiros**. Considerando a diversidade de características dessas Tribos Urbanas, uma breve descrição se faz necessária.

Os **Góticos** apresentam um estilo meio melancólico e se dedicam à "lamentação da amargura do ser";² têm afinidades com questões relativas à morte, o que se expressa através das músicas que ouvem, dos cemitérios que costumam freqüentar, da literatura que utilizam, como, por exemplo, do poeta inglês Lord Byron, da poesia de Augusto dos Anjos, dos contos de Edgar Allan Poe e da filosofia de Schopenhauer, considerado filósofo pessimista em sua visão de mundo. Os Góticos, ainda, adotam vestuários caracterizados por roupas pretas, capas, crucifixos, maquiagem pesada e coturnos ou botas.

¹ Uma das regiões situada na área Metropolitana do Recife, selecionada para ser alvo da pesquisa por ser conhecida como ponto de encontro dos adolescentes.

² Expressão utilizada por um adolescente quando estimulado a falar sobre sua Tribo em novembro de 2006 no Recife Antigo. O nome do depoente foi omitido para preservar a identidade do mesmo.

A fim de possibilitar uma melhor compreensão dessa Tribo Urbana segue a poesia "Versos Íntimos" do poeta Augusto dos Anjos (1997, p. 87):

Vês! Ninguém assistiu ao formidável
Enterro de tua última quimera.
Somente a ingratidão - esta pantera -
Foi tua companheira inseparável!

Acostuma-te à lama que te espera!
O Homem, que, nesta terra miserável,
Mora, entre feras, sente inevitável
Necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo. Acende teu cigarro!
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,
A mão que afaga é a mesma que apedreja.

Se alguém causa inda pena a tua chaga,
Apedreja essa mão vil que te afaga,
Escarra nessa boca que te beija!

No caso da Tribo Urbana denominada de **Surfistas**, o critério de inclusão, identificação e constituição, é um esporte: o surf. De acordo com a enciclopédia livre **Wikipédia (2007)** "**Surfista** é aquele que pratica o surfe como esporte, lazer ou profissão. Ele transforma seu estilo de vida, buscando o equilíbrio das coisas e a saúde, de corpo e de espírito". A título de ilustração, segue um trecho da música "Praiano Doidão" da banda "Tianastácia"

Comprei uma bermuda floral comprei uma prancha profissional Strap³, bag, raspador e parafina. Eu tô na tribo dos surfistas, é tudo gente fina Entrei no mar com toda empolgação Na primeira onda foi aquela decepção, Caldo⁴, caldo, caldo, caldo, caldo, caldo na cabeça.

Os integrantes dessa Tribo vivem em busca da onda perfeita e seu estilo é marcado por camisas de malha larga ou camisetas regata, bermudões, óculos escuros tipo Ray-ban e chinelos; podem, ainda, manter os cabelos compridos e apresentar tatuagens.

³ **Strap ou Leash** - Corda utilizada para prender a prancha ao pé do surfista. Informação disponível na Internet.

<http://rousis.vilabol.uol.com.br/surf-glossario.html> Acesso em 09 de abril de 2007.

⁴ **Caldo** - Cair na hora de manobrar ou descer a onda. Informação disponível na Internet. <http://www.nnsurf.kit.net/dicionario.html> Acesso em 09 de abril de 2007.

De forma semelhante, podemos citar os **Skatistas** que, também, se tornam grupo a partir de um esporte, a prática do skate.

A respeito destes a psicóloga Maria Cláudia Oliveira (2007, p.25) afirma que:

De modo distinto, os skatistas celebram a habilidade física e os esportes radicais. Derivada do surfe, a prática do skate reúne jovens que se equilibram em uma prancha com rodas e, com ela, circundam obstáculos, deslizam em corrimões, saltam lances de escada e fazem manobras criativas no ar. [...] eles nunca se cansam de buscar praças, ladeiras e escadarias que revelem, por meio de suas curvas, degraus e declives, mais um desafio a ser superado.

Apesar das dificuldades envolvidas nesta prática e, do preconceito existente em torno desta forma de grupamento, a Tribo dos Skatistas vem crescendo a cada dia, o que se justifica pelo elevado interesse dos adolescentes neste tipo de esporte e pelos campeonatos disputados por skatistas profissionais.

No campo musical há bandas que os representam bem, como a brasileira "Charlie Brown Jr." (2007). Segue uma de suas músicas :

Como era difícil acreditar
 Que eu ia chegar onde estou
 Que minha vida iria mudar, e mudou
 Dificuldade então
 Passava eu, meu pai, minha família e meus irmãos
 Sem perceber larguei a escola
 E fui pra rua aprender
 Andar de Skate, tocar, fé
 Corri pra ver o mar
 Fui atrás do que quis
 Sabia só assim, podia ser feliz
 Eu quero ser feliz
 Quem não quer ser feliz, me diz?
 Então é preciso chegar em algum lugar
 Ter algo bom pra comer e algum
 Lugar pra se morar
 Satisfeito então, Eu faço a preza pros irmãos
 Consciente, pé no chão
 Daqui nada se leva,
 De coração eu faço a preza [...].

A música retrata uma nuance da realidade social, as dificuldades vividas por um jovem skatista, dificuldades sócio-econômicas; e a busca pela felicidade, que neste caso, requer ter, pelo menos, as necessidades básicas de alimentação e moradia atendidas.

No tocante ao visual dessa Tribo Urbana, calças ou bermudas folgadas, em tons opacos, são usadas, às vezes podem usar bonés, tênis rasteiro e largo (para facilitar as manobras com o skate), e camisas folgadas acompanhadas de correntes penduradas no pescoço.

Há, ainda, a Tribo do **Visual Kei**, que tem por critério de formação e de inclusão de participantes o conhecimento e o gosto pela cultura japonesa, ou, tal como um integrante narrou:

Para entrar nesta Tribo é preciso ter interesse porque aqui, no Brasil, há muito preconceito com o que não é americano ou não está na mídia e, se não for nessas condições, algumas pessoas acham que não é interessante ou que não tem nada a acrescentar. Nosso grande problema é o preconceito, o conceito pré-estabelecido sobre algo.⁵

Originada do Japão e difundida através da música e de vídeo-clipes, costumam falar sobre o amor, sobre os conflitos humanos e sobre superação pessoal. Seu estilo é marcado por roupa preta, couro, objetos infantis, como ursinhos de pelúcia. Costumam usar botas ou coturnos, maquiagem pesada, perucas coloridas e visual andrógino. Sobre o visual um de seus participantes afirmou:

O estilo que aderimos é muito mais um refúgio diante das cobranças que sofremos da sociedade, temos que passar no vestibular, trabalhar... o jovem se sente pressionado. Eu sigo este estilo para chocar as pessoas, porque elas simplesmente falam à primeira vista, não conhecem, não sabem do que se trata e têm preconceito, este é o grande problema do Brasil: preconceito.

Outra Tribo Urbana encontrada no Recife Antigo foi a dos **Hippies**, essa Tribo defende como máxima, a liberdade de expressão, de crença, liberdade de ser, dentre outras.

Nascido nos Estados Unidos, o movimento hippie contestou as imposições sociais que negavam ao indivíduo maior liberdade de escolha e ação. Vestidos com roupas leves e coloridas, esses jovens propunham uma sociedade igualitária, pacífica e baseada no amor livre. Protestavam contra a guerra do Vietnã e abraçavam as práticas de meditação. Em 1969, o famoso festival de música e artes de Woodstock reuniu mais de 400 mil pessoas e, ao som de diversas bandas de Rock and roll, representou o marco do movimento (OLIVEIRA, 2007, p. 25).

⁵ Depoimento concedido por um adolescente quando estimulado a falar sobre sua Tribo Urbana em novembro de 2006 no Recife Antigo; seu nome foi omitido por questões éticas.

Assim podemos perceber que os Híppies gostam de ser livres, de poder realizar suas próprias escolhas; costumam viver da renda gerada pela venda do seu artesanato, buscam alternativas para não serem "engolidos" pelo sistema capitalista.

Não trabalhamos para ninguém, não temos solo fixo, vivemos do trampo⁶ que fazemos porque se não fizermos não vendemos e não comemos, é uma luta contínua. Não pagamos impostos mas, também, não vamos nos aposentar, vamos ter sessenta, setenta anos e vamos ter que seguir trampando. Tentamos não entrar no sistema, gostaríamos de não estar nele, mas acabamos entrando... acho o sistema uma merda. Estou aqui, hoje, vendendo meu artesanato porque vivo do meu trabalho, mas eu gostaria era de estar no meio do mato⁷.

Os Híppies tentaram construir um espaço onde fosse possível levar outro tipo de vida, ou seja, adotaram um modo de vida comunitário e nômade, diferindo, consideravelmente, do estilo capitalista. Protestam contra a repressão, a proibição e contra o modo de vida ocidental. Diante disto adquiriram, muitas vezes, uma conotação extremamente otimista e, até certo ponto utópica, da vida que desejavam viver (SILVA, 2002).

Finalmente, a **Tribo dos Metaleiros**, objeto desta pesquisa; considerando a necessidade metodológica de delimitação do campo-objeto de estudo e de sua maior incidência na Cidade do Recife.

Os Metaleiros, através de sua música, difundem uma ampla ideologia; o que os une como Tribo Urbana é o gosto pelo Heavy Metal, que é um estilo musical derivado do Rock'n'roll e do Hard Rock. As letras das músicas geralmente apresentam um caráter contestador, podem tratar de temas ligados ao religioso como Deus e inferno, ou ainda, fazer referência a questões relativas às mitologias de várias partes do mundo, principalmente a nórdica e a greco-romana. De acordo com a Wikipédia, a enciclopédia livre (2006):

O Heavy Metal teve o auge de sua popularidade nos anos oitenta, durante o qual muitos dos vários subgêneros atuais primeiro surgiram. [...] Hoje em dia é um estilo musical complexo, difícil de se definir, pois pode ser subdividido em diversos subgêneros distintos, bastante diferentes uns dos outros, tanto lírica quanto musicalmente, tendo como característica comum o peso das músicas. O Heavy Metal surgiu, assim como o movimento Híppie, como um levante da contracultura, que em resposta à sociedade conservadora, utilizava um visual

⁶ Expressão utilizada para se referir ao trabalho.

⁷ Depoimento concedido por um jovem híppie em novembro de 2006 no Recife Antigo; seu nome foi omitido para preservar sua identidade.

alternativo (cabelos longos, roupa rasgada, etc.) e tinha princípios totalmente anárquicos. Suas origens residem nas bandas de Rock que entre 1964 e 1970 pegaram diversos estilos musicais, principalmente o blues, misturaram com o Rock tradicional, e criaram um híbrido com som pesado, veloz e virtuoso, centrado na guitarra.

Quanto ao visual é possível afirmar que os integrantes dessa Tribo Urbana costumam usar roupas pretas e camisas onde se encontram estampadas as fotos das suas bandas preferidas; podem, ainda, usar cabelos compridos, coturno, bota ou All Star nos pés, bermudões, correntes e spike (um tipo de bracelete de couro com detalhes em metal).

É possível perceber que, alguns aspectos específicos das Tribos Urbanas que vêm sendo relatados ao longo deste trabalho são necessários porque os bens de consumo (culturais) como vestimentas, músicas, lugares freqüentados, etc, no grupo de adolescentes que fazem parte destas Tribos, transcendem seu significado usual quando passam a ser símbolos de pertencimento e legitimação. A respeito desses aspectos Silva (2002, p.113) observa que:

Ao vestir-se diferentemente das outras pessoas, ele se opõe a eles e ao mesmo tempo se identifica com seus iguais, com sua "tribo". Dessa maneira procura afirmar sua posição na sociedade e mostrar o seu desacordo com tudo que está a sua volta. A aparência aponta para o universo de valores da vida urbana porque na vida cotidiana os indivíduos guiam-se pelos estímulos mais evidentes dados pela vestimenta dos outros para criar categorias que lhes permitam situar-se no mundo, ou melhor, "definir a realidade".

De forma geral, as Tribos Urbanas "salientam a urgência de uma socialidade empática: partilha das emoções, partilha dos afetos" (MAFFESOLI, 2006, p.11), o que transpassa a necessidade humana de estar sempre compartilhando e vivendo novas experiências em conjunto, de se sentir pertencendo, reconhecido e protegido por um grupo ou lugar.

Essa breve exposição acerca de algumas Tribos Urbanas e de sua caracterização revela que não se tratam de grupamentos caóticos e destituídos de qualquer sentido. Ao contrário, revestem-se de uma simbologia e inserem-se em uma rede social com seus códigos e valores próprios, atribuindo pertencimento e legitimação social aos seus participantes.

A partir dessa perspectiva este trabalho pretende, **Pesquisar o sentido de pertencência a uma Tribo Urbana para a construção da identidade adolescente.**

Para a consecução desta tarefa iremos, inicialmente, Investigar os processos que envolvem a formação das Tribos Urbanas e analisar, compreensivelmente, as ressonâncias do pertencimento a uma Tribo Urbana na construção da identidade adolescente.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa em que, a partir de uma metodologia fenomenológica existencial, e através de entrevistas semidirigidas, abordou-se grupos de adolescentes, de ambos os sexos, numa faixa etária compreendida entre dezoito a vinte⁸ anos, de qualquer nível sócio-econômico, pertencentes à Tribo Urbana de Metaleiros.

Este trabalho foi composto em seis partes: a primeira consta de uma breve introdução acerca das Tribos Urbanas que freqüentam o Centro do Recife. O segundo capítulo esclarece alguns aspectos que envolvem a adolescência, enfatizando, sobretudo, os determinantes: histórico-culturais, psico-sociais para a construção da identidade adolescente. No terceiro capítulo são tecidas considerações sobre a necessidade da pertença humana a grupos, e desenvolvidas reflexões acerca da 'tribalização', sua construção histórica e seus possíveis dispositivos de interação social, estabelecendo uma relação entre o homem primitivo e o homem contemporâneo. O quarto capítulo apresenta as narrativas relativas à experiência de pertença de adolescentes à Tribo Urbana de Metaleiros. No quinto capítulo apresenta-se o material obtido através da pesquisa de campo e desenvolve-se uma análise compreensiva. Por fim, busca-se empreender uma reflexão acerca da relação entre Tribo urbana e construção da identidade adolescente.

Para fundamentar este trabalho de pesquisa alguns autores foram selecionados por se inclinarem à temática desenvolvida: o sociólogo francês Michel Maffesoli, Stuart Hall, Nobert Elias, Monique Augras, Dulce Critelli, Dinah Campos, Contardo Calligaris, Félix Guattari, Suely Rolnik, Peter Blos, Erik Erikson, Knobel, Becker, bem como poetas, compositores e cantores que tratem do tema desenvolvido neste.

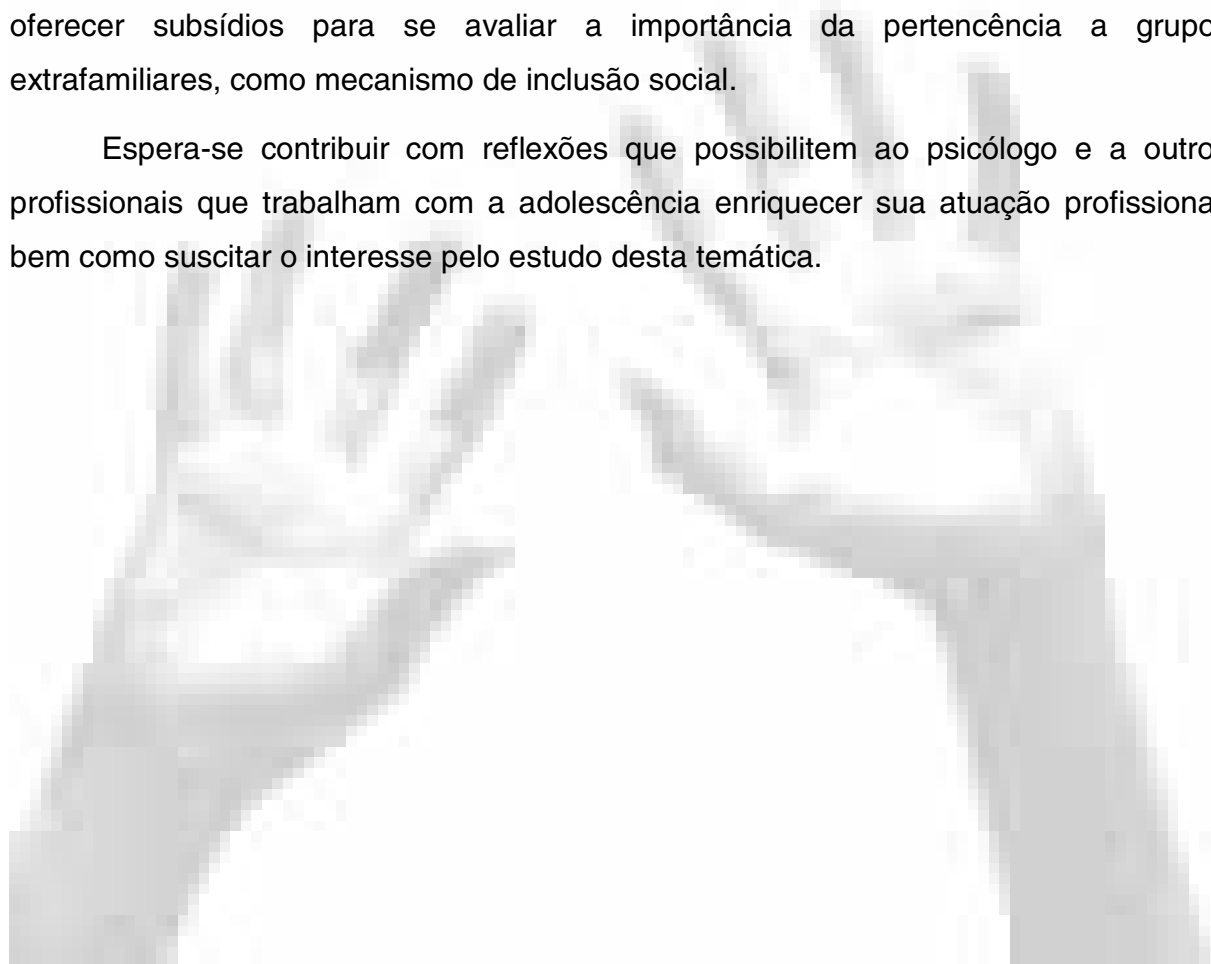
⁸ A escolha da faixa etária compreendida entre 18 a 20 anos é caracterizada por adolescência tardia (ERIKSON, 1976) e se justifica como faixa etária selecionada para esta pesquisa, na medida em que, segundo o Código Civil Lei N. 10406 de 10 de janeiro de 2002 art. 5º "A menoridade cessa aos dezoito anos completos, quando a pessoa fica habilitada à prática de todos os atos da vida civil".

Foram, também, utilizadas fontes de referência não acadêmicas, extraídas de portais da Internet, tendo em vista, não só a escassez de literatura que trata da temática, mas, sobretudo, devido ao fato de ser um fenômeno cuja dinamicidade não possibilita uma abordagem mais sistemática pela ciência.

Do ponto de vista social, este trabalho de pesquisa se justifica na medida em que possibilita esclarecimentos acerca da formação das Tribos Urbanas e de sua importância para o adolescente, minimizando os preconceitos e estratégias de exclusão de adolescentes que fazem parte dessas tribos.

No que diz respeito à prática clínica pretende-se que esta pesquisa possa oferecer subsídios para se avaliar a importância da pertencência a grupos extrafamiliares, como mecanismo de inclusão social.

Espera-se contribuir com reflexões que possibilitem ao psicólogo e a outros profissionais que trabalham com a adolescência enriquecer sua atuação profissional, bem como suscitar o interesse pelo estudo desta temática.



2 SER ADOLESCENTE

Então, um belo dia, a lagarta inicia a construção do seu casulo. Este ser que vivia em contato íntimo com a natureza e a vida exterior, se fecha dentro de uma “casca”, dentro de si mesmo e dá início à transformação que o levará a um outro ser, mais livre, mais bonito (segundo algumas estéticas) e dotado de asas que lhe permitirão voar.

Daniel Becker

Nos dias atuais, a adolescência tem sido um tema muito freqüente em discussões e trabalhos científicos, o que expressa o grande interesse da sociedade e comunidade acadêmica na busca de compreensão dos fenômenos que ocorrem neste período da vida.

No entanto, nem sempre foi assim. No Império Romano, por volta do século I d.C., o nascimento e o futuro de uma criança estavam sujeitos plenamente à vontade do pai, pois não bastava que esta nascesse para ter seu lugar no mundo, era preciso que este pai a reconhecesse como filho para, a partir daí, ser educado e, posteriormente, introduzido na aristocracia romana.

A adolescência não existia como um período de transição, a passagem da infância para a idade adulta dependia, mais uma vez, da iniciativa paterna. Em Roma (séc. I d.C.) não havia a adolescência como uma linha divisória demarcando as diferenças entre a infância e a idade adulta; era o pai quem decidia o momento em que a criança deveria abandonar as suas vestes e passar a usar as vestes que os adultos normalmente usavam; tal transição geralmente ocorria por volta dos quatorze anos e a mudança nas vestimentas era o que caracterizava a passagem da infância para a fase adulta. (LEPRE, 2007)

De acordo com Audiface (apud MAAKAROUN; SOUZA; CRUZ, 1991) a história dos estudos acerca da adolescência pode ser dividida em três fases: a filosófica, a descritiva ou romântica e a experimental ou científica.

Na fase filosófica o poeta épico da Grécia antiga, Hesíodo (Grécia, séc. VIII a.C.) já observava a juventude e se preocupava com o seu futuro "Os jovens da atual geração são tão diferentes dos de outrora, agressivos, desobedientes, surdos aos conselhos dos mais velhos. Que será deles no futuro?" (AUDIOFACE apud MAAKAROUN; SOUZA; CRUZ, 1991, p. 48).

É interessante notar que esse tipo de caracterização, feita há séculos atrás, ainda hoje pode ser ouvida. Tal fato nos leva a acreditar que os jovens sempre buscaram construir seu próprio espaço, seu próprio futuro, se negando a aceitar, de forma passiva, o socialmente instituído e, talvez por isto, tenham, ao longo da história⁹, sido percebidos como agressivos, rebeldes e desobedientes.

Ainda no período filosófico, Sócrates, um grande filósofo ateniense, foi condenado à morte¹⁰, dentre outras acusações, por "corromper" a juventude através da educação ministrada, da liberdade de seus discursos e da sua atitude crítica diante da vida. Em outras palavras, foi condenado por estimular a juventude a pensar e a questionar o que foi socialmente instituído, a pensar sobre o sentido das coisas que nos cercam.

Aristóteles, filósofo grego que viveu em Atenas, em um dos seus capítulos da obra "Retórica", dedicou-se à personalidade do adolescente e em sua obra "História Animalium", mesmo sem nenhum respaldo científico, descreveu as características fisiológicas da puberdade.

⁹ A título de ilustração seguem colocações, consideravelmente antigas, que justificam tal assertiva:

"A nossa juventude adora o luxo, é mal-educada, despreza a autoridade e não tem o menor respeito pelos mais velhos. Os nossos filhos hoje são verdadeiros tiranos. Eles não se levantam quando uma pessoa idosa entra, respondem aos pais e são simplesmente maus". (SÓCRATES, 470-399 a.C.).

"Não tenho mais nenhuma esperança no futuro do nosso país, se a juventude de hoje tomar o poder amanhã, porque esta juventude é insuportável, desenfreada, simplesmente horrível". (HESÍODO, 720 a.C.).

"Esta juventude está estragada até o fundo do coração. Os jovens são maus e preguiçosos. Eles nunca serão como a juventude de antigamente. A juventude de hoje não será capaz de manter a nossa cultura". (Escrita num vaso de argila descoberto nas ruínas da Babilônia e tem mais de 4.000 anos de existência.) Frases utilizadas pelo médico inglês Ronald Gibson em uma conferência, Disponível na Internet. <http://forum.imasters.com.br./index.php?act=findpost&pid=687884>. Acesso em 18 jun 2007.

¹⁰ Morreu Sócrates em 399 a.C. com 71 anos de idade, em Atenas. Informação disponível na Internet. <http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%B3crates>. Acesso em 18 jun 2007.

Na fase descritiva ou romântica alguns poetas e escritores, como Shakespeare em suas obras "Hamlet" e "Romeu e Julieta"; Bernadim de Saint-Pierre em "Paulo e Virgínia"; Goethe em "Os Sofrimentos do Jovem Werther" dedicaram essas obras à adolescência.

Em um trecho do livro "Werther", Goethe (2003, p.226-227) transforma em palavras o sentimento e a percepção de mundo de um jovem:

A vida humana não passa de um sonho. Mais de uma pessoa já pensou nisso. Pois essa impressão também me acompanha por toda a parte. Quando vejo os estreitos limites onde se acham encerradas as faculdades ativas e investigadoras do homem, e como todo o nosso trabalho visa apenas a satisfazer nossas necessidades, as quais, por sua vez, não têm outro objetivo senão prolongar nossa mesquinha existência; quando verifico que o nosso espírito só pode encontrar tranqüilidade, quanto a certos pontos das nossas pesquisas, por meio de uma resignação povoada de sonhos, como um presidiário que adornasse de figuras multicoloridas e luminosas perspectivas as paredes da sua cela... tudo isso, Wilhelm, me faz emudecer. Concentro-me e encontro um mundo em mim mesmo! Mas, também aí, é um mundo de pressentimentos e desejos obscuros e não de imagens nítidas e forças vivas. Tudo flutua vagamente nos meus sentidos, e assim, sorrindo e sonhando, prossigo na minha viagem através do mundo.

Por fim, a terceira fase, experimental ou científica dedicou suas pesquisas a um período da vida que foi dividido em três aspectos: puberdade, adolescência e juventude. A primeira se refere às alterações fisiológicas, seria a dimensão orgânica; a adolescência, por sua vez, refere-se ao conjunto de mudanças físicas, psicológicas e sociais ocorridas entre a infância e a idade adulta; e, finalmente, a juventude envolve os aspectos morais e sociais.

Mendonça (2007, p.14) afirma que

[...] para a sociologia da juventude, esta é tida como uma categoria social, marcada pela cultura que envolve o compartilhamento de um conjunto de características, como crenças, valores, interesses, normas, práticas.

Dessa forma o conceito de juventude estaria inscrito em um registro sócio-cultural, ainda que não exclua a dimensão psicológica ou orgânica referidas nesse período da vida.

Também na Idade Média a adolescência não era concebida como é atualmente; a transição da infância para a idade adulta era caracterizada por uma cerimônia conhecida como barbatoria, como referência ao primeiro barbear do rapaz, em que o pêlo legitimava a transformação da criança em adulto. (LEPRE, 2007). Chama a atenção que não há, na literatura, referências históricas quanto a iniciação das meninas na idade adulta, o que, provavelmente, pode refletir o não-lugar das mulheres na cultura da Idade Média.

Nesta mesma época, a adolescência estava incluída em uma das divisões das "idades da vida", categoria que, por sua vez, expressava uma das formas de se conceber o ser humano, ou seja, a partir da relação entre sua idade e, respectivamente, uma fase da vida:

As "idades da vida" ocupam um lugar importante nos tratados pseudocientíficos da Idade Média. Seus autores empregam uma terminologia que nos parece puramente verbal: infância e puerilidade, juventude e adolescência, velhice e senilidade – cada uma dessas palavras designando um período diferente da vida. Desde então, adotamos algumas dessas palavras para designar noções abstratas como puerilidade ou senilidade, mas estes sentidos não estavam contidos nas primeiras acepções. De fato, tratava-se originalmente de uma terminologia erudita, que com o tempo se tornou familiar. As "idades", "idades da vida", ou "idades do homem" correspondiam no espírito de nossos ancestrais a noções positivas, tão conhecidas, tão repetidas e tão usuais, que passaram do domínio da ciência ao da experiência comum. Hoje em dia não temos mais idéia da importância da noção de idade nas antigas representações do mundo. A idade do homem era uma categoria científica da mesma ordem que o peso ou a velocidade o são para nossos contemporâneos. (ARIÈS, 1981, p. 33-34, grifo do autor).

Apesar da utilização, na Idade Média, de termos que são usualmente empregados, tais como adolescência e juventude, seus sentidos divergem dos utilizados na atualidade. Em alguns aspectos, a adolescência, na Idade Média, seria a terceira idade do homem, compreendida entre os 14 a 28 anos, podendo se estender até os 30 ou 35 anos. A juventude era demarcada até os 45/50anos, significando "força da idade", para indicar que o sujeito, nesse período, se encontraria na plenitude de suas forças (ARIÈS, 1981).

É só por volta do século XVIII que surgem as primeiras iniciativas de se definir a adolescência, mas esta ainda era confundida com a infância. Nas escolas fundadas por

jesuítas, garotos entre treze e quinze anos eram chamados ora de crianças ora de adolescentes. Com a crescente ascensão da burguesia, a estrutura escolar sofreu mudanças e surgiu a formação primária e a secundária; tal divisão permitiu, de forma gradativa, uma relação entre idade e classe escolar, o que repercutiu em uma melhor distinção da adolescência (BECKER, 2003).

A adolescência, como conceito de uma fase do desenvolvimento humano é algo relativamente recente na história ocidental. Em 1871 surge a primeira obra sobre estudos da adolescência "The Study of Adolescence" de W. H. Burnham. (AUDIFACE apud MAAKAROUN; SOUZA; CRUZ, 1991). Mas é só por volta do século XX que a adolescência é descrita como uma fase bem caracterizada, surgindo, a partir daí, um maior interesse em compreender o que o adolescente pensa, sente e faz. O primeiro livro sobre este tema foi escrito por G. Stanley Hall em 1904¹¹, considerado o pai da "psicologia da adolescência"

A sua principal contribuição, através de todo o trabalho que desenvolveu, foi sem dúvida, o grande esforço individual e talvez a sua dedicação inquestionável à psicologia do adolescente. A adolescência era encarada por ele como um novo e bastante importante estágio da evolução humana, e a extensão dos seus conhecimentos era tão vasta quanto a monumental obra que escreveu, em dois volumes, intitulada: A adolescência: a sua psicologia e as suas relações com a fisiologia, a antropologia, a sociologia, o sexo, o crime, a religião e a educação (SPRINTHALL; COLLINS, 2003, p. 13).

Esse autor, a partir da caracterização da adolescência como um período tenso e turbulento, motivou outros estudiosos a aprofundarem o assunto em questão, permitindo uma clara distinção entre puberdade e adolescência. Puberdade, derivada de *púbis*, indica cabelo e, por extensão entrar na puberdade significaria criar cabelos ou ficar cabeludo (CAMPOS, 1987). No entanto, tal significado não é usualmente empregado, ainda que guarde aproximações com a compreensão de que a puberdade, do ponto de vista fisiológico, inicia-se com o surgimento dos caracteres sexuais secundários, entre eles o surgimento dos pêlos.

¹¹ Intitulado: **Adolescence- its psychology and its relation to physiology, anthropology, sociology, sex, crime, religion and education**; publicado em dois volumes.

Embora a puberdade ocorra no período da adolescência, apresenta, entretanto, limites bem mais definidos e estabelecidos. Na puberdade, ocorrem grandes transformações físicas que possibilitam ao jovem procriar e exercer a função sexual madura. Alguns fatores agiriam de forma a acelerá-la ou a retardá-la: nutrição, fatores climáticos, doenças, fatores ambientais e sociais.

Já o termo 'adolescência' tem por origem o latim e significa crescer, engrossar, tornar-se maior, atingir a maioridade (TIBA, 1986). Assim, a adolescência seria o ajustamento da personalidade às transformações biológicas da puberdade (CAMPOS, 1987). Desta forma, percebe-se que apesar da puberdade referir-se ao desenvolvimento orgânico, não pode ser pensada dissociada da adolescência, pois estão completamente interligadas.

De acordo com Calligaris (2000, p.19),

O começo da adolescência é facilmente observável, por se tratar da mudança fisiológica produzida pela puberdade. Trata-se, em outras palavras, de uma transformação substancial do corpo do jovem, que adquire as funções e os atributos do corpo adulto. Querendo circunscrever a adolescência no tempo, como idade da vida, chega-se facilmente a um consenso no que concerne ao seu começo. Ele é decidido pela puberdade, ou seja, pelo amadurecimento dos órgãos sexuais.

Dessa forma, o conceito de puberdade seria predominantemente utilizado para designar aspectos de ordem biológica, envolvendo mudanças corporais e o de adolescência corresponderia às mudanças psicológicas que ocorrem a partir da puberdade. A adolescência ocorreria por volta de um ou dois anos posteriormente ao início da puberdade. Há a possibilidade, também, da adolescência começar antes da puberdade, pois esta seria antecipada, pelo sujeito, através da repetição de comportamentos de adolescentes mais velhos. (CALLIGARIS, 2000, p.21).

Para este autor o adolescente é alguém:

- Cujos sentimentos e comportamentos são obviamente reativos, de rebeldia a uma moratória injusta;
- Que tem o inexplicável dever de ser feliz, pois vive uma época da vida idealizada por todos;
- Que não sabe quando e como vai poder sair de sua adolescência.

Becker (2003) acredita que, nos últimos tempos, a adolescência vem sofrendo um prolongamento, tornando-se um período mais extenso e de maior complexidade. No entanto, alguns adolescentes passam por esta etapa da vida sem crises existenciais relevantes ao seu desenvolvimento ou problemas. O que muitas vezes dificultaria a passagem do sujeito por esta fase seria a falta de uma delimitação clara que apontasse para o “ser adulto”, que indicasse a linha divisória entre a adolescência e a idade adulta. Tal fato intensificaria a crise que o indivíduo tende a viver, na adolescência, pois, muitas vezes, são cobradas atitudes do adolescente que ele ainda não está psicologicamente preparado para apresentá-las. Embora ele possa ter alcançado uma maturidade física, isto não implica, necessariamente, em um amadurecimento psicológico.

Neste sentido, ainda que a pessoa já possa atender fisicamente às exigências do meio, pode não apresentar maturidade psicológica, uma vez que esta baseia-se num afastamento emocional das figuras parentais e na habilidade para poder identificar-se consigo mesmo de forma relativamente independente destas figuras internalizadas. Vale ressaltar que este tipo de maturidade independe da idade cronológica.

Diante de tudo o que foi exposto é possível perceber que muitos outros estudiosos procederam ao “pai da psicologia da adolescência” G. Stanley Hall, contribuindo para o aprofundamento desta temática.

Frente ao que foi abordado, pode-se perceber, também, que as transformações ocorridas na adolescência são universais, mas o modo como estas são vividas dependerá da cultura da qual o sujeito faz parte; assim, não se pode desconsiderar a singularidade que envolve a forma 'como' a adolescência é vivida, sendo esta permeada e construída a partir da cultura na qual o sujeito está inserido, pois como nos diz o antropólogo Laraia (2005, p. 45):

O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções.

Nesta perspectiva, o aspecto sócio-cultural apresenta extrema relevância, atuando diretamente no 'fenômeno adolescência'.

Sendo assim, de acordo com Becker (2003, p.11-12) não existe uma adolescência e sim, várias. A respeito disto ele afirma:

Existem sociedades nas quais a passagem da vida infantil para a adulta se faz gradativamente; a criança vai recebendo funções e direitos até que atinja plenamente a condição de adulto, o que faz desaparecer as características do que chamamos de "crise da adolescência". Em outras sociedades existe um ritual de passagem (geralmente quando começam as transformações físicas da puberdade) após o qual se confere ao indivíduo todos os direitos e responsabilidades do adulto. Esses rituais envolvem muitas vezes intenso sofrimento psíquico e físico. Mas eles podem facilitar o processo de integração da sociedade adulta e favorecer o desenvolvimento da auto-estima, identidade e segurança no jovem.

É inegável a rica contribuição trazida pelos estudos antropológicos e sociológicos no que concerne aos aspectos sócio-culturais da adolescência.

No tocante às variedades culturais vividas por civilizações diferentes das ocidentais, é possível afirmar que, nos povos primitivos¹², os adolescentes são submetidos a ritos de passagem que demarcam o fim da infância e o ingresso à vida adulta. A respeito disto o professor Estácio de Lima (AUDIFACE apud MAAKAROUN; SOUZA; CRUZ, 1991) ao desenvolver estudos em Guiné de Bissau pôde observar que meninas, após sua primeira menstruação, tinham o clitóris extirpado e o local da mutilação era cauterizado com ferro incandescente; acreditava-se que tal rito a tornaria apta a responder às demandas de uma vida adulta. Já uma tribo indígena, os Maués da Amazônia, submetiam os jovens adolescentes, que objetivava tornar-se adulto, a uma tarefa de coragem e provação; eles calçavam luvas de palha repletas de formigas tocandeiras, que são altamente agressivas, e, com elas em mãos, dançavam e tocavam até a perda dos sentidos, alcançando o ápice da dor e da resistência a esta.

Na tradição judaica uma cerimônia demarca o fim da infância e o ingresso na vida adulta: para as meninas Bat Mitzvah e para os meninos ela chama-se Bar Mitzvah; após tais cerimônias a adolescente de 12 anos já é considerada como adulta e membro

¹² No texto, o sentido de primitivo indica povos de origem primeira, ou, dito de outro modo, de primeiros povos.

da sociedade e o rapaz, aos 13 anos, após tal cerimônia, também passa a ser visto da mesma forma (WIKIPEDIA, 2007)¹³.

Diante do exposto é possível afirmar que

A adolescência é uma produção social. Cada contexto sócio-histórico define uma pauta de expectativas e concepções sobre os adolescentes e a adolescência, nela incluindo aspectos fisiológicos, sexuais, afetivos, sociais, políticos e institucionais, de forma a orientar o papel dos neófitos em diferentes níveis da vida sociocultural. (ASSUNÇÃO; CAMILO; OLIVEIRA, 2003, p.1).

A antropóloga Margareth Mead foi uma das que, a partir de suas pesquisas com os adolescentes da primitiva Ilha de Samoa, possibilitou uma nova visão da adolescência. Seus estudos levaram-na a constatar que a adolescência em Samoa é vivenciada de uma forma distinta da nossa cultura ocidental, e que a passagem da infância para a idade adulta se dá de forma gradual. Na Sociedade de Samoa a tomada de papéis é feita de forma gradativa: a criança, lentamente e de acordo com seu desenvolvimento, vai assumindo, cada vez mais, responsabilidades; a menina, por exemplo, aos seis anos já é responsável pelo cuidado e educação de seus irmãos mais novos e, depois desta etapa, ela já pode trabalhar nas plantações.

No tocante à capacidade de realizar escolhas, para essa estudiosa, o adolescente samoano não dispõe de tantas possibilidades como o adolescente da nossa sociedade. Aos jovens samoanos não é possível, como ocorre na cultura ocidental, fazer escolhas que impliquem em transgressões sociais. Estas estariam mais voltadas para questões práticas, como, por exemplo, decidir o local para morar por oferecer melhores condições, ter uma namorada da própria aldeia para não gerar conflito com alguém de outra (LEPRE, 2007), entre outros. Entretanto, o adolescente da sociedade ocidental, frente à possibilidade de uma ampla gama de escolhas tenderia a apresentar mais incertezas diante da vida e constantes conflitos na tomada de uma postura e no abandono de outra.

¹³ Mais informações disponíveis na Internet. <http://pt.wikipedia.org/wiki/adolesc%c3%Aancia>. Acesso em 10 de abr. 2007.

Para esta estudiosa, o adolescente samoano não passa por conflitos inerentes à sexualidade e nem apresenta a “crise da adolescência” como ocorre com o adolescente da sociedade moderna. Nesta, a sexualidade é reprimida desde a tenra infância e, em relação à sexualidade adulta, muitas vezes a criança é vista como assexuada.

Em contraponto, em Samoa, as crianças não são sexualmente reprimidas, a sexualidade é vista como algo natural e agradável; contatos sexuais entre crianças são encarados sem qualquer preconceito moral, levando a autora a concluir que o adolescente de Samoa parece não enfrentar conflitos morais, ideológicos, religiosos ou psicológicos. (BECKER, 2003).

Em que pese suas ricas contribuições ao estudo da adolescência, consideramos oportuno ressaltar, tal como salientado por outros autores, que Margareth Mead concebe uma visão desta sociedade, em certos aspectos, tendenciosamente romantizada e lúdica, o que a leva a, de alguma forma, chegar a ponto de "menosprezar" os problemas vividos pelo adolescente samoano.

Outros estudos, como os do antropólogo austríaco Derek Freeman, contrariam as conclusões da autora citada, uma vez que, ressaltam a postura agressiva e sexualmente reprimida por parte dos adolescentes samoanos. Em suas experiências, este pesquisador

Passou um total de seis anos na parte ocidental de Samoa, entre os anos 40 e os anos 60 (Mead fez sua investigação na aldeia de Táu, a oriente de Samoa). Num livro publicado¹⁴ em 1983, Freeman referiu que o povo de Samoa era mais violento, sexualmente reprimido e mais assustador do que havia sido descrito por Margareth Mead. Freeman argumentou que Mead tinha estado bastante preocupada em enfatizar mais o papel da cultura do que o da biologia no comportamento humano e, por esse fato, não prestou atenção ao modo como os habitantes de Samoa manifestavam os seus impulsos agressivos e sexuais. (apud SPRINTHALL; COLLINS, 2003, p.20)

Outro estudioso, Kiell (apud CAMPOS, 1987) se posiciona contra o determinismo cultural de alguns antropólogos e, através de vários documentos pessoais, de diferentes contextos culturais e épocas históricas, prova que a adolescência, nos seus

¹⁴ Referências do livro publicado: FREEMAN, D. **Margareth Mead and Samoa: the making and unmaking of anthropological myth**, Cambridge, Mass., Havard University Press, 1983.

aspectos físicos e comportamentais, é um acontecimento universal. Este autor afirma que os problemas internos e externos do adolescente são vividos universalmente e somente afetados de forma relativa pelos fatores culturais.

Dito de outro modo, para esse estudioso as alterações, dificuldades e instabilidades psíquicas, afetivas, emocionais e orgânico-físicas seriam sentidas/sofridas por todo adolescente e, a cultura atuaria, relativamente, no modo como elas são vividas.

Entretanto, acreditamos que a cultura tem papel fundamental no modo de "proporcionar espaços" para a vivência da adolescência. Não se pretende, neste ponto, defender o determinismo cultural, e nem tampouco o determinismo psíco-físico; objetiva-se afirmar que nesta fase da vida o sujeito sofre alterações físicas e psíquicas, independente de sua raça ou cor, contudo, as diferenças sociais e culturais, provenientes do meio no qual o indivíduo está inserido, irão repercutir no 'como' estas alterações citadas serão experienciadas nesta etapa do desenvolvimento humano.

Outra pesquisadora que se dedicou à antropologia cultural da adolescência foi Ruth Benedict. Diferentemente de Margareth Mead, ela desenvolveu a 'Teoria do Condicionamento Cultural', na qual estabelece uma correlação entre o desenvolvimento do sujeito e o sistema de funcionamento de uma determinada cultura. Sua teoria abarca três dimensões constitutivas de toda sociedade, possibilitando-nos avaliar, segundo sua maior ou menor concentração, determinadas configurações sociais.

1.Responsabilidade-irresponsabilidade: nas sociedades que conseguem manter a continuidade durante a socialização, as crianças são envolvidas em tarefas essenciais para a comunidade, as quais são ajustadas às suas capacidades e aptidões. Na socialização descontínua, as atividades da infância são consideradas distintas das atividades dos outros elementos da sociedade e a responsabilidade não é especificamente esperada das crianças.

2.Dominância-submissão: de acordo com padrões de continuidade durante a socialização, algumas sociedades encorajam os seus jovens a desenvolver o domínio de áreas específicas como, por exemplo, a liderança em atividades de caça e pesca. Nas sociedades em que a socialização é descontínua, espera-se que as crianças sejam submissas a um grupo variado de pessoas, e não lhes são dadas oportunidades de exercício de domínio. Por este fato, quando chegam à vida adulta têm pouca experiência em comportamento de

dominância, os quais constituem, muitas vezes, um aspecto significativo dos papéis sociais dos adultos.

3. Atividade sexual - ausência de atividade sexual: de acordo com aspectos de continuidade, algumas sociedades autorizam uma grande variedade de atividades sexuais durante a adolescência. Na socialização descontínua, espera-se que as crianças se comportem como seres assexuados, freqüentemente até o casamento ou, pelo menos, até atingirem uma idade em que a sociedade aprova a sua atividade sexual. Desta forma, existem poucos ensinamentos e pouca experiência em termos de atividade sexual, socialmente aprovados antes de certas idades. Porém, espera-se que os adultos apresentem um comportamento sexual maduro e equilibrado¹⁵. (SPRINTHALL; COLLINS, 2003, p 22).

Essas três dimensões, também proporcionam uma maior compreensão da adolescência, como um período tenso e turbulento na sociedade ocidental, visto que nesta o sujeito sofre um processo de socialização descontínua, no que tange à tomada de responsabilidade, ao domínio de áreas específicas e à liberdade de vivência e expressão da sexualidade.

Na nossa sociedade há posturas e atividades, sociais e legalmente instituídas, que são atribuídas aos adultos e outras às crianças, parecendo-nos pertinente indagar o que cabe aos adolescentes? Dito de outra forma, na cultura ocidental haveria uma espécie de abismo provocado por uma quebra (descontinuidade) das atitudes que seriam delegadas ao infante daquelas próprias do mundo adulto e este abismo chama-se adolescência.

Este fato levou o psicólogo Kurt Lewin a descrever os adolescentes como seres "marginais". Uma vez que eles não pertencem, manifestamente, nem ao grupo social das crianças nem ao dos adultos, ele considerava que eram confrontados com expectativas ambíguas, e com direitos e privilégios pouco claros.

(SPRINTHALL; COLLINS, 2003, p 23).

Assim, na adolescência já seriam cobrados atitudes e comportamentos típicos da idade adulta, mas como se poderia estar preparado para responder a estas cobranças se em seu processo de socialização houve uma quebra social e cultural quanto ao desenvolvimento e adaptação individual? A descontinuidade tenderia a resultar em

¹⁵ Para maiores informações consultar: BENEDICT, R., **Continuities and discontinuities in cultural conditioning**, Psychiatry, 1938.

tensão e turbulência; já o desenvolvimento cultural contínuo e gradual tenderia a proporcionar uma maior possibilidade de adaptação e acomodação no desenvolvimento do sujeito.

A dificuldade, nessa fase da vida, de ingressar no mundo adulto, vai, portanto, além das mudanças físicas e psíquicas sofridas; parece haver, também, uma descontinuidade no processo de socialização e, diante disto, pode-se pensar que o adolescente tende a buscar mecanismos socializantes, como, por exemplo, as Tribos Urbanas, que lhe sirvam de suporte e facilitem o ingresso à vida adulta.

São desenvolvidos, então, novos processos de socialização que diferem dos vividos na infância, pois, nesta fase, já é possível desenvolver relações interpessoais e comportamentos sociais mais autônomos e cada vez mais independentes dos pais e de outros adultos que os cercam. O desenvolvimento social envolve: relações sociais mais independentes das figuras paternas, autonomia, busca pelos pares e capacidade de adaptar-se a novos grupos sociais.

No tocante às diferenças sociais (condições sócio-econômicas), pode-se, igualmente, dizer que elas influenciam o modo de vivenciar a adolescência. Segundo Becker (2003), adolescentes de diferentes classes sociais, numa mesma cidade, manifestam padrões de comportamento muito diversos. As possibilidades que a sociedade oferece a um adolescente de bom nível sócio-econômico e que teve uma estrutura familiar relativamente equilibrada, aliado a uma boa educação, são muito melhores se comparadas às que são oferecidas a um adolescente pobre, analfabeto, com pais desempregados, com vários irmãos, que precisa trabalhar para sustentar a família, para, pelo menos, não morrerem de fome. O autor afirma, também, que muitos adolescentes, devido a sua situação precária, se vêem obrigados a trabalhar.

Nesta busca por um emprego muitas vezes são explorados por empregadores inescrupulosos, laboram excessivamente e não recebem o mínimo, necessário, para se manter dignamente. Sem nenhum direito trabalhista e sem, ao menos, ter condições ao descanso e ao lazer, pois estes exigiriam tempo e dinheiro disponíveis.

Em parte, por falta de perspectivas, e freqüentemente, por necessidade, os jovens carentes podem terminar por seguir o caminho da criminalidade.

Freqüentemente, criminosos conseguem influenciar adolescentes, o que se agrava não só por viverem em situações de profunda carência, como devido aos apelos constantes de uma sociedade de consumo que, a partir do 'ter', dita quem pode "ser", ou seja, "seleciona" quem faz parte dela e quem está à margem. Assim, o adolescente carente estuda, trabalha, em alguns casos, rouba, passa fome, sofre maus tratos e é afetado por estímulos maciços de uma sociedade consumista e voltada para quem tem dinheiro; esta sociedade tende a tratar melhor quem apresenta um maior poder aquisitivo. Neste sentido, o ingresso, do adolescente no mundo da criminalidade e bandidagem não seria uma opção, mas a falta de possibilidade de escolhas.

Como comentado anteriormente, fica mais claro porque os jovens de um nível sócio-econômico carente não vivem os conflitos da adolescência da mesma forma, que um jovem de um nível social e econômico mais elevado. O adolescente desfavorecido precisa se preocupar com as suas necessidades mais prementes como alimentação, habitação e vestimentas, o que gera um aumento da insegurança, tensão e medo, típicos desta fase. Pode-se dizer que, na sociedade brasileira, a maioria dos adolescentes vive em condições subumanas. (BECKER, 2003).

Sendo assim, a adolescência, nas classes sociais desfavorecidas, tende a sofrer um encurtamento, pois o jovem se vê diante da necessidade de ajudar no sustento familiar. Entretanto, numa classe social economicamente elevada a adolescência tende a ser estendida, pois o jovem se sente apoiado e protegido, o que o leva a uma maior relação de dependência e, conseqüentemente, a um prolongamento deste período da vida.

Diante do que foi abordado, pode-se afirmar que o conceito de adolescência é algo relativamente novo e é fundamentalmente construído a partir de um campo de forças formado pelas dimensões orgânicas/fisiológicas, psicológicas, sociais, institucionais, econômicas e culturais. Ainda que as mudanças físicas ocorridas na puberdade possam ser consideradas universais, o mesmo não se pode dizer sobre a vivência da adolescência, na medida em que esta "toma corpo" a partir de um registro simbólico, social e cultural.

O conceito de adolescência proporcionou o surgimento de uma identidade adolescente e "encontrar uma identidade pode ser um meio de resolver um conflito psíquico e uma expressão de satisfação do desejo – se é que essa resolução é possível". (HALL, 1999, p.59).



2.1 A Construção da Identidade Adolescente

*Entre mim e o que em mim
É o quem eu me suponho
Corre um rio sem fim.*

Fernando Pessoa

A família é o primeiro grupo social que acolhe, respeita, reconhece e identifica o sujeito; é ela que proporciona condições básicas e indispensáveis para que, mais adiante, o sujeito inicie sua jornada em busca do encontro de si mesmo.

Essa jornada inicial, na busca de si mesmo, pode ser chamada de adolescência; esta fase é marcada pelo abandono da atitude infantil e, conseqüentemente, o ingresso no mundo adulto. Mas para que isto ocorra faz-se necessário que haja um afastamento/separação emocional do adolescente em relação à família, levando-o a ampliar seu universo de convivência, e permitindo-lhe vivenciar novas experiências. O contato com outras pessoas, outros valores e normas distintas das seguidas no seio familiar é possibilitador de crescimento pessoal, e ainda, da construção da identidade adolescente.

Entretanto, tal afastamento pode provocar conflitos durante o processo de construção de identidade do adolescente, pois se os pais sentem dificuldade em se adaptar às mudanças que ocorrem em seus filhos, tentando "mantê-los" como crianças, é possível que tal distanciamento seja conturbado, doloroso e difícil para todos. Mas se os pais são capazes de estabelecer uma boa relação entre si e entre os seus filhos, entenderão e "permitirão" que estes passem por este processo de separação de forma mais tranqüila.

Mas, numa sociedade em que a infância foi encurtada, a adolescência sofreu um prolongamento e alguns adultos vivem uma espécie de adultescência¹⁶ (ROWAN, apud

¹⁶ De acordo com David Rowan (apud OUTEIRAL, 2001, p.110), Adultescência é um termo designado para pessoas imbuídas de cultura jovem, mas com idade para não o ser. Geralmente têm entre 35 e 40 anos, e não aceitam o fato de estarem deixando de ser jovens.

OUTEIRAL, 2001, p.110) como se daria o processo de identificação que possibilitaria ao adolescente construir sua identidade?

Para uma melhor compreensão do termo adultescência, Parolin (2001, p.115, grifo do autor) afirma que:

Se por um lado temos um número significativo de adultos que se referem aos adolescentes como "aborrecentes" e querem distância deles, por outro temos adultos que consideram uma conquista o acesso ao referido grupo. Não é raro nos depararmos com adultos "ficando com e como adolescentes", imitando seu modo de vestir, vocabulário e, inclusive, freqüentando lugares próprios dessa faixa etária. A mídia tem propagado o termo adultescência como um novo comportamento ou maneira de ser, ligados a esse momento histórico que estamos vivendo.

Desse modo, na falta de figuras bem definidas, que sirvam de modelos identificatórios, necessários ao processo de construção da identidade adolescente, como esta construção se daria?

De acordo com Oliveira (2007, p.21):

O gradual afastamento do adolescente em relação às figuras parentais e aos educadores demanda que o adolescente encontre na sociedade outros modelos e valores sólidos nos quais se possa apoiar até a consolidação da identidade.

Dessa forma, o adolescente sente a necessidade de imergir no social e de buscar outras figuras de apoio com quem possa se identificar, (se) reconhecer e ser reconhecido.

O "grupo de iguais" é a caixa de ressonância ou continente para as ansiedades existenciais do adolescente. Na medida em que, pela necessidade de cristalizar suas identidades adultas e afirmar-se como indivíduos autônomos deixam de utilizar os pais ou sub-rogados desses (tais como os professores e adultos em geral) como modelos de identificação, têm os adolescentes necessidades de buscar novas pautas identificatórias no seu grupo de iguais, cujos líderes tomam provisoriamente o lugar das imagens parentais idealizadas. Isto explicaria a natural e espontânea tendência à formação de grupos entre adolescentes, pois nos grupos surge um clima propício ao intercâmbio e confronto de experiências que permite a seus componentes uma melhor identificação dos limites entre o *eu* e o *outro* [...]. (OSÓRIO, 1989, p.20, grifo do autor).

O grupo surge, então, como instrumento possibilitador de reconhecimento e acolhimento. O adolescente procura a vida grupal, dentre outros motivos, por esta favorecer a construção da sua identidade, uma vez que é no grupo que o jovem pode melhor se identificar com outras pessoas, estabelecer relações interpessoais, iniciar sua vida sexual, enfim, experienciar novas situações.

O grupo de pares parece constituir um contexto interativo com regras menos rígidas que as da família de origem, que se oferece como contexto de experimentação, concedendo ao adolescente ensaiar alternativas subjetivas, com maior margem de possibilidades que as oferecidas pela família. (ASSUNÇÃO; CAMILO; OLIVEIRA, 2003, p.7).

Desse modo, o grupo atuaria como mediador de processos subjetivos, psíquicos e sociais, exercendo uma função intermediária entre a infância e o posterior ingresso no mundo adulto.

Segundo Erikson (1976, p. 21):

Em termos psicológicos, a formação da identidade emprega um processo de reflexão e observação simultâneas, um processo que ocorre em todos os níveis do funcionamento mental, pelo qual o indivíduo se julga a si próprio à luz daquilo que percebe ser a maneira como os outros o julgam, em comparação com eles próprios e com uma tipologia que é significativa para eles; enquanto que ele julga a maneira como eles o julgam, à luz do modo como se percebe a si próprio em comparação com os demais e com os tipos que se tornaram importantes para ele.

Como já dito, para a construção de uma identidade adolescente faz-se necessário um gradual afastamento emocional e psicológico da família e, conseqüentemente, ingresso na sociedade. Através deste processo, o jovem pode se perceber através dos olhos dos outros e, assim, formar uma nova imagem de si mesmo; esta possibilita o alicerce para a construção da sua identidade.

Neste sentido, é perceptível a importância, para o adolescente, da pertença a um grupo, uma vez que este media os processos de identificação e de diferenciação necessários a estruturação da identidade.

De acordo com Hall (1999, p.39)

A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é "preenchida" a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros.

É interessante perceber e salientar a forma como Stuart Hall (1999), importante estudioso do conceito de identidade, concebe a mesma; para este autor a estruturação/consolidação de uma identidade carece de algo exterior, ela "sofre" de uma "falta de inteireza" que precisa ser "ocupada" a partir das relações interpessoais estabelecidas e dos processos subjetivos inerentes a estas, ou seja, a partir de uma socialidade.

No tocante ao social, é possível afirmar que a sociedade "exige", inclusive do adolescente, papéis bem definidos, cobrança que, nesta fase, pode gerar maiores conflitos, pois o adolescente ainda se encontra num processo de construção da sua identidade. Acrescente-se a isto a postura natural de oposição frente ao que foi instituído pela família e pela sociedade, como forma de provocar fissuras; abertura para um espaço onde ele possa se constituir como sujeito, ser ele mesmo. O adolescente, no movimento de busca da sua identidade, muitas vezes, entra em confronto com a cultura vigente, pois, primando pela tradição e conformidade, a sociedade tende a reprimir as posturas questionadoras, contestadoras e criativas do jovem.

De acordo com Enriquez (2001, p. 65):

Toda instituição, enquanto elemento da regulação social, visando à repetição, ao idêntico e à reprodução das relações sociais é, sob certos aspectos, sintoma do trabalho da pulsão de morte (compulsão à repetição). Ela é o que impede a tomada de consciência das relações sociais reais e das relações humanas autênticas; ela é, enfim, a sedimentação das relações de poder e das estratégias que, no passado, deram certo.

Desse modo, a sociedade contemporânea tenta reprimir e manipular o adolescente através de ilusões e prazeres imediatos.

A cultura de massa produz, exatamente, indivíduos: indivíduos normalizados, articulados uns aos outros segundo sistemas hierárquicos, sistemas de valores, sistemas de submissão – não sistemas de submissão visíveis e explícitos, como na etologia animal, ou como nas sociedades arcaicas ou pré-

capitalistas, mas sistemas de submissão muito mais dissimulados. [...] o que há é simplesmente uma *produção* de subjetividade. [...] uma produção da subjetividade inconsciente. [...] essa poderosa máquina capitalista produz, inclusive, aquilo que acontece conosco quando sonhamos, quando devaneamos, quando fantasiemos, quando nos apaixonamos e assim por diante. Em todo caso, ela pretende garantir uma função hegemônica em todos esses campos. [...] poderíamos chamar de "processos de singularização": uma maneira de recusar todos esses modos de encodificação preestabelecidos, todos esses modos de manipulação e de telecommando, recusá-los para construir modos de sensibilidade, modos de relação com o outro, modos de produção, modos de criatividade que produzam uma subjetividade singular. Uma singularização existencial que coincida com um desejo, com um gosto de viver, com uma vontade de construir o mundo no qual nos encontramos, com a instauração de dispositivos para mudar os tipos de sociedade, os tipos de valores que não são os nossos. (GUATTARI; ROLNIK, 2005, p. 22-23, grifo do autor).

Nesse sentido, pertencer a uma Tribo Urbana poderia se constituir como dispositivo de insubordinação criativa, construindo, assim, "espaços de existir", "brechas existenciais", ou como dito pelos autores acima citados: "processos de singularização"¹⁷; estes seriam espécies de fendas, no sistema instituído, que possibilitam outros modos de ser, dito de outra forma, modos autênticos de ser.

Desde esta perspectiva, as Tribos Urbanas possibilitariam em meio à massificação do "ser", espaços propiciadores de outros modos de (se)ver, pensar e sentir entre semelhantes. Podendo ser um importante subsídio na edificação de uma identidade adolescente. Adotando-se o ponto de vista proposto por Woodward (2000), a respeito da identidade, é plausível afirmar que as Tribos Urbanas atuam nos níveis social, simbólico e psicológico. A este respeito o autor afirma:

O nível psíquico também deve fazer parte da explicação; trata-se de uma dimensão que, justamente com a simbólica e a social, é necessária para uma completa conceitualização da identidade. (WOODWARD, 2000, p.15).

Neste sentido, a Tribo Urbana atuaria como possibilitador de processos identificatórios e estruturantes da construção da identidade, como fio condutor de sentimentos de pertença e reconhecimento.

A respeito disto Friedenberg (apud CAMPOS, 1987, p.33) afirma que:

¹⁷ Sobre o termo proposto por Félix Guattari e Suely Rolnik (2005); para aprofundamento, recomenda-se o livro: *Micropolíticas: cartografias do desejo*.

A formação da identidade adolescente realiza-se, principalmente, através de conflito com a sociedade. Considerando que a moderna sociedade tecnológica enfatiza a conformidade e a institucionalização, idealiza a organização do homem, destrói a individualidade e entra em conflito com aquilo de que depende a autodefinição adolescente, naturalmente esta sociedade é amargamente hostil e destrutiva, em relação aos objetivos positivos da adolescência.

Assim, em um sentido diametralmente oposto, a nossa cultura oferece muitas possibilidades de escolhas, mas, paradoxalmente, tolhe o adolescente de fazê-las; desejam um adolescente autônomo, mas lhe recusam esta autonomia. Apesar de toda uma amplitude de possibilidades oferecidas pela sociedade, ela impõe regras de conduta que têm por objetivo normalizar e normatizar o adolescente.

Suprimir as contradições, esquivar o adolescente dos conflitos, ao invés de utilizá-lo como meio de desenvolvimento e compreensão de si mesmo. Padronizar e massificar o sujeito ao invés de cultivar as diferenças individuais, impossibilita ao sujeito poder desenvolver-se de uma forma livre e criativa, acarretando sofrimento, incompreensão e preconceito a esta etapa da vida. (BECKER, 2003).

Neste ponto, faz-se necessário definir, de forma mais clara, o que seria identidade. No tocante a este tema a literatura aponta para dois sentidos: aquele que percebe a identidade como algo definido e definidor e outro, que concebe a identidade como algo fluido e passível de mudança.

No tocante ao primeiro sentido Osório (1989, p.15) afirma que:

A identidade é o conhecimento por parte de cada indivíduo da condição de ser uma unidade pessoal ou entidade separada e distinta dos outros, permitindo-lhe reconhecer-se o mesmo a cada instante de sua evolução ontológica e correspondendo, no plano social, à resultante de todas as identificações prévias feitas até o momento considerado.

Neste caso, a identidade seria, resumidamente, a consciência que o sujeito tem de si mesmo como um "ser-no-mundo" e de sua realidade; é a criação de um sentimento interno de "próprio corpo" e da subjetividade que partem da representação de si-mesmo.

Em um outro sentido, o sociólogo Stuart Hall (1999, p.13, grifo do autor) concebe a identidade como:

[...] uma "celebração móvel" formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam [...] O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. [...] se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda história sobre nós mesmos ou uma confortadora "narrativa do eu". A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar- ao menos temporariamente.

Para este estudioso a identidade estaria sofrendo um processo de crise. As transformações estruturais ocorridas nas sociedades modernas têm fragmentado antigos referenciais que possibilitavam, ao indivíduo, a estruturação e a construção da identidade pessoal; estas abalam a concepção e o sentido, estáveis, que o sujeito, outrora, tinha de si mesmo; o processo de fragmentação bem como suas conseqüências podem ser denominadas de deslocamento ou "descentração dos indivíduos"¹⁸.

A respeito disto, Mercer, (1990, p. 4 apud WOODWARD, 2000, p.19) afirma que "Quase todo mundo fala agora sobre 'identidade'. A identidade só se torna um problema quando está em crise, quando algo que se supõe ser fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza."

É importante ressaltar que as concepções de identidade foram mudando de acordo com as transformações simbólicas e de paradigmas que ocorreram ao longo do processo histórico-social. De forma que, Hall (1999) indica três concepções de identidade: do sujeito do iluminismo, do sujeito sociológico e do sujeito pós-moderno.

O sujeito do iluminismo compreendia o indivíduo tomado de razão, unificado, centrado, dotado de capacidade de consciência e de ação; de forma que "o centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa". (HALL, 1999, p.11).

A partir da percepção de que o sujeito é formado através da relação com outras pessoas que mediam os valores, normas e símbolos de uma determinada sociedade/cultura, origina-se a noção do sujeito sociológico.

¹⁸ Termo utilizado por Stuart Hall na p.9 do seu livro: **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com "outras pessoas importantes para ele" [...]. De acordo com essa visão, que se tornou a concepção sociológica clássica da questão a identidade é formada na "interação" entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o "eu real", mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais "exteriores" e as identidades que esses mundos oferecem. (HALL, 1999, p.11, grifo do autor)

Nessa concepção, a identidade é concebida como algo que exerce função de ocupar o espaço entre o que é exterior e interior; dito de outro modo, entre o que é pessoal/individual e público/coletivo, dando origem a uma identidade fixa e permanente.

No entanto, à medida que o mundo moderno se tornou mais complexo esta concepção de sujeito entrou em crise, bem como o conceito de identidade. A concepção de identidade do sujeito pós-moderno sofre uma espécie de "deslocamento" ou "descentramento" criando, assim, espaços para a formação de identidades múltiplas e cambiantes. Desse modo, concebemos uma identidade sempre em processo, mutante e inacabada. É como se a identidade pudesse ser, simbolicamente, comparada a um fio condutor que transpassa toda existência do sujeito, permitindo ao mesmo a construção de um senso de continuidade e de reconhecimento de si mesmo, é o "saber quem sou".

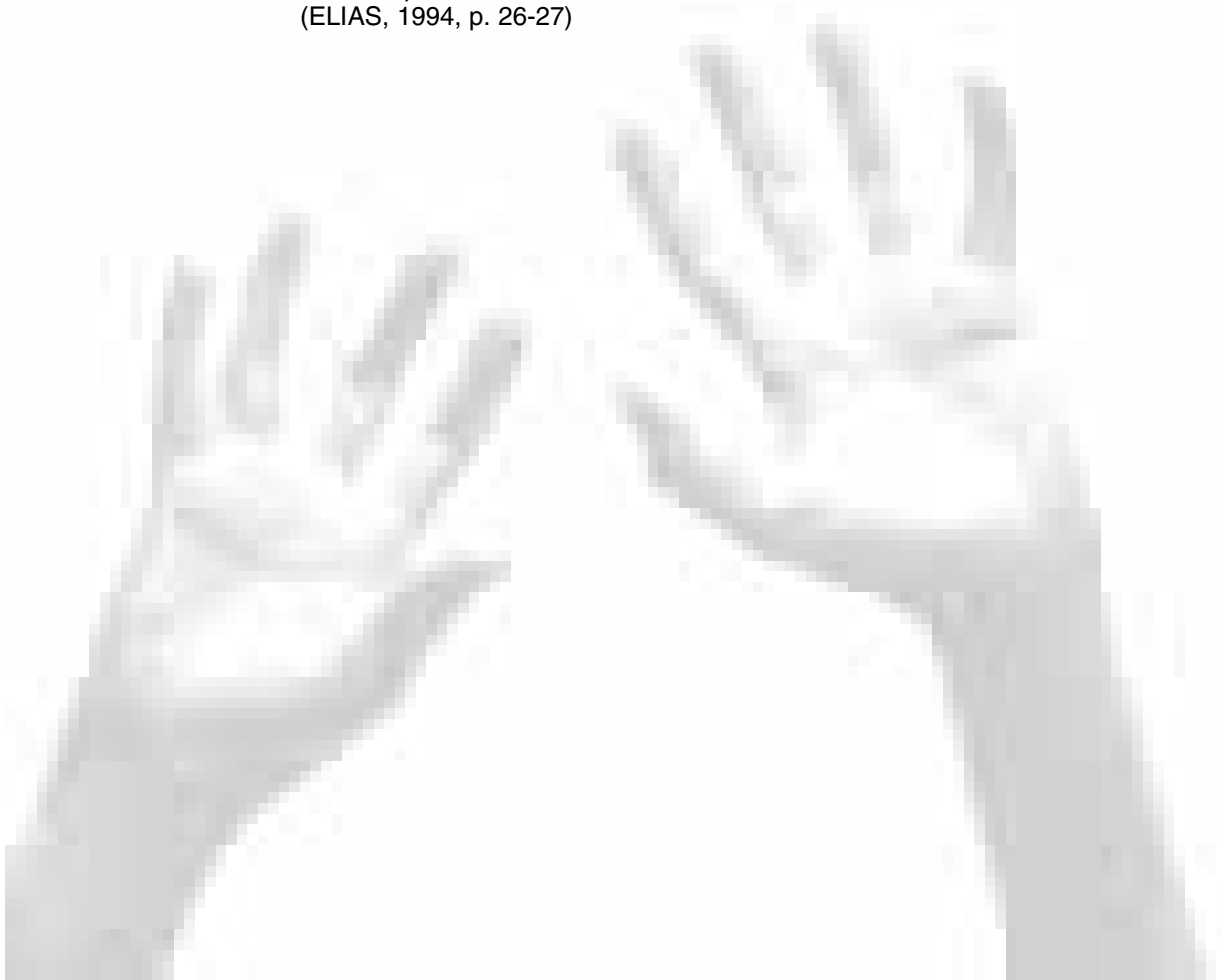
Neste aspecto, trilhando o caminho que alicerça a busca da compreensão do sentido e da construção da identidade, foi possível perceber que não existe um conceito uno e imutável que abarque todo o significado desta, pois, uma vez alcançado-o, o mesmo dissolve-se como castelos de areia, possibilitando, em seguida, novas construções.

Este argumento encontra apoio em Tomaz da Silva (2000, p.84) quando este afirma que

O processo de produção da identidade oscila entre dois movimentos: de um lado, estão aqueles processos que tendem a fixar e a estabilizar a identidade; de outro, os processos que tendem a subvertê-la e a desestabilizá-la. É um processo semelhante ao que ocorre com os mecanismos discursivos e lingüísticos nos quais se sustenta a produção da identidade. Tal como a linguagem, a tendência da identidade é para fixação. Entretanto, tal como ocorre com a linguagem, a identidade está sempre escapando. A fixação é uma tendência e, ao mesmo tempo, uma impossibilidade.

Além da compreensão de que o processo de construção da identidade é flutuante, repousa a idéia de que ele também é relacional e afetado por dimensões psíquicas, culturais, sociais, históricas, econômicas e institucionais.

[...] o ser humano singular é gerado e partejado por outros seres humanos. Quaisquer que tenham sido os ancestrais da humanidade, o que vemos, até onde nos é possível divisar no passado, é uma cadeia ininterrupta de pais e filhos, os quais, por sua vez, se tornam pais. E não se pode entender como e por que os indivíduos se ligam numa unidade maior, uns através dos outros e com os outros, quando se oculta de si mesmo essa percepção. Todo indivíduo nasce num grupo de pessoas que já existiam antes dele. [...] Uma das condições fundamentais da existência humana é a presença simultânea de diversas pessoas inter-relacionadas."
(ELIAS, 1994, p. 26-27)



3 SOBRE A TRIBALIZAÇÃO

Insistiram tanto na desumanização, no desencantamento do mundo moderno, na solidão que este engendra, que não conseguem mais ver as redes de solidariedade que nele se constituem.

Michel Maffesoli

Se nos fosse possível voltar no tempo poderíamos presenciar os primeiros agrupamentos que possibilitaram a perpetuação da existência humana. Foi através do convívio em tribos que os nossos primitivos ancestrais criaram redes de pertencimento, proteção e condições de sobrevivência em um meio hostil. Eles precisavam procriar, se alimentar, desenvolvendo em grupo estratégias de caça e, sobretudo, estarem atentos para não se tornarem "a caça" da vez de possíveis predadores, criando-se, assim, os grupos de pertencimento.

A respeito das tribos na pré-história, a socióloga Leandra Brito de Jesus (2007, p. 1) afirma que:

Uma tribo, porém, acabava gerando outra conforme seus novos membros se tornavam mais velhos. Os jovens passaram a criar as próprias maneiras de enfrentar a natureza, e os adultos, muitas vezes, não aceitavam essas novas idéias. Os jovens, então, partiam para novos lugares, encontravam novos grupos e formavam novas tribos. Aos poucos, isso fez com que não fosse mais necessário haver relações sexuais nas próprias tribos, para que os diversos grupos pudessem se interar melhor. Esses vários genes (tribos) são várias sociedades que vão surgindo¹⁹.

É interessante notar que apesar dos anos de evolução que separam o jovem primitivo do contemporâneo, ainda assim, é possível estabelecer uma correlação entre as atitudes desses. Assim como aquele, o jovem contemporâneo tende a criar novos meios de enfrentar/se adaptar à natureza e esta postura, nova, faz com que ele precise se afastar dos membros da antiga "tribo", neste caso a família, para encontrar espaços onde possa ser possível exercitar (e exercer) uma posição ativa e independente diante

¹⁹ Mais informações sobre esse assunto: <http://www.2.metodista.br/outraspalavras/consumo.htm>. Acesso em 27 mar. 2007.

da vida; isto o impulsiona à procura de uma outra tribo (de semelhantes), onde suas novas idéias, posturas e reflexões possam ser acolhidas e compreendidas.

A respeito dos agrupamentos humanos Norbert Elias (1994, p.24) propõe um mito de origem que ilustra o tema em questão:

No começo, diríamos, havia, não uma única pessoa, mas diversas pessoas que viviam juntas, causavam-se prazer e dor, assim como fazemos hoje, vinham à luz umas através das outras e legavam umas às outras, como nós, uma unidade social, grande ou pequena.

Percebe-se, portanto, o quanto é notável que os agrupamentos com o objetivo de propiciar perpetuação, segurança e reconhecimento não são movimentos recentes, eles existem desde a pré-história e foram necessários para a evolução e propagação da espécie humana. Pois, "Os seres humanos são parte de uma ordem natural e de uma ordem social" (ELIAS, 1994, p. 41).

Para este autor (1994, p. 36):

[...] as idéias, convicções, afetos, necessidades e traços de caráter produzem-se no indivíduo mediante a interação com os outros, como coisas que compõem seu "eu" mais pessoal e nas quais se expressa, justamente por essa razão, a rede de relações de que ele emergiu e na qual penetra. E dessa maneira esse eu, essa "essência" pessoal, forma-se num entrelaçamento contínuo de necessidades, num desejo e realizações constantes, numa alternância de dar e receber. É a ordem desse entrelaçamento incessante e sem começo que determina a natureza e a forma de ser humano individual. Até mesmo a natureza e a forma de sua solidão, até o que ele sente como sua "vida íntima", traz a marca da história de seus relacionamentos – da estrutura da rede humana em que, como um de seus pontos nodais, ele se desenvolve e vive como indivíduo.

Neste ponto, de acordo com o exposto, é importante questionar o que significa 'tribo'? Como um termo que designa agrupamentos antigos e sociedades tribais, como por exemplo, as indígenas, pode ser usado para designar os agrupamentos contemporâneos e situados nas grandes metrópoles?

De acordo com o Dicionário Virtual Miniaurélio o termo 'tribo' pode indicar cada uma das subdivisões de certos povos da Antiguidade (como os romanos e os hebreus); ou ainda, partindo de uma definição antropológica, grupo social com relativa coesão territorial, lingüística e cultural, sem autoridade central nem organização política fortes e que pode incluir famílias ou subgrupos em estreita interação. Para Pais (2004, p. 12-13):

Tribo é um elemento de composição de palavras que exprime a idéia de atrito (do grego tribé), isto é, a resistência de corpos que se opõem quando se confrontam. Esta dimensão de resistência grupal substantivamente ligada à idéia de atrito, encontra-se presente no fenômeno das tribos urbanas.

Mas de que forma a idéia de tribo, enquanto atrito, se dá nos fenômenos grupais contemporâneos, intitulado de Tribos Urbanas? E ainda, como um termo (atrito) que, segundo o Dicionário Virtual Miniaurélio indica: desavença, fricção entre dois corpos, possibilita estabelecer uma analogia com as Tribos Urbanas?

Para Pais a forma como tais fenômenos urbanos se expressam e o modo como seus participantes se agregam, se organizam e se movem ilustram bem a idéia de atrito quando sua postura/atitude diante da vida é percebida, pela sociedade, de modo geral, como confrontativa, subversiva, marginal e, em alguns casos, inaceitável. Tal fato gera, dessa forma, atrito com o socialmente instituído, uma vez que a ordem dominante é questionada e afrontada provocando reações de controle, repressão e exclusão para com os integrantes das Tribos Urbanas; estes, por conseguinte, se unem em um movimento de resistência grupal à adversidade em busca de integração social.

[...] entre as chamadas «tribos urbanas» a subversão está também estreitamente ligada à conversão. Por outras palavras, as «tribos» geram um sentimento de pertença que assegura marcos conviviais que são garante²⁰ de afirmações identitárias. Por isso, nas chamadas «tribos» encontramos manifestações de resistência à adversidade, mas também vínculos de sociabilidade e de integração social. Se os indivíduos que integram algumas tribos urbanas se distanciam de determinados padrões sociais, não é propriamente com o objetivo de se isolarem de tudo o que os rodeia, mas para se reencontrarem com grupos de referência mais próximos dos seus ideais. (PAIS, 2004, p.17)

Diante do exposto, é possível afirmar que embora o conceito 'Tribo' designe, em sua origem, a forma como nossos ancestrais se agregavam com seus semelhantes, a necessidade de pertencência, por ser constitutiva do humano, permanece ainda hoje.

Dessa forma:

Os termos "tribos" ou tribalismo parecem-me mais adequados para traduzir as identificações sucessivas derivadas dessas matrizes comuns que são as megalópoles. Assim como as tribos primitivas se identificavam ao meio ambiente e através disso ao meio social, com o qual partilhavam a natureza, nas selvas de pedra da "civilização do asfalto", as tribos contemporâneas comungam com seus bairros, ruas, lugares de encontro e criam assim uma socialidade específica impossível de ser compreendida com nossos clássicos e

²⁰ Foi mantida a grafia original do texto do autor português.

demasiadamente racionais instrumentos de análise. Há um imaginário da cidade, do espaço, que suscita imaginários tribais, nos quais o fantasma, o desejo, a nostalgia, a utopia têm a sua parte, longe de ser desprezível. (MAFFESOLI, 2005, p.190).

O termo 'Tribos Urbanas' foi uma metáfora proposta pelo sociólogo Michel Maffesoli, há cerca de duas décadas, para designar redes comunitárias (urbanas) de pessoas que partilham afetos, interesses, experiências, conhecimentos e objetivos em comum. Sua intenção, ao propor esta metáfora, era observar a metamorfose que o vínculo social vinha sofrendo e, na atualidade, tal termo é retomado sem perder de vista as diferenças pertinentes às tribos primitivas e às tribos urbanas; ressaltando e contextualizando o seu uso enquanto metáfora.

Como forma de demarcar esta diferença, Araújo (2004 apud MAFFESOLI, 1987, p. 106) entende que:

[...] as neotribos²¹ diferenciam-se das antigas *tribus* em muitos aspectos: enquanto para estas o pertencimento jamais se constituiu uma questão de escolha pessoal, para aquelas a adesão e a participação são optativas; os vínculos de "filiação" são efêmeros, contingentes e fáceis de ser dissolvidos; as neotribos se formam mais por uma questão de empatia de *feeling* e podem desaparecer assim que o elemento de atração e de interesse se dissolve.

O antropólogo brasileiro José Guilherme Magnani (1992), em seu artigo Tribos Urbanas: metáfora ou categoria? Problematiza e critica a utilização indiscriminada e ambígua da expressão Tribos Urbanas, seja pela mídia ou pelo meio científico. Ressalta as limitações e particularidades relativas ao emprego desta expressão, indicando a possibilidade de que seu uso possa ser mais metafórico do que conceitual.

Isso não quer dizer que não se possa empregar o termo com algum proveito, mas é necessário estar atento para as limitações e as particularidades inerentes a essa forma de utilização. Uma dessas limitações deve-se a um mal-entendido entre o sentido que se atribui ao termo "tribo" nos estudos tradicionais de etnologia - que aponta para alianças mais amplas entre clãs, segmentos, grupos locais etc. - e seu uso para designar grupos de jovens no cenário das metrópoles, que evoca exatamente o contrário: pensa-se logo em pequenos grupos bem delimitados, com regras e costumes particulares, em contraste com o caráter massificado que comumente se atribui ao estilo de vida das grandes cidades. Não se pode descartar, ademais, a carga de preconceito em leituras que vêm disputas de gangues como "conflitos tribais". Além das matérias de jornal, das reportagens de televisão e de documentários sobre a vida na

²¹ Na expressão 'neotribos' como alusão as Tribos Urbanas; o autor estabelece uma correlação entre as primitivas tribos e a "nova" tribalização que se configura na contemporaneidade.

metrópole em que a expressão "tribos urbanas" geralmente é empregada de forma unívoca e acrítica, ela pode ser encontrada também, com diferentes graus de elaboração, em teses, livros e artigos acadêmicos. (MAGNANI, 2005, p. 3).

Esta forma indiferenciada de contextualizar os variados movimentos juvenis pode ser observada principalmente quando tais grupos são atores de violência e agressão. Percebe-se, nesses casos, que estes agrupamentos são rotulados pejorativamente e sem um conhecimento mais aprofundado, de "Tribos Urbanas", contribuindo, assim, para a construção de uma visão negativa e repleta de preconceitos acerca das Tribos Urbanas propriamente ditas. Não se objetiva, com isso, negar os atos de violência praticados, na atualidade, por jovens, mas pretende-se alertar que a mídia provida de um conhecimento, muitas vezes superficial, lança sementes de desrespeito, preconceito e intolerância e que, em um futuro próximo, podem germinar como frutos de mais violência.

Neste ponto do trabalho, com o intuito de tornar o tema em questão mais compreensível, faz-se necessário relatar, de modo breve, denominações e conceitos para outros modos de socialidade juvenil; Zaluar (apud TAKEUTI, 2002) tece considerações a respeito das gangues, ou quadrilhas, e das galeras.

As gangues teriam sua origem nos movimentos étnicos juvenis nos bairros pobres dos Estados Unidos; tais movimentos eram permeados por conflitos violentos que envolviam posições hierárquicas e relações com organizações criminosas. No contexto contemporâneo brasileiro as gangues ou quadrilhas estão relacionadas, também, a movimentos agressivos, delinquentes, com uma estrutura organizacional hierárquica e em muitos casos, ligadas à organizações criminais propriamente ditas.

No caso das galeras, não há uma estrutura organizacional e nem estão, necessariamente, ligadas ao mundo do crime. Estas têm a função de possibilitar um "estar-junto" e os jovens podem, ou não, estarem envolvidos em atitudes lúdicas e/ou transgressivas.

Esta explicitação não tem o intuito de atribuir um contorno romântico e idealizado às Tribos Urbanas no sentido de que nelas não há violência. Ao contrário, sabemos que a violência é um fenômeno social contemporâneo, mas o que se pretende enfatizar

como uma das principais características das Tribos Urbanas é o seu sentido de pertença.

Evidentemente, essas diferenças ficam preservadas unicamente no âmbito conceitual de uma literatura especializada na problemática juvenil e do mundo da experiência dos próprios sujeitos participantes dessas formações grupais, pois no senso comum e na mídia, em geral, não só confundem-se os diferentes termos, como condenam-se todos, considerados partícipes de uma "só panela". Não se faz diferença entre o jovem efetivamente investido na "carreira do crime" e o jovem pobre para quem a sociabilidade passa necessariamente pelo "estar juntos nas ruas" [...]. (TAKEUTI, 2002, p.286)

Vale salientar que os comentários tecidos acerca das galeras e gangues são breves e, de alguma forma, restritos e não se pretende, no corpo deste trabalho, aprofundá-los, uma vez que não é este nosso objetivo.

Ainda a respeito do uso indiscriminado da expressão 'tribos urbanas', Maffesoli (2006, p. 4) afirma que:

Os mercenários têm se apropriado dele. Alguns intelectuais (às vezes são os mesmos) aceitam conceder-lhe a importância que ele tem. Os jornalistas, claro, utilizam-no imoderadamente. Não podem agir de outro modo. A realidade do tribalismo aí está, ofuscante, para o melhor e o pior. Realidade a que não é possível escapar, e que não é limitada a uma área geográfica particular. Mas ainda é preciso pensá-la.

Partindo das observações deste autor sobre as transformações nos vínculos sociais, é possível afirmar que muito tem se discutido e pesquisado acerca do indivíduo e do individualismo na contemporaneidade; mas, é igualmente importante destacar que novas configurações sociais vêm se delineando, e reforçando, a dimensão comunitária das relações sociais na atualidade.

O indivíduo não é mais uma entidade estável provida de identidade intangível e capaz de fazer sua própria história, antes de se associar com outros indivíduos, autônomos, para fazer a História do mundo. Movido por uma pulsão gregária, é, também, o protagonista de uma ambiência afetual que o faz aderir, participar magicamente desses pequenos conjuntos escorregadios que propus chamar de *tribos*. (MAFFESOLI, 2005, p.14).

Para além de um modo cristalizado que paralisa a percepção da socialidade, é possível afirmar que com o passar do tempo um processo de desindividualização e saturação do conceito de indivíduo/individualismo vem se instaurando e a metáfora da

Tribo, proposta por este sociólogo, possibilita uma compreensão acerca das relações estabelecidas no seio desses agrupamentos urbanos.

O mundo estaria entrando numa fase tribal, uma volta a valores que a modernidade julgava enterrados. Na pós-modernidade, os homens estariam adotando um ponto de vista mais emotivo em relação ao mundo. Eles estariam dando lugar ao prazer e à emoção, resgatando uma sensibilidade diferente entre as novas gerações. A proposta de Maffesoli é a de que este novo paradigma venha substituir o paradigma do individualismo na compreensão da sociedade contemporânea, pois, ele está "baseado na necessidade de solidariedade e de proteção que caracterizam o conjunto social". Desta forma, a metáfora da tribo da qual o autor se utiliza nos permite dar conta do processo de desindividualização e da valorização do papel que cada pessoa (persona) é chamada a representar dentro da tribo. (MAFFESOLI, 2000, p.50 apud QUARESMA, 2005, p.86, grifo do autor).

Considerando estes novos agrupamentos, Maffesoli (2006, p.35) propõe que as Tribos Urbanas se tornem objeto de estudos e pesquisas na medida em que é necessário problematizar: O que são as Tribos Urbanas? Quem são os seus integrantes? O que têm em comum? O que os une? Objetivam dizer algo através de um determinado visual? Dentre outros questionamentos.

Sobre isto afirma que:

[...] quando se fala do narcisismo, ele está no cerne de numerosos livros, artigos, teses, que abordam do ponto de vista psicológico, é claro, mas também histórico, sociológico ou político. É de certa forma um trajeto obrigatório para quem pretende contribuir com seu tijolo para a edificação de um saber sobre a modernidade. Isso, certamente, não é inútil. Mas cria problemas quando esse individualismo se torna, por força das circunstâncias, o abre-te sésamo explicativo de numerosos artigos jornalísticos, de discursos políticos ou de proposições moralistas. Todos eles, sem dar a mínima importância à prudência ou aos matizes eruditos, difundem um conjunto de pensamentos convencionais, e um tanto catastrofistas, sobre o ensimesmamento, sobre o fim dos grandes ideais coletivos ou, compreendido no seu sentido mais amplo, sobre o fim do espaço público.

Não contrariando e/ou discordando do que muito já se falou (e ainda se fala) do individualismo/narcisismo, mas ampliando o sentido das coisas que nos cercam, é importante salientar que as Tribos Urbanas pregam a vivência dos espaços públicos e dos ideais e valores coletivos, a partilha de sentimentos e de outros modos de ser.

Contrariamente àqueles que lamentam o fim dos grandes valores coletivos e a retração para o indivíduo, que, abusivamente, vinculam com a importância dada à vida quotidiana a nossa hipótese é, justamente, que o fato novo a destacar (e em desenvolvimento) parece ser a multiplicação dos pequenos grupos de redes

existenciais. Espécie de tribalismo que se baseia, ao mesmo tempo, no espírito de religião (re-ligare) e no localismo [...]. (MAFFESOLI, 2006, p.82).

Nesse sentido é pertinente afirmar que apesar do individualismo/narcisismo vividos no seio dos vínculos sociais, novos espaços de socialidade vêm se configurando ao longo de algumas décadas; as Tribos Urbanas são exemplo destes outros modos de 'estar', coletivo, vivência de emoções, paixões e sentimentos compartilhados.

Dessa forma, de acordo com Quaresma (2005, p. 87):

[...] as pessoas estão se reagrupando em microtribos e buscando novas formas de solidariedade, que não são encontráveis necessariamente nas grandes instituições sociais habituais. O tribalismo refere-se, conseqüentemente, a uma vontade de "estar-junto", onde o que importa é o compartilhamento de emoções em comum. Isso vai compor o que Maffesoli denomina como "cultura do sentimento", formada por relações tácteis, por formas coletivas de empatia. Essa "cultura do sentimento" tem como única preocupação o presente vivido coletivamente.

Essa cultura do sentimento é regida pelo que Maffesoli denomina de 'aura estética', que pode ser traduzido pelo 'sentir comum' ou dito de outro modo, pelo sentimento partilhado pelos integrantes de uma tribo urbana; para este sociólogo esta forma de relação social vem se confirmando e consolidando; isto é o que rege as relações sociais na contemporaneidade. A respeito disto Quaresma (2005, p.87-88) afirma que:

O neotribalismo corresponderia a uma espécie de resposta a uma sociedade fragmentada, fria, individualista, competitiva e burocrática, onde a vivência no interior das tribos abre a possibilidade de um encontro afetivo, a criação de um espaço de dissidência e de um canal simbólico de expressão identitária.

Desse modo, as comunidades de sentido denominadas Tribos Urbanas são provenientes (enquanto alternativas de outros modos de ser, estar e se relacionar) de uma sociedade narcisista, consumista e individualista. Neste sentido, em meio a desigualdades e a tantos extremos, as Tribos Urbanas se constituem como possibilidade de acolhimento, identificação, segurança e partilha, sobretudo, de sentimentos.

4 A ESCUTA DA EXPERIÊNCIA DE JOVENS METALEIROS

São as próprias coisas que nos ensinam o que elas são.

Michel Maffesoli

Antes de apresentar as narrativas colhidas e sua compreensão faz-se necessário um esclarecimento do percurso metodológico que esta pesquisa trilhou.

Participaram desta, dois grupos de adolescentes, de ambos os sexos pertencentes à Tribo Urbana de Metaleiros. Para a escolha destes, os critérios de inclusão foram: adolescentes que se encontrassem numa faixa etária compreendida entre dezoito a vinte²² anos e que participassem da Tribo Urbana de metaleiros. A escolha desta faixa etária justifica-se, considerando dois aspectos: o primeiro é relativo à questão legal, pois a partir dos dezoito anos o sujeito se encontra em condições legais e sociais para responder por seus atos, fazendo-se desnecessário, do ponto de vista legal, o envolvimento dos pais dos participantes nesta pesquisa. O outro aspecto que delimitou a escolha desta faixa etária foi o fato de acreditarmos que nesta fase já há uma configuração identitária relativamente estruturada, o que nos possibilitou dar mais consistência ao objetivo desta pesquisa.

Do primeiro grupo de participantes, composto por seis adolescentes, quatro são do sexo feminino e dois são do sexo masculino, todos engajados em instituições de nível superior, além de serem solteiros e de viverem com seus familiares na região metropolitana do Recife-PE. É relevante acrescentar que além da pertença à comunidade estudantil, todos desenvolvem atividades paralelas, segundo quadro apresentado no ANEXO B.

²² A escolha da faixa etária compreendida entre 18 a 20 anos é caracterizada por adolescência tardia (ERIKSON, 1976) e foi critério de inclusão na medida em que, segundo o Código Civil Lei N. 10406 de 10 de janeiro de 2002 art. 5º "A menoridade cessa aos dezoito anos completos, quando a pessoa fica habilitada à prática de todos os atos da vida civil" (p.138). Neste sentido, o adolescente encontra-se apto socialmente e legalmente por seus atos, portanto, não houve a necessidade da assinatura do termo de Consentimento Livre e Esclarecido por parte dos pais dos participantes desta pesquisa.

Quanto ao segundo grupo entrevistado, este conta, também, com seis participantes, sendo um do sexo feminino e cinco do sexo masculino, apresentando características semelhantes às do grupo anterior, conforme demonstrado no ANEXO C.

Em se tratando de uma pesquisa qualitativa a avaliação da consistência dos dados em relação ao número de participantes obedeceu ao critério de saturação proposto por Turato (2003). Segundo este autor a validade de uma amostra em pesquisa qualitativa dependerá da repetição dos relatos, não sendo necessária a sua delimitação a priori.

É importante ressaltar que para a seleção dos participantes da pesquisa, foi necessário realizar um diário de campo²³, desenvolvido a partir de observações feitas nos locais freqüentados por Tribos Urbanas recifenses, que mantêm encontros no bairro do Recife Antigo. Nesta ocasião, registramos a existência de seis diferentes Tribos Urbanas que se distinguem e se agrupam segundo modos de vestir, gostos musicais e outros aspectos já mencionados: Góticos, Visual Kei, Skatistas, Surfistas, Hippies (ou como preferem se autodenominar: "Maluco") e Metaleiros. Decidiu-se trabalhar com esta última Tribo por sua maior incidência na região Metropolitana do Recife²⁴.

Para oferecer uma situação de acolhimento das narrativas, o instrumento utilizado, nessa pesquisa, foi uma entrevista semidirigida, adotando-se alguns parâmetros como referência, com o intuito de facilitar a aproximação do tema (ANEXO A). A medida que as narrativas iam se desenvolvendo, a pesquisadora permitiu-se aprofundá-las questionando os elementos implícitos nessas narrativas. As entrevistas foram realizadas em grupo, consoante com o objetivo desta pesquisa, vez que se dirigiu à compreensão da pertença à Tribo Urbana na construção da identidade adolescente. Os relatos foram gravados, a partir da leitura e assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido pelos participantes.

²³ Ainda que o Diário de Campo seja um recurso originado de pesquisas antropológicas, tem sido bastante utilizado em outras áreas de conhecimento, por permitir a utilização da metodologia fenomenológica. Possibilitando à pesquisadora registrar o fenômeno tal como ele se apresenta: como os adolescentes interagem, se comunicam, que temáticas discutem e outros aspectos que pareceram relevantes.

²⁴ No Recife Antigo é possível encontrar o "Bar do Metal", ponto de encontro entre jovens metaleiros recifenses.

A adoção desta metodologia encontra-se ancorada em Schimidt (1995/1996, p.10) que esclarece:

A opção pela metodologia de relatos orais repousa na estreita relação existente entre experiência e narrativa. A experiência reporta a uma elaboração do fluxo vivido que ocorre, no tempo, pela sedimentação e incorporação constantes do diverso e do plural que compõe a vida de um indivíduo e a narrativa é a forma de expressão afinada com a pluralidade de conteúdos e a constante mutação, no tempo, característica desta elaboração. Dessa maneira, os relatos de um sujeito da experiência têm um estatuto de registro desta experiência: um registro que é, concomitantemente, ocasião de elaboração e transmissão da experiência.

Posteriormente, as narrativas foram transcritas e, em seguida, literalizadas com o cuidado de preservar 'o que foi dito' e o 'como foi dito'; assim, a linguagem oral vestiu-se de linguagem escrita, transformando-se em texto, permitindo que as narrativas tivessem visibilidade e pudessem ser veracizadas.

Neste processo foi realizada a devolução dos relatos, com o intuito de que os participantes pudessem corrigir possíveis distorções e autorizar o uso do texto final nesta pesquisa. É importante ressaltar, ainda, que no trabalho de textualização, nomes mitológicos foram utilizados no lugar dos nomes próprios dos participantes, de forma que as identidades e intimidades destes pudessem ser preservadas, segundo preceitos éticos.

A partir daí, iniciou-se um delicado processo de compreensão dos relatos, um inclinar-se sobre o que o Outro tem a dizer de si mesmo e de suas experiências, enquanto indivíduo e membro de uma sociedade.

As narrativas foram compreendidas à luz da Analítica do Sentido, proposta por Dulce Critelli (1996), na qual, a partir de uma postura fenomenológica, propõe uma aproximação do real através da apreensão, diferenciação e expressão daquilo que se busca compreender. Ou seja, a partir do movimento fenomênico, em que o fenômeno²⁵ desvela-se e oculta-se, não como oposição, mas como simultaneidade de possibilidades de mostrar-se. (CRITELLI, 1996)

Para essa autora (1996, p. 53):

A Analítica do Sentido deve poder apreender, distinguir, expressar aquilo que busca compreender, para além de sua tradicional face objéctica, e compreendê-

²⁵ Critelli (1996, p.67) esclarece que "Fenômeno é o ente mesmo trazendo-se à luz de uma iluminação".

lo em sua face fenomênica. Deve poder interrogar o ente²⁶ sem retirá-lo de seu movimento fenomênico.

Dessa forma, a articulação metodológica denominada Analítica do Sentido, proposta por esta autora e utilizada neste trabalho de pesquisa, é uma forma originada de uma postura fenomenológica com o objetivo de investigar e analisar, de modo compreensivo, os fenômenos que nos cercam.

A Fenomenologia não tem por intenção criar um sistema ou teoria, mas observar, ou seja, explorar o que é dado, manifesto pelo fenômeno, pois "são as próprias coisas que nos ensinam o que elas são" (MAFFESOLI, 2006, p. 20).

Segundo Rovighi (1980, p.375) para ir as coisas mesmas:

É preciso eliminar os preconceitos, é preciso suspender o assentimento em torno de tudo àquilo que não seja plenamente evidente; ora, a atitude natural do homem inclui muitas convicções, necessárias à vida cotidiana, mas não plenamente evidentes.

Portanto, a teoria e compreensão devem ser entendidas como uma expressão do fenômeno e recriadas a cada momento. A teoria precisa estar inserida no mundo e na experiência do ser, uma vez que pesquisar não está dissociado da realidade.

Segundo Merleau-Ponty (apud MOREIRA, 2001, p.280)

La realidad debe se descrita, no analizada ni explicada, ya que es un tejido sólido que está ya dado; lo real es un a priori en la perspectiva de la fenomenología y la experiencia vivida, que se dá en el ámbito de la práctica.

Dessa forma, a Fenomenologia é apenas uma outra maneira de perceber, pensar e compreender a realidade como ela se mostra, um modo de compreensão e de aproximação do real.

Mas, a partir desta perspectiva, como algo se tornaria real? De acordo com Dulce Critelli (1996, grifo nosso), para algo se tornar real precisa sofrer um movimento de realização, envolvendo, por sua vez, cinco elementos: *desvelamento, revelação, testemunho, veracização e autenticação*; sendo importante ressaltar que estes ocorrem de forma simultânea.

²⁶ Quanto a definição de 'ente' a autora acima citada entende que "Ente é tudo o que é, o que tem manifestação (uma pedra, um carro, uma emoção, idéia, ocorrência...). E manifestação é uma exposição, um mostrar-se do ente, um trazer-se à luz para um olhar". (CRITELLI, 1996, p.54)

Neste movimento de realização do real o ente precisa ser retirado do seu ocultamento, ou seja, precisa sofrer um *desvelamento*, ser 'ex-posto', visto por alguém.

Tudo o que há, enquanto não é desvelado, pertence ao reino do *nada*²⁷, ou do oculto, é apenas o *modo* ou *condição*²⁸ de ser de tudo o que há, mas ainda não recebeu nenhuma iluminação, não se trouxe à luz. (CRITELLI, 1996, p.70).

Diante do exposto, para que algo exista, precisa ser retirado do reino do nada, precisa ser 'des-coberto' para existir, no entanto, isto é apenas o primeiro passo necessário rumo ao movimento de realização do real.

Além de desvelado o fenômeno precisa ser, também, revelado ou, dito de outra forma, precisa ser comunicado/expresso através de uma linguagem, por meio de uma *revelação*.

Como expõe Critelli (1996, p. 74-75, grifo do autor):

Para o homem, aquilo de que não se fala simplesmente não existe. E o que existe só existe na medida exata de como é apresentado pela linguagem. Somente mediante a fala é que a existência começa a ter alguma tangibilidade. [...] A linguagem é, então a *conservação do aparecer* e a possibilidade de se cuidar dele. (p.74-75).

Vale salientar, ainda, que além de revelado é necessário que o fenômeno seja testemunhado, pois é através do *testemunho*, para os demais, que alguma coisa passa a fazer parte da existência, que se consolida de forma acessível aos outros. "Sem testemunho, o desvelado e o desvelamento, o revelado e a revelação esvanecem-se, dissolvem-se. É como se nunca tivessem aparecido". (CRITELLI, 1996, p. 78, grifo nosso).

Entretanto, isto não basta. A *veracização* (CRITELLI, 1996, p.85, grifo nosso) se torna, também, de suma importância, pois o que vem ao mundo, para se tornar real precisa, antes, ser verdadeiro. "Coisa alguma é verdadeira em si mesma, mas *veracizada* mediante uma referência, um critério, algo que venha de fora dela mesma e a autorize a ser o que é e como é". (CRITELLI, 1996, p. 85, grifo do autor).

²⁷ "O reino do nada é essa zona onde coisa alguma *aparece* se não se trouxe à luz. A zona para onde a coisa, digamos, também, teima em ir, teima em voltar, mesmo depois que aparece." (CRITELLI, 1996, p.71).

²⁸ Grifo da autora.

Finalmente, o real desvelado, veracizado, é autenticado. A *autenticação* ocorre quando o sujeito passa a dar consistência à experiência, vivendo-a; a autenticação vai além do conhecimento intelectual e coletivo de algo, pois emerge da emoção e do afeto, vivido/sentido individualmente por alguém. (CRITELLI, 1996, p. 68, grifo nosso).

Neste sentido, como já mencionado, segundo a Analítica do Sentido, proposta por Critelli (1996), o fenômeno para se tornar real envolve desvelamento, revelação, testemunho, veracização e autenticação. Entretanto, é importante ressaltar que esta divisão é meramente didática, razão porque adotamos, nesta pesquisa, a postura de compreender as narrativas sem separá-las segundo essas categorias. Esta postura busca reafirmar o caráter próprio das narrativas, nas quais desvelamento, revelação, testemunho, veracização e autenticação se entrelaçam e modificam suas posições a depender da perspectiva em que o fenômeno está sendo narrado.

Essas mesmas razões levaram a pesquisadora a discutir a compreensão das narrativas a partir de seus fragmentos, uma vez que separá-los "des-figuraria" a dinamicidade com o qual o fenômeno se revela/des-vela.

Desse modo, a explicitação de tais pontos torna-se importante, na medida em que possibilitou uma melhor compreensão do percurso metodológico que este trabalho de pesquisa trilhou, guiado pelo objetivo de investigar as Tribos Urbanas e a Construção da Identidade Adolescente. Investigar no sentido proposto pela autora, acima citada, qual seja, interrogar e não amordçar a investigação a uma estrutura instrumental fortemente erigida, mas, como nos propõe a fenomenologia, construir uma metodologia que acolha o modo humano de ser-no-mundo.

Entrevistas Grupo I

1.O que é ser metaleiro?

Ser metaleiro é se dedicar a escutar o Heavy Metal... isso é o básico; mesmo que você não se vista como um metaleiro ou siga a ideologia do metal... O comum a todos os metaleiros é o estilo musical.(Gaia)²⁹

A questão da roupa não define um metaleiro; eu, por exemplo, gosto muito de roupa preta..., mas também uso roupas de outras cores..., apesar de não usar o preto sempre, eu sou metaleira... logo, isso não pode ser usado como critério para definir um metaleiro. (Vênus)

Têm pessoas que usam roupas pretas porque gostam... e têm outras que não ligam para a cor do que usam... Eu mesmo estou usando um tênis branco, posso usar preto... mas não há a necessidade de usar tudo preto sempre; isso acontece mais quando se está naquela fase de auto-afirmação. (Teseu).

Antes eu sempre usava roupas pretas... mas o tempo passa... vem a maturidade e você precisa mudar. Quando se é mais jovem sabe-se que não tem muitas responsabilidades e com isso sente-se à vontade para se vestir como quiser... mas quando se vai amadurecendo você passa a ter consciência que têm certas coisas que não vai mais estar sempre podendo fazer ou usar. Depois vem o trabalho... e não é adequado estar sempre usando preto em um ambiente de trabalho. (Vênus)

Quando usamos preto podemos perceber pessoas que apresentam o mesmo visual que o nosso... mas, fazem coisas que nos desagradam... como usar drogas, por

²⁹ Os nomes mitológicos, localizados após cada narrativa, têm por objetivo facilitar uma melhor compreensão dos relatos, bem como, preservar a identidade dos depoentes.

exemplo. O pior é que quem está do lado de fora começa a nos julgar e a achar que todos que apresentam aquele visual se drogam... e isso não corresponde à realidade, porque eu não me drogo. (Minerva)

As pessoas só nos conhecem superficialmente e... ainda assim... generalizam... em casa e na escola todos falavam: "Essa menina só usa preto! O que ela é? Satanista? Doida?". (Vênus)

Qual o significado do preto?

O preto fala da obscuridade... da ideologia lírica, da natureza negra do homem.(Gaia)

Desde o começo do Heavy Metal... até agora o que predominou..., tanto na literatura como na música... foram temas mais obscuros..., mais intimistas; e isso termina refletindo em você e no seu visual. (Teseu)

O preto causa mais impacto. (Antígona)

Mas essas questões não surgem a partir do Heavy Metal... elas são originárias do romantismo... do "mal do século". (Teseu)

Surgem a partir do gótico antigo... Bauhaus... desde que o gótico surgiu. (Vênus)

Ser metaleiro é viver da música, ou seja, gostar muito da música... querer conhecer novas bandas. (Hércules)

Gostar de música... de Heavy Metal. (Teseu)

Metal! Claro! (Hércules)

Ser metaleiro é só mais uma forma de rotular quem escuta determinado tipo de música... tipo... se alguém gosta de rock é roqueiro... se gosta de pagode é pagodeiro... se gosta de funk é funkeiro. Na minha opinião é simplesmente um rótulo. (Teseu)

2. Qual o estilo musical de um metaleiro?

O Heavy Metal e suas subdivisões. (Vênus)

Eu gosto de Gothic e Power Metal. (Minerva)

Eu gosto muito do metal... mas... o que realmente me faz ser apaixonada por música é a parte mais antiga... Hard Rock... eu prefiro a origem do Heavy Metal.(Gaia)

Eu gosto de thrash... Heavy, Death... e Black Metal. (Antígona)

Metal Extremo: Black Metal e Death Metal. (Hércules)

O Heavy Metal clássico... thrash metal... Doom. (Teseu)

3. Como um metaleiro gosta de se vestir?

O básico é vestir roupas pretas. (Teseu)

Mas isso também irá depender do estilo de música (dentro do Heavy Metal) que alguém escuta... por exemplo... as pessoas que apreciam o Gothic Metal se vestem de forma mais clássica... as mulheres usam muitos vestidos e saias compridas. (Antígona)

A forma de se vestir varia de acordo com o subgrupo do qual a pessoa faz parte, mas a aparência também pode não corresponder diretamente a um determinado subgrupo... por exemplo... eu gosto de ouvir Thrash Metal... mas me visto como gótica... apesar de não ser. (Vênus)

A forma de um metaleiro se vestir pode ser resumida a uma cor... o preto, quem gosta de Heavy Metal usa preto. (Teseu)

Um metaleiro gosta de usar camisas pretas com estampas de suas bandas preferidas... isso é o básico... vestindo-se dessa forma é possível transitar pela rua... ou pela faculdade sem sentir que está sendo alvo de atenção e, pode, ainda, se identificar com pessoas que apresentam o mesmo estilo que o seu. (Gaia)

Nós também costumamos usar sapatos de salto e coturno. (Antígona)

No Thrash Metal é costume usar calça jeans... colete com patches e tênis branco... Calças com estampa do exército são comuns ao estilo de se vestir de quem aprecia o Metal Extremo. (Teseu)

Também usamos muitos artigos de metal... usamos muita prata. (Antígona)

Os acessórios são imprescindíveis... tanto no homem como na mulher, usamos colares... gargantilhas... pentagramas... mas têm gente que usa este último só por modinha... porque acha legal, sem entender o simbolismo de um pentagrama. Mas no nosso caso não usamos devido ao nosso gosto pelo Heavy Metal e sim por causa da nossa religião, a bruxaria. (Vênus)

A bruxaria teria alguma relação com o Heavy Metal?

Não! A bruxaria é uma religião... um estilo de vida... uma opção. (Vênus)

O pentagrama faz parte da simbologia do Heavy Metal?

Não! (Gaia)

Depende! (Hércules)

Convenhamos, muitos metaleiros, os mais 'posers' gostam do Heavy Metal porque são... (Antígona)

O que significa 'posers'?

Posers é um termo usado para se referir aos falsos metaleiros... aquelas pessoas metidas... fingidas... que só são metaleiros na aparência e não na realidade. (Antígona)

E o que faz uma pessoa não ser um metaleiro de verdade?

Ouvir pagode e freqüentar shows de pagode... ou ouvir brega e, também, freqüentar shows de brega... ou seja, não apreciar verdadeiramente o Heavy Metal. (Antígona)

Só se caracterizar como metaleiro em um momento específico com o objetivo de se socializar... por exemplo... é possível perceber nas noites dos finais de semana no Recife Antigo muitos jovens vestindo preto... mas... nos outros dias da semana e em outros lugares você não vê todas essas pessoas vestindo preto, essas pessoas vão para determinados lugares dessa forma só para se auto-afirmarem. (Vênus)

Você acha que não usar o preto cotidianamente faz com que alguém não seja um metaleiro?

Não! Mas o que é perceptível é que muitos jovens, no Recife Antigo, só se vestem de preto e, se caracterizam como metaleiros, para se auto-afirmarem... mas, cotidianamente, são diferentes... não usam preto... pensam diferente... agem diferente... escutam pagode. (Vênus)

Essas pessoas não têm o metal como sua música principal. (Antígona)

E é por isso que chamamos de 'posers'... porque só se importam com a aparência. (Vênus)

Ou seja, 'posers' são pessoas que só dão atenção ao visual. (Teseu)

São adolescentes que precisam... que sentem a necessidade de se auto-afirmar... e por isso se voltam mais para o visual, deixando a música para segundo plano... pode até ser que nem gostem de música. (Gaia)

Vocês já passaram por isso? De ser meio 'posers'?

Não!(Gaia)

Eu não! (Teseu)

Não! Identifiquei-me logo com o metal em si. (Vênus)

Se você fizer alguma pergunta a um 'poser'... sobre o Heavy Metal ele não vai saber dizer, ou ainda, vai responder tudo errado. (Antígona)

Sobre o pentagrama

Para o Black Metal o pentagrama invertido... no caso de cabeça para baixo... simbolizaria o mal. (Hércules)

No caso dos 'posers' eles usam o pentagrama para impactar e, se auto-declarar satanista... apesar disso não corresponder com a realidade. (Antígona)

É! Para dizer que é do mal. (Hércules)

O pentagrama teria esse significado para os metaleiros?

Sim! Pois o Heavy Metal vai contra o que é socialmente instituído... no caso... o pentagrama e a simbologia do mal se posicionam contra o cristianismo... como algo socialmente instituído. (Teseu)

Vocês defendem alguma ideologia?

Essa é uma das complicações dos subgrupos... justamente porque cada subgrupo tem sua ideologia a defender. (Teseu)

Entre os metaleiros existem várias ideologias... tanto políticas quanto religiosas. A ideologia que defendemos vai variar de acordo com cada pessoa.(Gaia)

A ideologia é totalmente individual... questões religiosas... simbólicas... dependerão da crença e da experiência de cada um. (Minerva)

Haveria uma ideologia ou crença comum aos metaleiros?

A ideologia é, geralmente, anti-cristã... mas... não necessariamente satanista. (Teseu)

Não é nem fundamentalmente anti-cristã... é sim contra os dogmas instituídos pela igreja católica. (Minerva)

É isso! Mas conheço vários católicos que apreciam o Heavy Metal.(Gaia)

A pessoa pode se identificar com o Heavy Metal e com sua ideologia, no caso... se posicionando contra os dogmas da igreja católica... mesmo sendo católico; a questão não é a crença e sim o que é instituído pela igreja.(Teseu)

A ideologia difundida entre os metaleiros poderia ser resumida à liberdade... porque os dogmas da igreja existem, basicamente, para fazer você "andar na linha"... ela te mantém nas rédeas.(Gaia)

Nós nos colocamos não só contra os dogmas religiosos, mas também contra os dogmas sociais... nossa ideologia tem por objetivo quebrar dogmas. (Teseu)

No metal temos muita liberdade... liberdade de pensamento... de escolha... não nos preocupamos em agir de acordo com o que esperam da gente... isto nos faz livres. O Metal proclama a liberdade. (Antígona)

Na opinião de vocês o que restringe ou amordaça a pessoa?

A sociedade... a religião... a família. (Teseu)

É! A família. (Gaia)

A sociedade já abrange a família. (Hércules)

Não! Tem a unidade social e a unidade familiar... estão interligadas, mas são diferentes. (Teseu)

Tenho um exemplo disto em casa... quando meu primo começou a se identificar com o Heavy Metal uma das primeiras coisas que ele fez foi deixar o cabelo crescer... meu pai ficou muito incomodado com isso... porque ele acredita que cabelo comprido em homem é coisa de homossexual... vagabundo... drogado... ele repete a mesma visão da sociedade, de forma generalizada. (Gaia)

O hábito de usar o cabelo comprido entre homens é oriundo do movimento Punk... um dos primeiros movimento juvenis de contra-cultura. (Teseu)

O cabelo comprido faz parte do visual de um metaleiro?

Sim! Faz parte! Devido a isto surgiram as marias-xampu. (Hércules)

Marias-xampu são mulheres que se sentem atraídas por homens de cabelos compridos. (Antígona)

Por exemplo... no futebol existem as Marias-chuteira que são mulheres que se sentem atraídas pelos jogadores... existem, também, as marias-gasolina que são mulheres que só se interessam por homens que possuem carro... no Heavy Metal existem as Marias-xampu... e ainda as Marias-baqueta ou Marias-palheta, são as que gostam de homens que tocam em bandas de metal.(Gaia)

4. A aparência tem algum significado específico para vocês?

Tem sim! (Teseu)

Quando vestimos o que nos faz se sentir bem... a aparência termina falando de um se sentir bem consigo mesmo. (Minerva)

A roupa é usada, geralmente, para impactar... chocar... um exemplo disto ocorreu com o Movimento Black Metal na Noruega... este país foi totalmente oprimido pelo protestantismo... lá, a opressão religiosa em cima da sociedade... da escola... e da família é muito forte. O sujeito que cresce em um meio opressor, tende a atingir um limite em que não agüenta mais... e explode... neste caso, a explosão se deu através do Movimento Punk Black Metal, intitulado depois de apenas Black Metal; a partir deste movimento foi adotada uma atitude contrária ao cristianismo... no caso... o satanismo; não que a proposta fosse o satanismo em si... ou seja... o culto e a adoração a satã... mas um satanismo que simbolizava um movimento de resistência contra o que era pregado pelo protestantismo. No entanto, existem pessoas que adotaram o satanismo como culto e estilo de vida. (Teseu)

Na Noruega chegaram a ponto de queimar igrejas como atitude contestatória. (Hércules)

O movimento do Metal é mais forte onde há mais opressão... se há um país pequeno onde a igreja dita as regras é comum que surjam movimentos de contestação, um grupo de pessoas que realmente pensa e que não se permite ficar nas rédeas dos outros... pensando de acordo com o que os outros acham que é o certo. O visual fala de uma posição contrária ao que foi socialmente instituído e propõe uma atitude mais liberal diante da vida. (Minerva).

A questão do visual é mais forte na cena extrema do Heavy Metal (Thrash Metal, Black Metal e Death Metal)... e tem por objetivo usar o visual e a imagem para chocar.(Gaia)

Qual o sentido de chocar?

O visual pesado do Black Metal... com acessórios de metal... como o spike³⁰, e pinturas no rosto, lembram a imagem de um guerreiro. (Hércules)

A proposta é chocar mesmo, por exemplo, mostrar uma imagem de Jesus com cara de porco, para se posicionar contra a religião. Para dizer que você é contra o que a sua família pregou desde que você era criança, contra o que a religião prega, porque ela te aprisiona com suas regras e dogmas, é uma forma de colocar-se contra o que foi instituído socialmente. (Teseu)

A questão de chocar, ou não, dependerá de cada subgrupo... nem todos pretendem chocar a sociedade através da aparência... por exemplo, no caso do Gothic Metal a aparência fala de um estado de espírito... a proposta não é chocar, mas

³⁰ Bracelete feito a partir de couro e metal.

expressar um sentimento... uma sensação... um estado de espírito... geralmente, sempre deprimido; neste caso as roupas pretas serviriam para comunicar tais sentimentos... o preto é uma cor escura, obscura, muito triste.

Mas, no caso do subgrupo do Power Metal a aparência, é usada para chocar... assim a aparência tem um sentido... tem um significado específico para cada subgrupo. (Vênus)

O preto fala do que é obscuro e, grande parte das músicas do Metal falam sobre a descoberta do seu íntimo... buscam desvendar o que é obscuro dentro de cada um... o que é desconhecido... pois não nos conhecemos totalmente. (Minerva)

O preto também tem o objetivo comunicar as mazelas da sociedade para a própria sociedade... muitas bandas, através de suas músicas, falam de violência... opressão... miséria; dando assim, uma espécie de "tapa na cara" da sociedade. Muitas pessoas vivem com uma falsa moral, se restringindo a não tocar em certos assuntos que chocam a sociedade. (Gaia)

Mas não falar nesses assuntos não significa dizer que não pense neles... isso se chama hipocrisia. (Minerva)

A origem desses movimentos juvenis de contra-cultura foi o movimento Punk... ele foi o início de tudo. (Teseu)

O movimento Punk estava atrelado, de certa forma, aos Góticos... nas gerações seguintes... quando tudo veio à tona, uma coisa estava ligada à outra. (Vênus)

Para ser mais preciso tudo começou com o rock... o rock dos anos 60 e 70, o rock de Elvis Presley à Krisison, tudo segue uma linha. (Teseu)

5. Há locais próprios para o encontro entre metaleiros?

Um local específico dependerá de cada subgrupo. (Teseu)

Por exemplo... os Góticos costumam freqüentar cemitérios. (Vênus)

Mas os Góticos são metaleiros?

Se for um gótico que escute Gothic Metal ou Black Metal... ele pode ser chamado de metaleiro... mas eu, particularmente, não conheço nenhum gótico que não escute algum tipo de música que não esteja relacionada ao Metal. (Vênus)

Existem Góticos que gostam do Gothic Rock ... anos 80 e, outros que gostam do Gothic Metal... ou seja, há três tipos de góticos... um que só escuta Gothic Rock, outros que só apreciam o Gothic Metal e outro que gosta dos dois estilos. O que vai determinar se um gótico pode ser chamado, ou não, de metaleiro é o gosto pelo Metal, no caso o Gothic Metal. (Teseu)

Existem muitos góticos que não gostam do Metal... que desprezam o Gothic Metal. (Hércules)

Esses góticos já são mais tradicionais... conservadores... clássicos. (Vênus)

São aqueles que se posicionam contra o que é novo... isso acontece com o estilo musical chamado New Metal, ele não é bem visto pelos mais conservadores... esse estilo retoma o que já foi feito pelo Metal. Tudo o que é novo é sempre visionário... e não aceito de imediato. Isso aconteceu com o Black Metal moderno, a princípio foi rejeitado... mas, atualmente é muito bem aceito. (Teseu)

Voltando a pergunta: há locais próprios para o encontro entre metaleiros?

Recife Antigo.(Gaia)

Recife Antigo. (Hércules)

Recife Antigo. (Vênus)

Recife Antigo. (Teseu)

Recife Antigo. (Minerva)

Recife Antigo. (Antígona)

Porque neste local acontecem muitos shows.(Gaia)

As casas de show underground ³¹ estão todas concentradas no Recife Antigo... e, neste local, há também o Bar do Metal que é usado como ponto de encontro entre os metaleiros. (Minerva)

O Recife Antigo é um local onde todos, dos movimentos de contra-cultura, se encontram... independente do estilo... pode ser Punk ou Metaleiro. (Vênus)

É um ponto de encontro para o público mais alternativo. (Hércules)

O Shopping Boa vista também seria um local de encontro entre metaleiros?

³¹ Subterrâneo; subsolo; movimento ou organização secreta; secreto; de resistência ou oposição; em segredo, às escondidas; ocultamente.

Não! (Hércules)

Mas quando tinha a full fashion³² aproveitávamos para nos encontrarmos com os amigos... marcávamos pela Internet neste local. (Minerva)

Era um local freqüentado por metaleiros nas sextas-feiras...mas não só por estes. (Hércules)

Era um ponto de encontro forte. (Vênus)

Era um ponto forte por dois motivos: 1. centro da cidade e 2. As pessoas largavam do colégio e já iam para este ponto encontrar os amigos. (Hércules)

Este local era sempre freqüentado por muitas pessoas... e, um terminava chamando o outro. (Gaia)

A princípio era um local freqüentado só por metaleiros... alguns viam de carro e colocavam música para ouvir... tomávamos vinho... depois os punks começaram, também, a freqüentar a full fashion... e muitas brigas surgiram entre eles e os metaleiros, a polícia era chamada em alguns casos. (Vênus)

Essas brigas realmente aconteciam... pré-conceito existe em qualquer tribo... acho até que isto depende muito mais da pessoa do que da tribo em si. (Minerva)

Existem pessoas que são mais preconceituosas... e outras que são menos. (Teseu)

Eu freqüento o Shopping desde que ele estava no início de construção... e... não me considero uma pessoa preconceituosa... por mim aqui pode ser freqüentado por

³²A rua José de Alencar situada ao lado do Shopping Boa Vista, chamada de full fashion pelos jovens; ponto de encontro entre adolescentes recifenses.

punks... ou... por homossexuais... isto não me importa, convivo bem com todos... eu estando com meu grupo... estou bem. (Minerva)

Também sofremos preconceito por parte dos outros... mas quem disser que não tem preconceitos é hipócrita. A maioria das vezes você é vista como a ovelha negra da família... mas a nova geração da minha família já tem a mente mais aberta e gosta do Heavy Metal, mas sei que existem muitos pais radicais que não aceitam. Eles repetem a visão que a sociedade tem... pensam que se a gente começar a andar de preto e gostar do Metal vai tornar-se satanista e/ou começar a usar drogas e... isto não é verdade. (Gaia)

Meus pais fazem parte de uma geração mais antiga... eles vieram do interior... cada um de um interior diferente; achavam que eu seria "aquela menininha" que iria crescer... se casar aos quinze anos... ter filhos... arranjar um empreguinho de professora e, ter uma sub-vida. Eu já sofri muito... mas, a partir do momento em que você se coloca... mostra sua opinião... conversa... o preconceito diminui... um pouco. (Minerva)

Nossos pais chamam nossa música de barulho... de música de tumbeiro... de doido; só porque saímos de preto para virar a noite pensam logo que vamos nos drogar... ou participar de alguma orgia sexual... ou... coisas do tipo. (Antígona)

Na rua já fui chamada de maconheira... drogada. (Minerva)

No colégio sofri preconceito por causa do meu estilo de ser... eu era "a diferente..." Já pensam logo que você é anti-social só porque não se veste como os outros, no caso, só anda de preto e não escuta o que é popular... o que todo mundo escuta... como Britney Spears; comentam: ela não sai para o forró!! Coisas desse tipo fazem com que você seja rotulada como a drogada... a anti-social... a satanista. (Gaia)

Os nossos pais querem que a gente vista roupa de florzinha... escute músicas ciranda-cirandinha... e... viva uma vidinha tristonha... sem graça... que a gente já sabe o final. Eu quero mais liberdade para minha vida... quero uma vida onde eu possa escolher meus próprios caminhos... onde eu possa ter meus próprios pensamentos... e não pensar como toda a sociedade pensa; e, o metal nos dá muita liberdade... ele tem uma proposta libertária. (Antígona)

Há muito preconceito... sinto muito quando vou para cidades do interior do estado e desejo ouvir minhas músicas... até porque lá só escutam forró o dia inteiro... então quando começo a ouvir minha música... a chamam de coisa de doido; falam que isto não é música... perguntam se já usei alguma droga e coisas do tipo. (Hércules)

Sofremos preconceito quando precisamos procurar emprego... nossas roupas pretas... nosso cabelo comprido... e... nossas tatuagens são sempre mal vistas.(Gaia)

Muitos meninos do metal quando vão procurar emprego costumam cortar os cabelos. (Antígona)

Por mais que saibamos que somos capacitados... inteligentes e totalmente aptos para desenvolver o trabalho, para o qual estamos nos candidatando... ainda, assim as pessoas nos olham diferente por causa da nossa aparência.(Gaia)

Na escola onde estudei só eu e um colega gostávamos de Heavy Metal... os outros ficavam nos chamando de roqueiros... mas sempre levei tudo no bom humor... sem levar nada para o lado pessoal... eu até saía com eles para lugares onde o que se ouvia era pagode... sem problemas... não tenho preconceitos quanto a isso. (Teseu)

No colégio... por eu vestir roupas pretas... me chamavam de bruxa; no colégio... quando eu comecei a me vestir de preto... meus amigos de verdade, continuaram a ser meus amigos; eles viram a mudança, mas outros se afastaram de mim... me chamavam

de anti-Cristo... de metida... diziam que eu era uma pessoa do mal... começaram a criar uma imagem minha que não existia, evitavam falar comigo... foi horrível. (Vênus)

Você passa a ser visto como a ovelha negra da sala de aula... da escola... da família. (Teseu)

Havia pessoas que tinham medo de falar comigo. (Vênus)

As pessoas pensam que porque ouvimos Metal somos um bando de vagabundos e desocupados... que não queremos nada com a vida... e que não fazemos nada da vida... que não temos futuro e/ou que não cuidamos do nosso futuro... esse é um preconceito muito forte que sofremos por parte da sociedade. A maioria dos meus amigos está cursando uma faculdade... é muito mais fácil você achar um metaleiro na Universidade do que um pagodeiro. (Antígona)

Eu também acho. (Gaia)

Eu acredito que este é o maior e mais forte preconceito que sofremos... se você gosta de Heavy Metal você é burro! As pessoas pensam assim! (Teseu)

E isso é totalmente diferente... as temáticas das nossas músicas são muito diversificadas... elas falam de história, cultura nórdica, ocultismo, mazelas da sociedade, satanismo, cristianismo, sexo, drogas, amor, filosofia, obras literárias, psicologia, biologia, matemática, dentre outras.(Gaia)

As letras das músicas de Vintersorg... por exemplo... falam de matemática, astronomia, vai tentar ler e entender! O Vintersorg, além de cantor de uma banda de Heavy Metal, é professor de matemática. As bandas de Gore... em suas músicas, falam sobre doenças, anatomia, muitos integrantes dessas bandas são formados em medicina. A maioria das bandas que gostamos é européia... e, isso nos estimula a fazer cursos de idioma para entender melhor as músicas e a cultura. (Hércules)

7. Como vocês se tornaram um grupo?

Pela Internet. (Hércules)

Um foi apresentado ao outro. (Minerva)

No meio do metal... particularmente aqui em Recife... todos se conhecem ou já tiveram algum tipo de contato.(Gaia)

Foi assim que os conheci... eles já eram um grupo e através de uma pessoa desse grupo os outros me foram apresentados. (Vênus)

A Internet ajuda... mas não foi através dela que os conheci... uma pessoa me introduziu neste grupo... fazer amizade entre metaleiros é muito fácil e simples, temos interesses, assuntos e estilo de vida semelhantes; nós, metaleiros, somos muito unidos. (Antígona)

Temos muita afinidade... passamos por coisas parecidas ao longo da vida... escutamos as mesmas músicas... no caso o Metal. (Minerva)

Em um momento de show underground, conhecemos muitas pessoas... em um evento como este há uma média de público de umas 300 pessoas... é um público pequeno mas... sempre freqüente, dessa forma terminamos conhecendo muitas pessoas do meio do metal, às vezes não temos nem muita intimidade, mas sempre que nos cruzamos nos cumprimentamos. (Hércules)

8. Como é ser um adolescente metaleiro?

É ser diferente dos outros adolescentes. (Teseu)

É se sentir privilegiada... por ter conhecido uma banda... ter gostado do metal e ter tido acesso a músicas que tenham sentido... que falam alguma coisa, músicas do tipo: "não me chame não... não me chame não que eu vou...", não dizem nada, as pessoas nem pensam na letra da música e, ainda assim, dançam como um bando de macaquinhos... só porque é o que todos estão ouvindo e dançando no momento. (Minerva)

É poder ter uma apreciação musical... é parar para ouvir e sentir a música e entender o sentido que ela tem... se identificar com as letras das músicas e não apenas se movimentar ao som de algo que não diz nada. (Gaia)

Eu me sinto bem sendo assim... eu gosto da música e isso me fez montar uma banda de Metal. (Teseu)

É gostar do Heavy Metal. (Hércules)

9. Como a sociedade e a família percebem as Tribos Urbanas?

Percebem, geralmente, com muito preconceito... pré-conceito, eles têm muita dificuldade de tentar, ao menos, aceitar. Os mais velhos são os que mais apresentam preconceito... acredito que isto se deve ao fato do tipo de criação que tiveram... é uma geração totalmente diferente da nossa... para eles é muito difícil aceitar o tipo de música que escutamos... a temática que elas tratam... eu até entendo o posicionamento deles, pois, deve ser difícil para alguém que cresceu ouvindo Nelson Gonçalves, Amado Batista ou Roberto Carlos aceitar nossas músicas... a sonoridade e as letras são muito diferentes. (Teseu)

Eu acredito que todo esse preconceito está atrelado aos lugares que freqüentamos... e o que acontece neles... Sejamos realistas, acontece muito consumo de drogas e bebidas. (Vênus)

Não! Isso acontece em todos os lugares.(Gaia)

Não concordo com isso não! Isso tem em todo lugar freqüentado por jovens.
(Teseu)

A diferença entre os outros lugares e os freqüentados por metaleiros é que não nos preocupamos em esconder nada... Por exemplo... nessas micaretas³³ há consumo de drogas e bebidas, a diferença é que este consumo é ocultado por quem consome e pela mídia para manter a imagem do evento para toda sociedade. (Hércules)

Acredito que a incidência de violência e consumo de drogas nos nossos eventos é bem menor se relacionado a outros... no entanto, a imagem do metaleiro consumidor de drogas e álcool já foi estereotipada. (Teseu)

Sofremos muito preconceito por sermos metaleiros... No meu aniversário meus pais foram comigo ao Bar do Metal, quando lá chegaram, por depararem-se com muitas pessoas vestidas de preto, já começaram a pré-julgar, sem nem saber o que realmente estava acontecendo lá... no caso uma comemoração de um aniversário. (Minerva)

No rock, no geral, não há mascaração... tudo o que acontece está à vista de todos. (Hércules)

³³ Uma **micareta** é um nome utilizado para denominar o "carnaval fora de época"ou "segundo carnaval"; o nome *micareta* é derivado de uma festa francesa, *Mi-carême*, Micarême era uma festa que acontecia na França, desde o século XV, em meio ao período de quarenta dias de penitência da Igreja Católica. De origem francesa, a palavra significa literalmente "meio da quaresma". No Brasil, a introdução da Micarême como festa urbana, ocorreu primeiramente nas grandes capitais brasileiras, como Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador. Informação disponível na Internet. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Micareta>.

De forma geral, a sociedade e a família nos vêm com total preconceito e negação. (Teseu)

10. Qual a importância da Tribo Urbana na vida de vocês?

É importante para fortalecer a tua personalidade... o teu caráter... ela possibilitou compreender-me intimamente e evoluir individualmente e, em grupo... ajudou na formação da minha identidade... ela também influenciou no meu gosto pela música... e foi através dela que encontrei verdadeiras amizades. (Teseu)

Ela te permite olhar para os lados e não só, limitadamente, para frente... ela te possibilita um maior conhecimento do mundo que te cerca... conhecer um pouco de tudo e não apenas do que desejam que você conheça... isto te possibilita ter sua própria opinião... abre teus horizontes. (Hércules)

É próprio do ser humano buscar o conhecimento a respeito das coisas... ele sempre deseja saber mais... entretanto há pessoas que ficam "no meio do caminho"... seja por causa da sociedade... dos filhos... da família, e não buscam crescer ou saber mais sobre a vida. A Tribo Urbana possibilita a troca de experiência e informação... falamos sobre música, sexo, drogas, preconceitos sofridos, religião... o grupo é muito importante para mim... nele você pode trocar experiências com pessoas que compartilham das mesmas coisas que você... eles sempre te entendem melhor... e sempre é melhor se divertir com quem se tem afinidade. (Minerva)

É uma ferramenta que pode ser utilizada para ampliar o seu círculo social com pessoas que gostam e entendem das mesmas coisas que você... A tribo é formada por amigos... eles são para mim uma segunda família... nos entendemos muito bem... nela podemos compartilhar coisas pessoais... gostos musicais... você termina se apegando as pessoas do grupo... elas são, em alguns aspectos, muito parecidas com você. (Gaia)

A minha tribo e o metal me fizeram ter um interesse muito grande pela música... foi através do Metal que comecei a tocar violino... fazer alemão e inglês para entender melhor as letras das músicas. A música é muito intensa dentro da gente... muitos metaleiros tocam algum instrumento musical... e ela termina abrindo um mundo novo para gente... um mundo de cultura e história diferente da nossa. (Antígona)

A partir desse contato com pessoas que gostam das mesmas coisas que eu, que freqüentam os mesmos lugares, fui mudando... esse contato ajudou a me desenvolver melhor... propiciou meu crescimento pessoal.

Quando eu cursava o colegial... eu tinha amigos "normais", mas eram meus amigos até certo ponto... eles não me entendiam realmente... digo normal na visão dos outros, uma vez que, a sociedade não percebe um metaleiro como alguém normal... isso já é um estereótipo... e... eu até já o uso, não me sinto anormal e sim diferente... gosto de me sentir diferente... de ver diferente... de pensar diferente... de agir diferente... de ser totalmente à parte dessa coisa programada pela sociedade, nela, todo mundo tem de ser do mesmo jeito... pensar da mesma forma... se vestir do mesmo jeito... ser do mundo do metal é até um alibi para sair de toda essa normalidade. Depois da Tribo passei a me sentir melhor e mais sociável. (Vênus)

11. Você acha que o seu modo de ser modificou-se quando você passou a fazer parte de uma Tribo Urbana? O que mudou?

Totalmente! A partir do momento em que você começa a conviver com pessoas novas... a entrar em um mundo novo... tudo muda... seu modo de pensar, perceber e agir; muda tudo. Fui amadurecendo... antes eu era uma criança... ainda não sou adulta, mas estou perto; antes eu era mais radical... eu só tinha uma visão da vida... hoje me sinto mais à vontade para lidar com o que é diferente de mim... hoje aceito melhor a diferença... eu evolui... passei a ver as coisas de forma mais realista, passei a ter uma visão mais crítica do mundo... não é preconceito, mas, a maioria da massa não tem

esse fervor em discutir e criticar as coisas como nós... eles terminam sem saber argumentar ou se colocar, deles não sai nada interessante. Antes da Tribo Urbana eu era um corpo estranho no meio dos outros... eu não me enquadrava... eu me sentia estranha... depois que conheci pessoas com as mesmas afinidades que as minhas me senti melhor e passei a achar os outros estranhos. (Gaia)

Mudou sim! Mudou minha forma de pensar... de perceber as coisas... antes minha visão era mais fechada, meu mundo era mais fechado... eu convivía menos, partilhava menos... depois da Tribo, depois do Heavy Metal começou uma revolução pessoal... me interessei mais pelos estudos que são fonte de informação e me enriquece muito quanto pessoa... Comecei a fazer parte desta tribo motivado pela música... esta sempre chamou minha atenção, e a partir dela desenvolvi muito meu gosto musical... sofri uma expansão... muitas concepções de mundo mudaram... conheci pessoas... passei a me relacionar com vários tipos de pessoas e a frequentar ambientes diferentes... passei a entender e a evitar meus preconceitos... a respeitar a identidade das pessoas... seus modos de ser... passei a ter mais experiência de vida... me expandi como pessoa. (Teseu)

Mudou a minha forma de perceber o mundo, e, isso, particularmente abriu minha visão para minha religião... a bruxaria tradicional, para formar minha ideologia, meu ser... a questão da aparência é secundária. Passei a conviver com pessoas que tinham afinidades comigo... passei a ser mais sociável. (Vênus)

Passei a me entender melhor, a ver que apesar de eu me sentir diferente das outras pessoas, eu tenho pessoas que me entendem... e, que não sou obrigado a gostar do que, normalmente, todo mundo gosta para poder ser uma pessoa boa... legal e aceita pelos outros... a ver que você não é o "patinho feio" da história... e isto termina sendo libertador. (Hércules)

Sim! Para mim, a Tribo Urbana, tem um sentido de crescimento interno... porque através dela passei a ter mais coragem de lutar pelo o que eu queria... antes muitas

coisas me reprimiam... e depois passei lutar pelo o que queria, a viver da forma que achava certa e me agradava... a realmente viver, estamos aqui e só temos esta vida... me senti mais encorajada a viver melhor e a lutar por isto... Eu cresci! (Antígona)

Mudou! Antes eu era uma pessoa isolada e que só vivia dentro de casa... estudando... não ouvia música. Meus pais nunca tiveram este hábito, eu ficava em casa vendo televisão... absorvendo um monte de nada... e, me alienando.

Quando eu me encontrava neste lugar de isolamento, eu até tentava estabelecer contato com pessoas diferentes de mim... com gostos diferentes... mas eles não demonstravam interesse diante do que eu falava... era como se eu estivesse falando de um problema e eles não demonstravam o mínimo de interesse, até que desisti de compartilhar meus conhecimentos com quem não me dava atenção... era como "dar pérolas a porcos".

Com a Tribo Urbana foi diferente... depois dos primeiros contatos com o pessoal eu me tornei mais comunicativa... passei a ouvir música, a sair com os amigos, conversar com as pessoas. Cresci... aprendi com as minhas experiências, a saber fazer escolhas... passei a ser alguém mais sociável... passei a conhecer o mundo... sai da bolha que me envolvia... ou melhor, passei a ser uma pessoa de fato, porque antes eu era como se fosse um cachorro... eu ficava em casa, comia... dormia... vivia aquela rotina... comer, dormir e balançar o rabinho... depois deixei de ser cachorro... e... virei uma pessoa. Um cachorro é dependente, já uma pessoa pensa e pode fazer suas próprias escolhas. (Minerva)

Entrevista grupo II

1.O que é ser metaleiro?

É Gostar do Heavy Metal. (Apolo)

Se identificar com o Heavy Metal. (Aquiles)

É Curtir o metal... é ouvir o Heavy Metal... é ter atitude... envolve uma filosofia de vida... uma ideologia... modo de vestir... um convívio com "pessoas do meio"... é freqüentar lugares onde só se encontram pessoas que curtem o estilo. É ter "atitudes estranhas". (Psique)

O que você quer dizer por "atitudes estranhas"?

Não agir... pensar... ou fazer o que todo mundo faz... ser diferente. (Psique)

2. Qual o estilo musical de um metaleiro?

O Heavy Metal e suas subdivisões. (Baco)

O Heavy Metal. (Aquiles)

Eu gosto do metal clássico... assim como do Thrash metal. (Vulcano)

Eu curto Heavy Metal melódico. (Psique)

O Heavy Metal como um todo. (Apolo)

3. Como um metaleiro gosta de se vestir?

Usamos muita roupa preta... (Aquiles)

Camisas pretas... geralmente... com a foto de nossas bandas estampadas nelas.
(Baco)

Roupas pretas... acessórios de metal... spike. (Apolo)

Botas... coturnos... tênis. (Zeus)

Roupas pretas... jeans... jaquetas. (Vulcano)

Quem curte o Gotic Metal aprecia o uso de vestidos longos e saias de cor, também, preta. (Psique)

Basicamente com roupas pretas. (Zeus)

Qual o significado do preto?

O preto mexe mais com as pessoas... choca... provoca maior impacto sobre as pessoas que nos observam. (Aquiles)

Serve para indicar a outras pessoas, que como nós, gostam do Heavy Metal...
(Baco)

Pessoas que se identificam com este estilo musical e com o seu conteúdo.
(Vulcano)

4. A aparência tem algum significado específico para vocês?

Ela fala do que nos identificamos... e do que nos identifica... fala da nossa música. (Aquiles)

Através dela... chocamos a sociedade. (Vulcano)

Bom... Eu me visto do jeito que gosto... Independente da música que aprecio.
(Apolo)

É um meio de identificação... é uma forma de mostrar para os outros do que você gosta... você olha para um de nós... e já percebe que "esse cara deve ser metaleiro"... tem cabelo grande... está vestindo roupas pretas... (Zeus)

Quando vemos alguém que tem aparência semelhante a nossa, há uma quebra de bloqueios... torna-se mais fácil se aproximar do outro... porque você sabe que ele gosta das mesmas coisas que você. (Apolo)

Às vezes acontece de estarmos indo para um show e não sabermos muito bem onde é o local... (Psique)

"Siga os urubus"... (Baco)

"Siga os urubus"... porque estão todos vestindo preto... não tem erro... é só seguir na rua... no ônibus... é só seguir. (Psique)

A aparência... entre metaleiros... quebra barreiras. (Aquiles)

Aqui no Recife há poucas pessoas que gostam do metal... e o metaleiro em si não é muito extrovertido... geralmente ele faz amizade se aproximando de pessoas que também gostam do metal... já é uma forma de se aproximação. (Zeus)

Noventa por cento dos meus amigos são metaleiros. (Psique)

5. Há locais próprios para o encontro entre metaleiros?

Recife Antigo. (Baco)

O único lugar aqui... no momento... é o Recife Antigo. Lá tem casas de show onde acontecem apresentações de bandas de Heavy Metal... antigamente havia o Docas... Hoje em dia é no Recife Antigo... lá tem o Bar do Metal... no início só os metaleiros freqüentavam... hoje em dia os Emos também freqüentam. (Psique)

Existe, ainda, uma boate gay próxima ao bar... Há uma mistura de tribos. (Aquiles)

Hoje em dia... acredito que o movimento Heavy Metal é mais fraco... antigamente havia um local certo para o encontro entre metaleiros... hoje há menos shows do que antigamente. (Vulcano)

Como vocês percebem isso?

Eu acho que o movimento heavy metal enfraqueceu bastante... mas quem gosta mesmo do Heavy Metal não deixa de gostar. (Vulcano)

O ruim... é que impede novas pessoas de conhecer o Heavy Metal... e aderir a nossa ideologia. (Aquiles)

Mas hoje em dia... é possível perceber novas pessoas aderindo ao Heavy Metal. (Baco)

No Bar do Metal... hoje em dia... há muitos "posers"... mas é melhor ele... o bar... do que nada... pelo menos dá para nos reunirmos. (Psique)

E nos arredores do Shopping Boa vista também seria um local de encontro entre metaleiros?

Não! Nunca! De metaleiros não... (Psique)

Já foi ponto de encontro sim! (Apolo)

Ali é ponto de encontro de Emos. (Psique)

Os arredores do Shopping Boa Vista não era um ponto de encontro só de metaleiros... era um ponto de encontro entre Tribos... ali todos se encontravam... (Zeus)

6. Defendem alguma ideologia? Em que acreditam?

Depende do estilo de Heavy Metal que a pessoa gosta... mas há várias ideologias... e temas... por exemplo... religião... satanismo... paganismo... mitologia... bruxaria... ciência... literatura... (Psique)

Dentro do Heavy Metal há vários estilos... que por sua vez defendem várias ideologias... por exemplo... surgiu o Black Metal nazista... (BMNS) que significa Black Metal Nacional Socialista... aqui no Recife é extremamente raro... sua maior incidência ocorre no Rio Grande do Sul... e defende outro tipo de ideologia... diferente da nossa. (Zeus)

Isso é ignorância dos metaleiros nazistas... porque o Heavy Metal é um gênero musical proveniente do Rock... que por sua vez tem sua origem no Blues e no Jazz... que são músicas criadas pelos negros. (Apolo)

Há um membro de uma banda de Heavy Metal nazista da Noruega que até hoje está preso por ter matado um integrante da sua banda... hoje em dia ele diz que não gosta mais do metal... porque... segundo ele... o Heavy Metal é oriundo do Rock... e do Jazz... que seriam músicas de negro. Hoje em dia ele tem uma banda... tudo isso é muito bizarro... tosco... (Psique)

Acho muito estranho... alguém se identificar com este tipo de ideologia... ele é norueguês... se acha a "raça pura". (Apolo)

Há também os cristãos... O White Metal. (Zeus)

O White Metal não é Metal! (Psique)

Não deixa de ser... em São Paulo... há uma banda de metal chamada: "Eterna"... que é uma banda que traz letras cristãs. (Apolo)

Eu acho... que esse tipo de banda... vai contra a ideologia do Metal. (Psique)

Só se for a idiotologia do Metal... (Baco)

Mas qual é a ideologia do Heavy Metal?

Eu não penso assim... (Psique)

Só se for a ideologia do Metal... dela. (Baco)

Eles... não se identificam com o Heavy Metal... vão contra a ideologia do Metal... apenas o usam para conquistar adeptos. (Psique)

Da forma como você está falando... dá a impressão... de que a ideologia do metal é o satanismo... adorar satã.. e não é assim... (Apolo)

O White Metal é proselitista³⁴... é excludente... para eles só sua ideologia é a certa... as outras estão erradas... eles se acham... o verdadeiro caminho... a verdade... faça metal normal! (Psique)

É Heavy Metal! Só muda a temática... (Apolo)

Detesto White Metal... detesto evangélicos... são irritantes... são proselitistas... não aceitam... ou respeitam a diferença... acredito que as pessoas devam aderir a algo porque gostam... "de coração" ... se identificam... não por pressão! No meio de um show... estão lá... "pregando"... ficam fazendo proselitismo. Entretanto... minhas duas melhores amigas da sala de aula... são evangélicas... e eu gosto delas... porque não ficam me irritando... querendo me "converter"... elas me aceitam do jeito que sou. (Psique)

³⁴ De acordo com o Minidicionário da Língua Portuguesa (1996) de Silveira Bueno; **proselitismo** indica: partidarismo, atividade em fazer prosélitos. **Prosélito**: indivíduo que abraçou religião diferente da sua, indivíduo convertido a uma doutrina, idéia ou sistema, partidário, adepto.

Então parece que a questão central, neste caso, seria a falta de respeito pela diferença? E não o fato de serem evangélicos?

É! Eles querem impor... a sua verdade... como... se fosse a verdade absoluta... e isto vai contra a ideologia do metal: liberdade! (Psique)

O interessante... do White Metal... é que as letras das músicas são em português... (Apolo)

O intuito deles é pregar! Os evangélicos... são um grupo muito fechado... é uma espécie de tribo... entre aspas... então... faça sua música! Mas... ela não é Heavy Metal! A intenção deles... é o proselitismo... quando... falam dos metaleiros... falam mal... eles só fazem música... para converter... (Psique)

Não fazem a música pela música... (Aquiles)

A intenção deles... é... "nos tirar da perdição"... do "mal caminho"... (Psique)

7. Como vocês se tornaram um grupo?

A música... nos aproximou... precisavam de um guitarrista... me indicaram e... conheci o resto do grupo. (Baco)

Precisavam de um baterista... eu indiquei... (Vulcano)

Através da banda que formamos. (Zeus)

8. Como é ser um adolescente metaleiro?

É ser autêntico... gostar do Heavy Metal (Aquiles)

É gostar do Heavy Metal... é ter opinião própria... não curtir modinhas... não ouvir algo só porque toca na boate... (Baco)

É ter mais identidade... é gostar... de coisas mais restritas... é ter um maior vínculo de amizade com gostos semelhantes... (Psique)

Nasci ouvindo Heavy Metal... meu pai ouvia... (Baco)

Senti-me mais livre... sou músico... o estilo musical me proporciona uma maior liberdade de criação. (Apolo)

É... sofrer preconceito... discriminação... (Zeus)

Muitos dizem... que o Heavy Metal é só barulho... que não é música (Baco)

Eu... antes de entrar na faculdade... estudei em um colégio tradicional... religioso... nele... fui muito rejeitado... as pessoas nem se aproximavam de mim... eu era o diferente... o estranho no ninho... com o tempo... passaram a lidar melhor comigo. Entretanto... acredito que ser "estranho"... "o diferente"... me ajudou a formar minha personalidade... a ter as minhas próprias opiniões... a não pensar e/ou agir como todo mundo faz... só para ser aceito... não sentia a necessidade da constante aceitação deles... isto é libertador... na Universidade vejo pessoas usando roupas de marca só porque todo mundo usa... para ser aceito... não sou assim... acho o metaleiro mais introspectivo... (Zeus)

Damos mais valor a qualidade... do que a quantidade de amigos... (Apolo)

No início da adolescência... sofri mais rejeição... depois... me impus... passei a ser mais aceito. (Vulcano)

Minha mãe perguntava: "essa fase tua não passa não, é?" Ela pensava que era só uma fase... que com o tempo... eu pararia de gostar do Heavy Metal e de me vestir desse modo. (Psique)

No início da minha adolescência... era tudo muito mais mágico... a descoberta da música... hoje já não há tanta novidade... (Apolo)

Com o tempo... você fica mais flexível... passa a aceitar outros gêneros musicais... (Zeus)

9. Como a sociedade e a família percebem as Tribos Urbanas?

Para a sociedade... somos drogados... sujos... satanistas. (Baco)

Quem não conhece o Metal... só nos chama de roqueiros. Por exemplo... faz cinco anos que curto Metal... e minha mãe não fala metaleiro... só roqueiro... ela... ainda fala... que todo roqueiro é maconheiro... (Psique)

Que eu saiba... ninguém aqui usa drogas... mas sempre há... por parte da sociedade... aquela imagem do metaleiro drogado... malvado... que chuta cachorro morto na rua. Às vezes... me acho um bom samaritano... mais do que... muitas pessoas que não apreciam o Heavy Metal. (Zeus)

Acho que... uma mãe não quer ter um filho metaleiro... por causa da pressão social... (Psique)

Eles nos vêem... como perdedores... vagabundos... pensam que... ficamos em casa o dia todo só tocando música... que somos desocupados. (Vulcano)

Nos estereotipam...pensam que... freqüentamos cemitérios... lemos poesias neles... bebemos vinho... e sangue... nada disso acontece! (Zeus)

Que fazemos coisas macabras... (Aquiles)

Sofremos preconceito... por causa da música que escutamos... (Baco)

Não aceitam... o fato de estudarmos e produzirmos música... acham perca de tempo. (Apolo)

Ao contrário de séculos atrás... onde artistas... e músicos eram glorificados... hoje em dia.. artista e músico são vagabundos. (Psique)

Hoje em dia... artista... é aquele que aparece na televisão. (Baco)

Acho que... a família teme... que a sociedade nos rejeite. (Zeus)

A Sociedade nos percebe... como pessoas más... satanistas... drogados... pensam que bebemos até cair. (Vulcano)

O lado positivo... é usar esse estereótipo... de satanista... anti-cristo... para afastar pessoas desagradáveis. (Apolo)

O lado negativo... é afastar... pessoas interessantes... às vezes elas nem se aproximam... (Zeus)

As pessoas... depois que nos conhecem... normalmente dizem: "eu achava que você era chato". (Zeus)

Somos tachados de drogados... nos shows de Metal rola droga... mas em shows de reggae... micaretas... também rola. (Aquiles)

Mas... não rola briga... confusões... furto... como todos se conhecem... se respeitam. (Psique)

Vocês já sofreram algum tipo de preconceito por serem metaleiros?

Muitas vezes... as pessoas olham... estranho para a gente. (Aquiles)

Agora mesmo... as pessoas estão passando... e nos olhando diferente. (Apolo)

Depende da pessoa... eu me visto da mesma forma ... sempre... na faculdade... no estágio... minhas notas são as melhores da sala e é isso que os professores percebem. (Psique)

Para estagiar... eu precisei cortar o cabelo... ele batia na cintura. Precisei cortar o cabelo porque havia um preconceito gritante em relação a minha imagem... nem me davam a chance de falar... me olhavam e já me dispensavam... (Zeus)

Acho isso ridículo. (Vulcano)

A pessoa...deve ser avaliada e percebida pelo que é, pela sua inteligência... o cabelo... a roupa... não influenciam em nada... (Apolo)

Eu me senti tolhido... quando precisei cortar o cabelo... não pude me expressar... uma das coisas que às vezes me faz querer desistir do meu curso... que é direito... é que me sinto... como se sempre eu precisasse me encaixar... aos moldes da sociedade... preciso ser sempre o rapazinho... que usa paletó o tempo inteiro... isso é

muito chato... se você passar em um concurso para juiz... e tiver uma tatuagem no braço... você nunca será chamado para ocupar o cargo. (Zeus)

Há muito preconceito... as pessoas julgam os outros pela aparência. (Psique)

Na faculdade... me disseram, depois que me conheceram, que achavam que eu era chato... ignorante... somos pessoas que temos, como todos, qualidades e defeitos... (Aquiles)

As pessoas... ditas normais... nos rejeitam... nos rotulam... por exemplo... na faculdade eu nunca havia conversado com meus colegas sobre religião... ou sobre meus gostos musicais... uma menina me chamou de roqueiro herege... eu perguntei: "você sabe o que é herege?" (Apolo)

Isso é um preconceito... (Psique)

Uma coisa é você preservar sua imagem... isso é importante... outra coisa é acharem que você precisa entrar em um padrão pré-concebido... em uma forma... Ou seja, você não vai trabalhar de tênis furado e bermuda... eu não iria trabalhar assim... independente de ser metalheiro... criam padrões... se tiver barba... precisa ser de um determinado jeito... o cabelo deve estar cortado de tal jeito... as cores da sua roupa precisam ser... assim... (Apolo)

Como vocês lidam com a necessidade de se adaptar às exigências sociais sem perder o estilo próprio?

Ou você se adapta... (Apolo)

Ou você fica fora do sistema... (Psique)

Você consegue... se esforçando... muito... entrar de alguma forma... se você se deparar com um empregador ou superior mais flexível... que se foque... mais na sua capacidade mais do que na sua aparência... fica menos difícil. (Apolo)

Quando entrei na faculdade... eu faço história... minha mãe disse: "quando você começar a trabalhar vai tomar jeito"... se vestir decentemente... mas... se eu for trabalhar em uma escola pública... não há muita exigência... não há muita exigência com a aparência... se for um colégio particular... terei que fazer algumas mudanças... meu irmão diz que me fantasio... só meu pai que não liga... ele só fala para eu não sair me expondo demais... tipo... roupas curtas, decotadas... mas quanto ao estilo... ele não reclama... ele percebe a pessoa pelo o que ela é... não pela aparência... já minha mãe... julga pelo que o outro veste. (Psique)

Minha mãe é diferente... ela me sugeriu fazer uma tatuagem... ela não quer que eu corte meu cabelo... ela gostava de Heavy Metal... hoje em dia... ela ainda gosta... mas... escuta mais MPB. (Vulcano)

Meu pai diz que as pessoas... quando me olham... devem achar que sou maconheira... porque todo roqueiro... para as pessoas... é maconheiro. (Psique)

Tem gente aqui que nem bebe... esse... é até vegetariano... as pessoas acham que somos malvados... (Zeus)

As pessoas mais humildes... sem informação... acham que nós somos... a encarnação de satanás na terra. (Psique)

Eu acho que ignorância... estupidez... burrice... independe do poder aquisitivo ou classe social... (Apolo)

Mas... falta informação aos mais humildes... (Vulcano)

Se informa na Rede Globo... (Baco)

Sobre a mídia

A Rede Globo... manipula a opinião pública... (Baco)

A mídia... molda a opinião pública... como achar melhor... (Apolo)

Ela só mostra o que é rentável... o que lhe dá retorno financeiro... para ela o resto... é lixo! (Baco)

Houve um incidente em um show de Heavy Metal... um louco... se bem que isso pode acontecer em qualquer lugar... há tiroteio em show de funk... de brega... então... esse louco subiu no palco e atirou nos integrantes da banda que estava se apresentando no momento... matando o guitarrista... um comentarista da Globo passou a notícia dizendo: "Essa música de mal-gosto... só prega o ódio... a guerra... música do satanás. Uma pessoa no lugar dele... deve ter cuidado com o que diz... pois para muitos ele é um ícone do intelectualismo brasileiro... isso faz com que pessoas nem reflitam sobre o que ele fala... já aceitam como a verdade." (Zeus)

Porque "fala bem"... fala o que quer... (Psique)

Ele falou para a massa... foi incoerente... mal informado... (Apolo)

E quem não tem conhecimento... sobre o Heavy Metal... atribuiu, o que ele disse, como verdade... (Vulcano)

Esse comentador... gosta... é de polemizar... seja com o que for... sem se preocupar com quem possa vir a afetar. (Zeus)

Toda minoria tende a ser pouco compreendida... é alvo de preconceito... a mídia contribui para isso... Um exemplo disso... é o caso do islamismo... a mídia só fala de terrorismo... não fala do que a religião prega... distorcem a imagem... (Psique)

A mídia... elimina o que não lhe traz lucro... (Zeus)

10. Qual a importância da Tribo Urbana na vida de vocês?

Ela já foi mais importante... no início da adolescência... quando eu realmente incorporava... hoje em dia vejo como foi importante... hoje estou mais ligado a música. (Apolo)

Vejo como é importante... estar no meio de pessoas que se identificam comigo... (Aquiles)

Eu acho que... a Tribo Urbana foi responsável pela formação de responsabilidade em muitos de nós... tudo que já passamos... ser rejeitados... isso molda nossa personalidade... nos fortaleceu... somos diferentes das outras pessoas... hoje em dia não sou um metaleiro radical... mas em parte... o que sou hoje é o resultado de todo um processo que passei como adolescente metaleiro... quando eu era "o estranho" em um colégio católico... todos eram religiosos... menos eu... se eu fosse ateu... para o colégio... era o mesmo que ser satanista... eu nem me considero ateu... em me considero agnóstico³⁵... eu nem costumo falar que sou agnóstico porque todos ficam perguntando o que significa... e eu não gosto de explicar... mas... eu acho... que tudo que passamos... contribuiu para fortalecer a personalidade de muitos metaleiros. (Zeus)

³⁵ Relativo ao termo **agnosticismo**; que de acordo com o Dicionário Miniaurélio significa: Doutrina em que certas questões (por ex., a existência ou não de Deus), por estarem além do entendimento humano, não podem ter uma resposta segura.

Foi importante na construção do meu vínculo de amizade com outros metaleiros...para conhecer os lugares que frequento... (Psique)

O que você é hoje... é fruto também do que você foi antes... mesmo que você seja diferente... (Apolo)

Pelas amizades que fiz... (Aquiles)

Por não ser fácil... para as pessoas se aproximarem da gente... as poucas que chegam... têm uma fidelidade maior... entre si... meus amigos hoje são os mesmos de anos atrás... os que namoram... têm namoros duradouros... longos... duram três... quatro anos... hoje em dia é difícil ver namoros longos... hoje em dia as pessoas trocam muito... de amigos... de namorada... de tudo... como é difícil se aproximar do outro... terminamos dando mais valor. (Zeus)

11. Você acha que o seu modo de ser modificou-se quando você passou a fazer parte de uma Tribo Urbana? O que mudou?

É difícil avaliar o antes e o depois... a minha vida sempre foi muito presente na música... e não a música na minha vida... (Baco)

Esse grupo... é meio atípico... comecei a ouvir o Heavy Metal ainda na infância... com nove... dez anos... sofri influência de familiares... (Zeus)

Comecei a criar minha identidade... quando sai da infância para a adolescência... o Heavy Metal me acompanhou. (Psique)

Antes... eu tinha amigos que apresentavam gostos muito diferentes... depois da Tribo Urbana... as pessoas se identificavam umas com as outras... temos gostos

parecidos... e... talvez por isso... as amizades sejam mais duradouras... por termos mais coisas em comum... (Apolo)

Meu vínculo de amizade mudou drasticamente... (Psique)



5 COMPREENDENDO AS NARRATIVAS

TRIBO URBANA: "Destino comunitário, comunidades de destino"

As experiências narradas pelos grupos possibilitaram um 'des-velamento' de características importantes da Tribo Urbana de Metaleiros, e dos motivos que levam jovens a sua adesão. A partir destas narrativas procurou-se construir redes de sentido que nos possibilitassem compreender a importância da Tribo Urbana na construção da identidade adolescente.

Antes, deve-se explicar que, neste ponto, apenas alguns segmentos das narrativas serão expostos, ainda que todos os relatos tenham sido vistos e re-vistos para possibilitar a construção da tessitura da rede de sentido que emerge a partir da experiência de pertencência a uma Tribo Urbana.

A experiência, revelada através dos depoimentos, possibilitou perceber que ser metaleiro³⁶ é algo que transcende a questão da aparência, ou seja, das suas roupas pretas, dos seus cabelos compridos, tatuagens e acessórios em metal. Tal como narrado:

A questão da roupa não define um metaleiro; eu, por exemplo, gosto muito de roupa preta... mas também uso roupas de outras cores... apesar de não usar o preto sempre, eu sou metaleira... logo, isso não pode ser usado como critério para definir um metaleiro. Antes eu sempre usava roupas pretas... mas o tempo passa... vem a maturidade e você precisa mudar. Quando se é mais jovem sabe-se que não tem muitas responsabilidades e com isso sente-se à vontade para se vestir como quiser... mas quando se vai amadurecendo você passa a ter consciência que têm certas coisas que não vai mais estar sempre

³⁶ Nome atribuído aos participantes da Tribo Urbana composta por pessoas que têm o mesmo gosto musical, no caso o Heavy Metal e suas subdivisões.

podendo fazer ou usar. Depois vem o trabalho... e não é adequado estar sempre usando preto em um ambiente de trabalho³⁷.

(Vênus)

É Curtir o metal... é ouvir o Heavy Metal... é ter atitude... envolve uma filosofia de vida... uma ideologia... modo de vestir... um convívio com "pessoas do meio"... freqüentar lugares onde só se encontram pessoas que curtem o estilo. [...]

(Psique)

Têm pessoas que usam roupas pretas porque gostam... e têm outras que não ligam para a cor do que usam... Eu mesmo estou usando um tênis branco, posso usar preto... mas não há a necessidade de usar tudo preto sempre; isso acontece mais quando se está naquela fase de auto-afirmação.

(Teseu)

É interessante observar que, apesar do Heavy Metal ser um movimento de contracultura, ainda assim, o adolescente, com o passar do tempo, vai se dando conta da necessidade de se adaptar a algumas exigências sociais, como por exemplo, a aparência "adequada/esperada" em um ambiente de trabalho.

Os relatos revelam que algumas adaptações e mudanças no visual são provocadas pela necessidade, no jovem metaleiro, de obter uma colocação no mercado de trabalho, vez que na busca por um emprego ele sofre preconceito oriundo da aparência que apresenta.

Sofremos preconceito quando precisamos procurar emprego... nossas roupas pretas... nosso cabelo comprido... e... nossas tatuagens são sempre mal vistas.

(Gaia)

³⁷ Para facilitar a fluência na leitura das narrativas, elas serão apresentadas de forma diferenciada do resto do texto, ou seja, com recuo de 4 cm.

Muitos meninos do metal quando vão procurar emprego costumam cortar os cabelos.

(Antígona)

Por mais que saibamos que somos capacitados... inteligentes e totalmente aptos para desenvolver o trabalho para o qual estamos nos candidatando... ainda assim as pessoas nos olham diferente por causa da nossa aparência.

(Gaia)

Para estagiar... eu precisei cortar o cabelo... ele batia na cintura. Precisei cortar o cabelo porque havia um preconceito gritante em relação a minha imagem... nem me davam a chance de falar... me olhavam e já me dispensavam...

(Zeus)

A pessoa...deve ser avaliada e percebida pelo que é, pela sua inteligência... o cabelo... a roupa... não influenciam em nada...

(Apolo)

Eu me senti tolhido... quando precisei cortar o cabelo... não pude me expressar... uma das coisas que às vezes me faz querer desistir do meu curso... que é direito... é que me sinto... como se sempre eu precisasse me encaixar... aos moldes da sociedade... preciso ser sempre o rapazinho... que usa paletó o tempo inteiro... isso é muito chato... se você passar em um concurso para juiz... e tiver uma tatuagem no braço... você nunca será chamado para ocupar o cargo.

(Zeus)

Há muito preconceito... as pessoas julgam os outros pela aparência.

(Psique)

Uma coisa é você preservar sua imagem... isso é importante... outra coisa é acharem que você precisa entrar em um padrão pré-concebido... em uma fôrma... Ou seja, você não vai trabalhar de tênis furado e bermuda... eu não iria trabalhar assim... independente de ser

metaleiro... criam padrões... se tiver barba... precisa ser de um determinado jeito... o cabelo deve estar cortado de tal jeito... as cores da sua roupa precisam ser... assim.

.. (Apolo)

Ainda sobre a aparência, parece que esta, para um adolescente da Tribo Urbana de Metaleiros, tem maior relevância nas primeiras fases da adolescência, quando há a necessidade, premente, de aceitação por um grupo social diferente do familiar, de auto-afirmação, de identificação e de uma nova identidade. A respeito disto Woodward (2000, p.9-10) afirma que "A identidade é marcada por meio de símbolos [...] Existe uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que uma pessoa usa". Assim, é possível afirmar que a construção da identidade se apóia em aspectos simbólicos, ricos em sentidos, inscritos em uma determinada sociedade.

É importante salientar, que diante de uma rede tecida por elementos simbólicos (visual, música, ideologia, etc.) a aparência é um dos primeiros aspectos que chama a atenção de quem cruza o caminho dos metaleiros.

O compartilhamento de códigos (gírias, jargões, músicas, pautas comportamentais), de elementos estéticos (estilo de vestir, adornar e expressar-se por meio do corpo) e de práticas sociais (relativas ao comportamento político e às formas de lazer, de circulação e apropriação do espaço urbano e da cultura) contribui para definir a imagem social de cada tribo. (ASSUNÇÃO; CAMILO; OLIVEIRA, 2003, p.3).

Enquanto que para a sociedade a aparência de jovens metaleiros é motivo de preconceito, para os membros da Tribo Urbana é possibilidade de identificação na medida em que, pelo visual, remete o adolescente a sentimentos de pertença.

As pessoas só nos conhecem superficialmente e... ainda assim... generalizam... em casa e na escola todos falavam: "Essa menina só usa preto! O que ela é? Satanista? Doida?".

(Vênus)

Um metaleiro gosta de usar camisetas pretas com estampas de suas bandas preferidas... isso é o básico... vestindo-se dessa forma é

possível transitar pela rua... ou pela faculdade; sem sentir que está sendo alvo de atenção... e pode ainda... se identificar com pessoas que apresentam o mesmo estilo que o seu.

(Gaia)

A aparência... entre metaleiros... quebra barreiras.

(Aquiles)

Entretanto, as generalizações preconceituosas são fontes de preocupação para os adolescentes metaleiros, haja vista atitudes que criticam e desaprovam em outros de sua própria Tribo. Diante disto percebe-se que ao mesmo tempo em que a aparência os identifica serve, também, para diferenciá-los:

Quando usamos preto podemos perceber pessoas que apresentam o mesmo visual que o nosso... mas, fazem coisas que nos desagradam... como usar drogas, por exemplo. O pior é que quem está do lado de fora começa a nos julgar e a achar que todos que apresentam aquele visual se drogam... e isso não corresponde à realidade... porque eu não me drogo.

(Minerva)

Que eu saiba... ninguém aqui usa drogas... mas sempre há... por parte da sociedade... aquela imagem do metaleiro drogado... malvado... que chuta cachorro morto na rua. Às vezes... me acho um bom samaritano... mais do que... muitas pessoas que não apreciam o Heavy Metal.

(Zeus)

Os adolescentes metaleiros desaprovam os 'falsos-metaleiros' ou, como eles denominam, os "posers"; estes seriam jovens que se vestem, a rigor, como metaleiros, mas não o são, na medida em que não têm o Heavy Metal como música essencial e primordial na vida.

Símbolo prioritário dos metaleiros, o Heavy Metal é compreendido como um conjunto subjetivo que envolve estilo, conhecimento musical e temático, além de uma postura crítica diante da sociedade. A respeito disto alguns adolescentes relataram:

Posers é um termo usado para se referir aos falsos metaleiros... aquelas pessoas metidas... fingidas... que só são metaleiros na aparência e não na realidade.

(Antígona)

Só se caracterizar como metaleiro em um momento específico com o objetivo de se socializar... por exemplo... é possível perceber nas noites dos finais de semana no Recife Antigo muitos jovens vestindo preto... mas... nos outros dias da semana e em outros lugares você não vê todas essas pessoas vestindo preto... essas pessoas vão para determinados lugares dessa forma só para se auto-afirmarem.

(Vênus)

[...] muitos jovens, no Recife Antigo, só se vestem de preto e, se caracterizam como metaleiro para se auto-afirmarem... mas... cotidianamente... são diferentes... não usam preto... pensam diferente... agem diferente... escutam pagode.

(Vênus)

Essas pessoas não têm o metal como sua música principal.

(Antígona)

E é por isso que chamamos de 'poser'... porque só se importam com a aparência.

(Vênus)

Ou seja, 'posers' são pessoas que só dão atenção ao visual.

(Teseu)

São adolescentes que precisam... que sentem a necessidade de se auto-afirmar... e por isso se voltam mais para o visual, deixando a música em segundo plano... pode até ser que nem gostem de música.

(Gaia)

Se você fizer alguma pergunta a um 'poser'... sobre o Heavy Metal... ele não vai saber dizer... ou ainda... vai responder tudo errado.

(Antígona)

Quanto à aparência, pode-se dizer que a (não) cor³⁸ preta estampada na roupa e na maquiagem dos metaleiros é um instrumento utilizado para compor uma trama de sentidos que fala, simbolicamente, de uma posição de desacordo com o que é socialmente instituído. Desse modo, "Vê-se que não basta os integrantes da tribo terem um visual semelhante entre si, é necessário ser diferente dos demais". (ASSUNÇÃO; CAMILO; OLIVEIRA, 2003, p.8).

No caso dos metaleiros, a aparência teria a intenção de através do choque, do impacto, tirar as pessoas de sua zona de conforto, onde tudo o que pode ser visto é só uma aparência serializada e, em alguns casos, desprovida de sentido, uma aparência ditada pela tirania da moda, em que os corpos e subjetividades precisam caber dentro de um padrão social e previamente instituído. A roupa/aparência dos adolescentes metaleiros "fala" de um se sentir bem consigo mesmo, mas, também, tem o intuito de denunciar o que, simbolicamente, é escondido embaixo das modernas, coloridas, volumosas e esvoaçantes roupas balonês³⁹.

A respeito disto alguns participantes comentaram:

O preto causa mais impacto.

(Antígona)

³⁸ É interessante perceber que a cor escolhida pelos metaleiros trata-se, na verdade, de uma não-cor, uma vez que o preto consiste na ausência de luz. Tal escolha parece condizente com sua postura de oposição frente ao que foi (cegamente) instituído.

³⁹ "Saia ballonée [Do fr. 'balon', 'balão']. Saia com corte franzido na parte superior e presa na parte inferior, dando efeito de balão" (CATELLANI, R. M. Moda ilustrada de A a Z. Barueri, SP: Manole, 2003.).

A roupa é usada, geralmente, para impactar... chocar... um exemplo disto ocorreu com o Movimento Black Metal na Noruega⁴⁰ ... este país foi totalmente oprimido pelo protestantismo... lá, a opressão religiosa em cima da sociedade... da escola... e da família é muito forte. O sujeito que cresce em um meio opressor, tende a atingir um limite em que não agüenta mais... e explode... neste caso, a explosão se deu através do Movimento Punk Black Metal, intitulado depois de apenas Black Metal; a partir deste movimento foi adotada uma atitude contrária ao cristianismo... no caso... o satanismo; não que a proposta fosse o satanismo em si... ou seja... o culto e a adoração a satã... mas um satanismo que simbolizava um movimento de resistência contra o que era pregado pelo protestantismo. No entanto, existem pessoas que adotaram o satanismo como culto e estilo de vida.

(Teseu)

No Heavy Metal é possível perceber símbolos que envolvem questões relativas ao satanismo e estes podem ser identificados através das letras de algumas músicas, nas capas dos cds ou, ainda, em estampas nas suas camisas pretas. A respeito do satanismo Maffesoli (2006, p.94) afirma que:

É essa figura demoníaca que se encontra em todos os mitos e em todas as religiões, o Satã da tradição bíblica, que diz não à submissão. Ainda que pontualmente destrutiva, a figura satânica não deixa de ter uma função fundadora.

Assim sendo, não podemos desconsiderar o potencial destrutivo da figura satânica, mas é possível ampliar a concepção de destruição quando a percebemos como algo que desconstrói antigas estruturas e torna-se instrumento fundador/possibilitador de um outro corpo social, corpo que se nega a se submeter, a

⁴⁰ "A cena era profundamente anti-cristã, e procurava remover o cristianismo e outras religiões não-escandinavas da cultura norueguesa, bem como tudo o mais que afetasse as raízes da Noruega. Isso conduziu à mobilização de algumas pessoas com idéias afins para a inclusão na cena black metal do país." Mais informações consultar na Internet. http://pt.wikipedia.org/wiki/Black_metal. Acesso em 23 set. 2007.

se inclinar sem criticar, questionar, contestar ou pensar a respeito de uma pertença social. No que toca a este assunto os relatos são expressivos:

O movimento do Metal é mais forte onde há mais opressão... se há um país pequeno onde a igreja dita as regras é comum que surjam movimentos de contestação... um grupo de pessoas que realmente pensa... e que não se permite ficar nas rédeas dos outros... pensando de acordo com o que os outros acham que é o certo. O visual fala de uma posição contrária ao que foi socialmente instituído e propõe uma atitude mais liberal diante da vida.

(Minerva).

A proposta é chocar mesmo [...] Para dizer que você é contra o que a sua família pregou desde que você era criança... contra o que a religião prega, porque ela te aprisiona com suas regras e dogmas... é uma forma de colocar-se contra o que foi instituído socialmente (Teseu)

A respeito dos sistemas de representação (música, visual, atitude diante do mundo, etc.) utilizados pela Tribo urbana de metaleiros é possível afirmar que

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? (WOODWARD, 2000, p.17)

Dessa forma, a aparência, como um dos elementos dos sistemas de representação, desempenha para esta Tribo Urbana um papel identitário e contestatório fundamental. Para os jovens metaleiros a aparência revelaria um estado interior desconhecido ao ser humano, em que o preto representa a busca em se 'des-vendar' o que há de obscuro.

A questão de chocar, ou não, dependerá de cada subgrupo... nem todos pretendem chocar a sociedade através da aparência... por exemplo, no caso do Gothic Metal a aparência fala de um estado de espírito... a proposta não é chocar... mas expressar um sentimento... uma sensação... um estado de espírito... geralmente, sempre deprimido; neste caso as roupas pretas serviriam para comunicar tais sentimentos... o preto é uma cor escura... obscura... muito triste.

Mas, no caso do subgrupo do Power Metal a aparência é usada para chocar... assim a aparência tem um sentido... tem um significado específico para cada subgrupo.

(Vênus)

O preto fala do que é obscuro e grande parte das músicas do Metal falam sobre a descoberta do seu íntimo... buscam desvendar o que é obscuro dentro de cada um... o que é desconhecido... pois não nos conhecemos totalmente.

(Minerva)

O visual, nesse caso, seria um meio possibilitador de sintonia entre o meio interno/subjetivo e externo/social do adolescente, ou seja, entre o que ele sente, percebe, pensa e o que os outros vêem, o que é superficial⁴¹, o que é aparente. Seguem relatos:

Quando vestimos o que nos faz se sentir bem... a aparência termina falando de um se sentir bem consigo mesmo.

(Minerva)

O preto fala da obscuridade... da ideologia lírica, da natureza negra do homem.

(Gaia)

⁴¹ O termo superficial está sendo usado no sentido de algo relativo a superfície; do que se mostra na superfície.

A forma de um metaleiro se vestir pode ser resumida a uma cor... o preto... quem gosta de Heavy Metal usa preto.

(Teseu)

Entretanto, além da aparência, a música também teria a função de levantar os véus que cobrem os olhos da nossa sociedade, mostrando uma realidade nem sempre agradável de se ver:

O preto também tem o objetivo de comunicar as mazelas da sociedade para a própria sociedade... muitas bandas, através de suas músicas, falam de violência... opressão... miséria... dando assim, uma espécie de "tapa na cara" da sociedade⁴².

Muitas pessoas vivem com uma falsa moral... se restringindo a não tocar em certos assuntos que chocam a sociedade.

(Gaia)

Diante dos relatos é possível perceber que a aparência e a música buscam desvelar questões que perpassam a "identidade de ser metaleiro", na medida em que funcionam como dispositivos (estratégias) para escancarar/criticar uma sociedade moralista e massificadora. Ambas constituem formas de resistência ao instituído, estabelecendo entre si um movimento de retroalimentação:

Desde o começo do Heavy Metal... até agora... o que predominou..., tanto na literatura como na música... foram temas mais obscuros... mais intimistas... e isso termina refletindo em você e no seu visual.

(Teseu)

⁴² É possível levantar a reflexão de que, nesses casos, a aparência e a música dos metaleiros seja fonte de preconceito, aversão e marginalização? Negar uma aparência e um estilo musical que tem, também, o sentido de denunciar uma realidade opressora e desigual seria uma tentativa de negar uma realidade impactante e desagradável?

Mas o que realmente vem a ser um metaleiro? Existe algo que, primordialmente, define e é comum entre os metaleiros: o gosto pelo estilo musical denominado de Heavy Metal⁴³.

Ser metaleiro é se dedicar a escutar o Heavy Metal... isso é o básico... mesmo que você não se vista como um metaleiro ou siga a ideologia do metal... O comum a todos os metaleiros é o estilo musical.

(Gaia)

Neste ponto, para uma maior compreensão da Tribo Urbana de Metaleiros, faz-se necessário um esclarecimento a respeito do Heavy Metal. Ele é composto de várias subdivisões: Black Metal, Death Metal, Doom Metal, Folk Metal, Groove Metal, Power Metal, Prog Metal, Speed Metal, Thrash Metal, alternative Metal, Grindcore, Industrial Metal, Metalcore, Nu Metal, Gothic Metal, Stoner Metal, Symphonic Metal, Viking Metal, Death Metal, Black Metal (WIKIPEDIA, 2006).

De acordo com Maffesoli (2005, p.17):

A metáfora musical é, aqui, de grande utilidade para compreender um tempo contraditório, por vezes cacofônico, engendrando sintonias parciais que conseguem, mal ou bem, se ajustar num conjunto fractal pertinente ao espírito do tempo. Apesar da ausência de unidade rígida, fechada, identitária, como a da instituição, do Estado-nação ou do império ideológico, tal ritmo é revelador da unicidade flexível que agrega numa harmonia conflitual as tribos mais diversas, [...] numa constelação onde há lugar para todos.

O sentido de ser metaleiro pode ser metaforicamente comparado a uma colcha de retalhos que foi cerzida a partir de recortes de música (Heavy Metal), ideologia, aparência, postura crítica, cultura, sentimento, encontro entre diferenças semelhantes e modos de ser. A título de ilustração segue o trecho da música: *Heavy Metal (Is The Law)* da banda de Heavy Metal: *Helloween*;

⁴³ O **heavy metal**, ou como alguns preferem chamar: **metal**, é um sub-gênero do rock, o *Heavy Metal* surgiu, assim como o movimento Hippie, como um posicionamento de contracultura. O Heavy Metal também possui nas letras uma de suas maiores riquezas. Os temas são usados como protestos contra elementos repressores da sociedade, protesto contra religiões opressoras; fala dos medos e do lado obscuro do ser-humano; musicalização de contos, poemas, história de civilizações, momentos ou heróis da humanidade, trabalhos conceituais, humor, fuga da realidade e psicodelia, referências mitológicas, dentre outros. Encontram-se, ainda, letras sobre o louvor ao próprio Heavy Metal e ao Rock, como forma de transmissão da paixão e da fidelidade ao estilo. Disponível na Internet. http://pt.wikipedia.org/wiki/Heavy_metal. Acesso em 11 set. 2007.

Heavy Metal is the law that keeps us all united free A law that shatters earth and hell Heavy Metal can't be beaten by any dynasty We're all wizards fightin' with our spell⁴⁴

A respeito deste sentimento de união e dessa postura de oposição, inerente a Tribo Urbana de Metaleiros, Maffesoli (2006, p.16) afirma que:

O tribalismo, mais profundamente, é uma declaração de guerra ao esquema substancialista que marcou o Ocidente: o Ser, Deus, o Estado, as Instituições, o Indivíduo; poder-se-ia continuar, à vontade, a lista das substâncias que servem de fundamento a todas as nossas análises.

Assim, para além de um estilo musical com diversas subdivisões, o Heavy Metal é um movimento de contracultura, de contestação e de resistência contra a opressão e a alienação. A música, para os metaleiros, está envolvida em uma rede de significância que "proclama a liberdade". Neste sentido uma participante narra:

No metal temos muita liberdade... liberdade de pensamento... de escolha... não nos preocupamos em agir de acordo com o que esperam da gente... isto nos faz livres. O Metal proclama a liberdade.

(Antígona)

O Heavy Metal, torna-se, assim, mais que um estilo musical; pode ser percebido como via de significação, como veículo de cultura, de revolução pessoal, de encontro entre afinidades. A música é repleta de sentido e de ideologias, possibilitando novas visões e atitudes frente à vida; é símbolo de novos modos de ser.

Diante disto alguns adolescentes metaleiros relataram:

A ideologia difundida entre os metaleiros poderia ser resumida à liberdade... porque os dogmas da igreja existem... basicamente... para fazer você "andar na linha"... Ela te mantém nas rédeas.

(Gaia)

⁴⁴ Tradução: Heavy metal é a lei que nos mantém unidos e livres; Uma lei que quebra terra e inferno; Heavy Metal não pode ser golpeado por qualquer dinastia; somos feiticeiros lutando com nosso destino. Composição de: Michael Weikath/ Kai Hansen. Informação disponível no site: <http://helloween.letas.terra.com.br/letas/17881/>. Acesso em 20 set. 2007

Nós nos colocamos não só contra os dogmas religiosos... mas também contra os dogmas sociais... nossa ideologia tem por objetivo quebrar dogmas.

(Teseu)

A música, repleta de ideologia, abre espaço para novos e diferentes modos de ser. O adolescente metaleiro quer ter o direito de fazer suas próprias escolhas e de cometer seus próprios erros, quer ter a chance de enlaçar os fios que tecem a sua vida e o seu futuro, busca dizer não ao que foi "escrito previamente" para ele, sem sua participação e/ou consentimento, procura romper com o imaginário familiar em sua atribuição prévia de papéis, assumindo, assim, uma atitude de oposição:

Os nossos pais querem que a gente vista roupa de florzinha... escute músicas ciranda-cirandinha... e... viva uma vidinha tristinha... sem graça... que a gente já sabe o final⁴⁵. Eu quero mais liberdade para minha vida... quero uma vida onde eu possa escolher meus próprios caminhos... onde eu possa ter meus próprios pensamentos... e não pensar como toda a sociedade pensa... e o metal nos dá muita liberdade... ele tem uma proposta libertária.

(Antígona)

Meus pais fazem parte de uma geração mais antiga... eles vieram do interior... cada um de um interior diferente... **achavam que eu seria "aquela menininha" que iria crescer... se casar aos quinze anos... ter filhos... arranjar um empreginho de professora e, ter uma sub-vida⁴⁶.** Eu já sofri muito... mas, a partir do momento em que você se coloca... mostra sua opinião... conversa... o preconceito diminui... um pouco.

(Minerva)

⁴⁵ Grifo nosso.

⁴⁶ Grifo nosso.

Minha mãe perguntava: "essa fase tua não passa não, é?" Ela pensava que era só uma fase... que com o tempo... eu pararia de gostar do Heavy Metal e de me vestir desse modo.

Quando entrei na faculdade... eu faço história... minha mãe disse: "quando você começar a trabalhar vai tomar jeito"... se vestir decentemente... mas... se eu for trabalhar em uma escola pública... não há muita exigência... não há muita exigência com a aparência[...]
(Psique)

Apesar do adolescente compreender e reconhecer o seu lugar no imaginário familiar necessita, como projeção para o futuro, efetuar rupturas. Entretanto, estas são percebidas com preconceito levando-o ao sofrimento e à marginalização. O preconceito sofrido, muitas vezes oriundo da escola, família e da sociedade como um todo, os incomoda, mas isto não os faz abrir mão do 'modo metaleiro de ser'. A exclusão e marginalização fazem com que eles se voltem para a sua Tribo, local de acolhimento, crescimento, respeito e reconhecimento mútuo.

A respeito disto os adolescentes relataram sua experiência:

Eu... antes de entrar na faculdade... estudei em um colégio tradicional... religioso... nele... fui muito rejeitado... as pessoas nem se aproximavam de mim... eu era o diferente... o estranho no ninho... com o tempo... passaram a lidar melhor comigo. Entretanto... acredito que ser "estranho"... "o diferente"... me ajudou a formar minha personalidade... a ter as próprias opiniões... a não pensar e/ou agir como todo mundo faz... só para ser aceito... não sentia a necessidade da constante aceitação deles... isto é libertador... na universidade vejo pessoas usando roupas de marca só porque todo mundo usa... para ser aceito... não sou assim... acho o metaleiro mais introspectivo...

(Zeus)

[...] quando meu primo começou a se identificar com o Heavy Metal uma das primeiras coisas que ele fez foi deixar o cabelo crescer... meu pai ficou muito incomodado com isso... porque ele acredita que cabelo

comprido em homem é coisa de homossexual... vagabundo... drogado... ele repete a mesma visão da sociedade, de forma generalizada.

Também sofremos preconceito por parte dos outros... mas quem disser que não tem preconceitos é hipócrita. A maioria das vezes você é vista como a ovelha negra da família... mas a nova geração da minha família já tem a mente mais aberta e gosta do Heavy Metal... mas sei que existem muitos pais radicais que não aceitam. Eles repetem a visão que a sociedade tem... pensam que se a gente começar a andar de preto e gostar do Metal vai tornar-se satanista e/ou começar a usar drogas e... isto não é verdade.

(Gaia)

A família, como segmento social, termina repetindo posicionamentos da sociedade, de forma que o adolescente metaleiro, com seus cabelos compridos, suas tatuagens⁴⁷ e roupas pretas, é percebido como homossexual, vagabundo, drogado, doido, satanista, dentre outros. Esperava-se que a família, por ter a possibilidade de estabelecer um contato mais íntimo com o adolescente, pudesse compreender e respeitar sua singularidade, seu modo de ser; no entanto, isto, geralmente, não ocorre.

Contudo, este posicionamento por parte da família é compreensível, na medida em que parece refletir o temor de se ter um filho ou parente que não seja "capaz" de corresponder, de forma adequada, às exigências sociais.

De modo geral, os adolescentes, participantes desta pesquisa, afirmaram que tanto a sociedade como a família os percebe, enquanto Tribo Urbana, com preconceito e negação; ao generalizar comportamentos atribuídos a estes adolescentes como uso

⁴⁷ É importante expor antigas posições de famosos estudiosos a respeito da tatuagem, podemos citar Césare Lombroso (1895) criminalista italiano e professor de jurisprudência em Turim e Alexandre Lacassagne (1881) importante cirurgião da armada francesa e professor de jurisprudência em Lyon; ambos pesquisaram indícios físicos que apontassem e "justificassem" comportamentos delinqüentes, sendo, neste caso, a tatuagem um dois sinais estudados por esses. Ferreira (2004) citando Rocha (1985, p.101): o uso da tatuagem é "como um sinal de criminalidade inata, mostrando a insensibilidade dos criminosos a dor e o seu gosto atávico pelo ornamento". Sendo, para os estudiosos acima citados, um indício corporal de uma patologia criminal.

Desse modo é importante salientar que preconceitos atuais, muitas vezes, têm sua origem e fundamento no passado.

de drogas e consumo irresponsável do álcool, não consideram que estes próprios adolescentes, mesmo sendo metaleiros, desaprovam estas condutas.

A respeito disto os participantes expuseram que:

Percebem, geralmente, com muito preconceito... pré-conceito... eles têm muita dificuldade de tentar, ao menos, aceitar. Os mais velhos são os que mais apresentam preconceito... acredito que isto se deve ao fato do tipo de criação que tiveram... é uma geração totalmente diferente da nossa... para eles é muito difícil aceitar o tipo de música que escutamos... a temática que elas tratam... eu até entendo o posicionamento deles... pois deve ser difícil para alguém que cresceu ouvindo Nelson Gonçalves, Amado Batista ou Roberto Carlos aceitar nossas músicas... a sonoridade e as letras são muito diferentes.

(Teseu)

Eu acredito que todo esse preconceito está atrelado aos lugares que freqüentamos... e o que acontece neles... Sejamos realistas... acontece muito consumo de drogas e bebidas.

(Vênus)

Não! Isso acontece em todos os lugares.

(Gaia)

Não concordo com isso não! Isso tem em todo lugar freqüentado por jovens.

(Teseu)

A diferença entre os outros lugares e os freqüentados por metaleiros é que não nos preocupamos em esconder nada... Por exemplo... nessas micaretas há consumo de drogas e bebidas..., a diferença é que este consumo é ocultado por quem consome e pela mídia para manter a imagem do evento para toda sociedade.

(Hércules)

Acredito que a incidência de violência e consumo de drogas nos nossos eventos é bem menor se relacionado a outros... no entanto, a imagem do metaleiro consumidor de drogas e álcool já foi estereotipada.

(Teseu)

Sofremos muito preconceito por sermos metaleiros... No meu aniversário meus pais foram comigo ao Bar do Metal... quando lá chegaram, por depararem-se com muitas pessoas vestidas de preto, já começaram a pré-julgar... sem nem saber o que realmente estava acontecendo lá... no caso uma comemoração de um aniversário.

(Minerva)

No rock, no geral, não há mascaração... tudo o que acontece está à vista de todos.

(Hércules)

Acho que... uma mãe não quer ter um filho metaleiro... por causa da pressão social...

(Psique)

Eles nos vêem... como perdedores... vagabundos... pensam que... ficamos em casa o dia todo só tocando música... que somos desocupados.

(Vulcano)

Nos estereotipam...pensam que... freqüentamos cemitérios... lemos poesias neles... bebemos vinho... e sangue... nada disso acontece!

(Zeus)

Que fazemos coisas macabras...

(Aquiles)

Sofremos preconceito... por causa da música que escutamos...

(Baco)

Não aceitam... o fato de estudarmos e produzirmos música... acham perca de tempo.

(Apolo)

Acho que... a família teme... que a sociedade nos rejeite.

(Zeus)

A Sociedade nos percebe... como pessoas más... satanistas... drogados... pensam que bebemos até cair.

(Vulcano)

De forma geral, a sociedade e a família nos vêm com total preconceito e negação.

(Teseu)

Seguem outros relatos que, também, remetem a vários tipos de preconceitos já sofridos:

Na rua já fui chamada de maconheira... drogada.

(Minerva)

No colégio sofri preconceito por causa do meu estilo de ser... eu era "a" diferente... Já pensam logo que você é anti-social só porque não se veste como os outros... no caso, só anda de preto e não escuta o que é popular... o que todo mundo escuta, como Britney Spears; comentam: ela não sai para o forró!! Coisas desse tipo fazem com que você seja rotulada como a drogada... a anti-social... a satanista.

(Gaia)

Há muito preconceito... sinto muito quando vou para cidades do interior do estado e desejo ouvir minhas músicas... até porque lá só escutam forró o dia inteiro...

então quando começo a ouvir minha música... a chamam de coisa de doido; falam que isto não é música... perguntam se já usei alguma droga e coisas do tipo.

(Hércules)

Na escola onde estudei só eu e um colega gostávamos de Heavy Metal... os outros ficavam nos chamando de roqueiros... mas sempre levei tudo no bom humor... sem levar nada para o lado pessoal... eu até saia com eles para lugares onde o que se ouvia era pagode... sem problemas... não tenho preconceitos quanto a isso.

(Teseu)

No colégio... por eu vestir roupas pretas... me chamavam de bruxa; no colégio... quando eu comecei a me vestir de preto... meus amigos de verdade, continuaram a ser meus amigos; eles viram a mudança... mas outros se afastaram de mim... me chamavam de anti-Cristo... de metida... diziam que eu era uma pessoa do mal... começaram a criar uma imagem minha que não existia... evitavam falar comigo... foi horrível.

(Vênus)

Você passa a ser visto como a ovelha negra da sala de aula... da escola... da família.

(Teseu)

Havia pessoas que tinham medo de falar comigo.

(Vênus)

As pessoas pensam que porque ouvimos Metal somos um bando de vagabundos e desocupados... que não queremos nada com a vida... e que não fazemos nada da vida... que não temos futuro e/ou que não cuidamos do nosso futuro... esse é um preconceito muito forte que sofremos por parte da sociedade. A maioria dos meus amigos está

cursando uma faculdade... é muito mais fácil você achar um metaleiro na Universidade do que um pagodeiro.

Nossos pais chamam nossa música de barulho... de música de tumbeiro... de doido; só porque saímos de preto para virar a noite pensam logo que vamos nos drogar... ou participar de alguma orgia sexual... ou coisas do tipo.

(Antígona)

Eu acredito que este é o maior e mais forte preconceito que sofremos... se você gosta de Heavy Metal você é burro! As pessoas pensam assim!

(Teseu)

As narrativas refletem uma realidade pré-concebida por parte das pessoas que desconhecem o que é inerente ao mundo do Metal, pois, contrariando o senso comum que diz que os metaleiros são burros, vagabundos, sem-futuro, desocupados, drogados, dentre outras colocações pejorativas e desprovidas de um autêntico contato com a realidade, os jovens metaleiros se preocupam com suas existências, com seu futuro e investem; cursam uma faculdade e trabalham.

Em um sentido diametralmente oposto ao que é preconcebido, o Heavy Metal estimula a busca por um conhecimento mais amplo sobre outras culturas, outros modos de ser, faz com que alguns procurem aprender a tocar um instrumento musical e, ainda, os estimula a aprofundarem seus estudos, a falar outros idiomas para entender melhor a temática que as músicas abordam.

Portanto ao contrário do que pensam, sua música não é barulho, pois barulho nada diz; concordando com Maffesoli (2005, p. 142, grifo nosso):

A época então se torna musical. Não uma música separada, em lugares e tempos determinados, dos lazeres e das recreações programadas, mas uma melodia envolvente, feita de imperceptíveis modulações, de gestos cotidianos e de sons da vida corrente, **coisas que constituem a verdadeira arquitetura social, dão pleno sentido ao que partilho com outros e, magicamente, destilam essa pequena música específica pela qual se reconhecem os que as habitam e nelas investiram afetivamente.**

Nessa direção a música abre as portas para um mundo repleto de sentido e de possibilidades, tal como os relatos ilustram:

[...] as temáticas das nossas músicas são muito diversificadas... elas falam de história, cultura nórdica, ocultismo, mazelas da sociedade, satanismo, cristianismo, sexo, drogas, amor, filosofia, obras literárias, psicologia, biologia, matemática, dentre outras.

(Gaia)

As letras das músicas de Vintersorg... por exemplo... falam de matemática, astronomia, vai tentar ler e entender! O Vintersorg, além de cantor de uma banda de Heavy Metal, é professor de matemática. As bandas de Gore... em suas músicas, falam sobre doenças, anatomia, muitos integrantes dessas bandas são formados em medicina. A maioria das bandas que gostamos é européia... e, isso nos estimula a fazer cursos de idioma para entender melhor as músicas e a cultura.

(Hércules)

Assim, para os metaleiros, o Heavy Metal é um elemento de reflexão, conhecimento, um modo de oposição frente à moral dominante em nossa sociedade e postura crítica frente à vida; é ele que remete o jovem para seu grupo e, nesse sentido, pode-se afirmar que a pertencência a Tribo Urbana de Metaleiros possibilitaria o encontrar, através do grupo, um outro modo de estar no 'mundo-com-os-outros', de coexistir. De acordo com Augras (1986, p. 55):

O mundo humano é essencialmente mundo da coexistência. O homem define-se como ser social e o crescimento individual depende em todos os aspectos, do encontro com os demais.

Os relatos expressam, ainda, o quão importante se faz o convívio em grupo, para o adolescente; no caso, através da Tribo Urbana. É na adolescência que surge a necessidade da ampliação dos contatos sociais e o desatar alguns nós que o prendem ao meio familiar para continuar a construção da sua personalidade e identidade.

A tendência grupal é comum na adolescência por favorecer a construção da identidade; é no grupo que o adolescente pode melhor se identificar com outras

peças e estabelecer relações interpessoais. De certa forma o grupo atua como uma fase intermediária entre a situação familiar da infância e a posterior socialização do mundo adulto. O encontro com o 'outro', nesta fase da vida, é um movimento extremamente necessário ao desenvolvimento do jovem, pois:

Erik Erikson considerava as relações estabelecidas no seio do grupo como uma parte essencial do processo de formação da identidade. De acordo com a perspectiva deste autor, era necessário atravessar uma *moratória psicológica*, ou seja, um período em que o adolescente mantinha um certo distanciamento dos papéis e responsabilidades da vida adulta, durante o qual poderia tentar desempenhar diferentes papéis e estabelecer uma série diversificada de diferentes relacionamentos. Erikson atribuía ao grupo de colegas um papel especialmente importante durante esta moratória, uma vez que, no seio desse grupo, os adolescentes conseguem encontrar um suporte e um espaço privilegiado para experimentarem diversas possibilidades, que não lhes são permitidas pela cultura adulta dominante. Neste sentido, de acordo com Erikson, o grupo de colegas, sendo formado por um conjunto de relações sociais horizontais, constitui um espaço necessário à formação da identidade. (SPRINTHALL; COLLINS, 2003, p.375, grifo do autor).

Considerando a importância da vida grupal, cabe questionar qual a relação entre Tribos Urbanas e grupo? A relação se estabelece na medida em que toda Tribo Urbana é um grupo, ainda que nem todo grupo possa ser caracterizado como uma Tribo Urbana.

Para uma melhor compreensão do que se conceitua como grupo nos baseamos na definição de Olmsted (1997, apud CARLOS, 1998, p.201), quando a este respeito afirma: "uma pluralidade de indivíduos que estão em contato uns com os outros, que se consideram mutuamente e que estão conscientes que tem algo significativamente em comum".

Nesta perspectiva, o grupo seria um espaço onde singularidades e subjetividades deságuam, um espaço de pluralidade, síntese e conjunção, uma "comunidade emocional"⁴⁸; o grupo é entendido, aqui, como um modo de identificar-se, relacionar-se e compartilhar e, neste sentido, podemos perceber que as definições e compreensões relativas a um grupo podem ser extensas à Tribo Urbana.

⁴⁸ Termo criado por M. Weber e utilizado por Maffesoli na p. 51 do seu livro: **O Tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

As narrativas dos adolescentes desvelam como foram se constituindo como um grupo, levando-nos à compreensão de que, na sua base, têm em comum objetivos, interesses, propósitos e afinidades:

Foi assim que os conheci... eles já eram um grupo e através de uma pessoa desse grupo os outros me foram apresentados.

(Vênus)

A Internet ajuda... mas não foi através dela que os conheci... uma pessoa me introduziu neste grupo... fazer amizade entre metaleiros é muito fácil e simples... temos interesses... assuntos e estilo de vida semelhantes; nós, metaleiros, somos muito unidos.

(Antígona)

Temos muita afinidade... passamos por coisas parecidas ao longo da vida... escutamos as mesmas músicas... no caso o Metal.

(Minerva)

Um grupo constituído criando correntes de amizade e permitindo a multiplicação das relações sociais:

Em um momento de show underground, conhecemos muitas pessoas... em um evento como este há uma média de público de umas 300 pessoas... é um público pequeno mas... sempre freqüente, dessa forma terminamos conhecendo muitas pessoas do meio do metal, às vezes não temos nem muita intimidade, mas sempre que nos cruzamos nos cumprimentamos.

(Hércules)

Esses shows underground consistem em apresentações de bandas de Heavy Metal e, geralmente, acontecem no Recife Antigo. De acordo com Maria Oliveira (2007, p.29):

Tomar os espaços ocupados no cotidiano pelos centros do poder financeiro, verdadeiros "templos do capitalismo", para atividades profanas como o lazer e o ócio é um modo de transgredir a lógica hegemônica do capital, que contribui para manter o adolescente à margem.

O Recife Antigo, ponto de encontro entre jovens metaleiros recifenses, é um espaço de comunhão, ligação e identificação,⁴⁹ além de ser possibilitador de criação e 're-criação' de si mesmo, enquanto ser coletivo e individual. Esses encontros, realizados no bairro do Recife Antigo, podem ser caracterizados como uma espécie de ritual que ocorre no seio da Tribo Urbana dos Metaleiros recifenses. A respeito da importância do ritual como elemento de coesão grupal Maffesoli (2006, p.47-48, grifo do autor) comenta :

Um dos aspectos particularmente marcantes dessa ligação é o desenvolvimento do ritual. Como sabemos, este não é, propriamente, teleológico, isto é, orientado para um fim, pelo contrário, ele é repetitivo e, por isso mesmo, dá segurança. Sua única função é reafirmar o sentimento que um dado grupo tem de si mesmo [...] O ritual exprime retorno do mesmo. No caso por meio da multiplicidade dos gestos rotineiros ou quotidianos, o ritual lembra à comunidade que ela "é um corpo". Sem a necessidade de verbalizar isso, o ritual serve de anamnese à solidariedade e, como indica L. V. Thomas⁵⁰, "implica a mobilização da comunidade". A comunidade "esgota" sua energia na sua própria criação. O ritual, na sua repetitividade, é o indício mais seguro desse esgotamento. Mas, fazendo isso assegura a perdurância do grupo.

No tocante à adolescência é possível afirmar que esta é, de forma resumida, um espaço de transição entre a infância e a idade adulta e que tem por objetivo final a independência. De acordo com Teixeira (2007, p. 15):

O desejo de independência e as percepções do adolescente configuram suas noções de autonomia e transitoriedade. Tal anseio deflagra uma série de operações subjetivas que o levarão a deixar a morada infantil para transformar-se em um sujeito para o mundo.

Desse modo, a adolescência caracteriza-se por um conjunto de transformações subjetivas, corporais, intelectuais, de consciência de si próprio, na forma de perceber o

⁴⁹ Nestes shows eles costumam se caracterizar com cuidado e refinamento no que envolve a aparência de um metaleiro.

⁵⁰ L. V. Thomas no livro: **Rites de Mort**, Paris: Fayard, 1985, p. 16 e 277.

futuro, na relação com os pais, com os companheiros e com a sociedade, período de fundamental importância na construção da identidade adulta.

Woodward (2000, p. 55) a respeito da subjetividade afirma que esta

Sugere a compreensão que temos sobre o nosso eu. O termo envolve os pensamentos e as emoções conscientes e inconscientes que constituem nossas concepções sobre "quem nós somos". A subjetividade envolve nossos sentimentos e pensamentos mais pessoais. Entretanto, nós vivemos nossa subjetividade em um contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos e no qual nós adotamos uma identidade.

Neste sentido, como possibilitadora de construção de identidades, como seria a experiência de ser um adolescente metaleiro?

É ser diferente dos outros adolescentes.

(Teseu)

É se sentir privilegiada... por ter conhecido uma banda... ter gostado do metal e ter tido acesso a músicas que tenham sentido... que falam alguma coisa... músicas do tipo: "não me chame não... não me chame não que eu vou...", não dizem nada, as pessoas nem pensem na letra da música e... ainda assim... dançam como um bando de macaquinhos... só porque é o que todos estão ouvindo e dançando no momento.

(Minerva)

É poder ter uma apreciação musical... é parar para ouvir e sentir a música e entender o sentido que ela tem... se identificar com as letras das músicas... e não apenas se movimentar ao som de algo que não diz nada.

(Gaia)

Eu me sinto bem sendo assim... eu gosto da música e isso me fez montar uma banda de Metal.

(Teseu)

É gostar do Heavy Metal.

(Hércules)

É ser autêntico... gostar do Heavy Metal.

(Aquiles)

É gostar do Heavy Metal... é ter opinião própria... não curtir modinhas... não ouvir algo só porque toca na boate...

(Baco)

É ter mais identidade... é gostar... de coisas mais restritas... é ter um maior vínculo de amizade com gostos semelhantes...

(Psique)

Senti-me mais livre... sou músico... o estilo musical me proporciona uma maior liberdade de criação.

(Apolo)

Mais uma vez, os adolescentes se reportam à música como via de significação de algo que lhes possibilita novas e diferentes experiências, novos modo de ser; criticam a alienação e a massificação através da comercialização de músicas desprovidas, em grande parte, de qualquer sentido.

Ainda a respeito do tribalismo, e em consonância com os relatos dos participantes da Tribo Urbana de Metaleiros, Maffesoli (2006, p.85) afirma que "a desumanização real da vida urbana produz agrupamentos específicos com a finalidade de compartilhar a paixão e os sentimentos". Assim, compreende-se a importância que a Tribo Urbana tem na vida dos adolescentes que dela fazem parte:

É importante para fortificar a tua personalidade... o teu carácter... ela possibilitou... compreender-me intimamente e evoluir individualmente e

em grupo... ajudou na formação da minha identidade... ela também influenciou no meu gosto pela música... e foi através dela que encontrei verdadeiras amizades.

(Teseu)

Eu acho que... a Tribo Urbana foi responsável pela formação de responsabilidade em muitos de nós... tudo que já passamos... ser rejeitados... isso molda nossa personalidade... nos fortaleceu... somos diferentes das outras pessoas... hoje em dia não sou um metaleiro radical... mas em parte... o que sou hoje é o resultado de todo um processo que passei como adolescente metaleiro... quando eu era "o estranho" em um colégio católico... todos eram religiosos... menos eu... se eu fosse ateu... para o colégio... era o mesmo que ser satanista... eu nem me considero ateu... em me considero agnóstico⁵¹... eu nem costumo falar que sou agnóstico porque todos ficam perguntando o que significa... e eu não gosto de explicar... mas... eu acho... que tudo que passamos... contribuiu para fortalecer a personalidade de muitos metaleiros.

(Zeus)

Ela te permite olhar para os lados e não só, limitadamente, para frente... ela te possibilita um maior conhecimento do mundo que te cerca... conhecer um pouco de tudo e não apenas do que desejam que você conheça...isto te possibilita ter sua própria opinião... abre teus horizontes.

(Hércules)

É próprio do ser humano buscar o conhecimento a respeito das coisas... ele sempre deseja saber mais... entretanto há pessoas que ficam "no meio do caminho"... seja por causa da sociedade... dos filhos... da família... e não buscam crescer ou saber mais sobre a vida. A Tribo Urbana possibilita a troca de experiência e informação... falamos sobre música... sexo... drogas... preconceitos sofridos...

⁵¹ Relativo ao termo **agnosticismo**; que de acordo com o Dicionário Miniaurélio significa: Doutrina em que certas questões (por ex., a existência ou não de Deus), por estarem além do entendimento humano, não podem ter uma resposta segura.

religião... o grupo é muito importante para mim... nele você pode trocar experiências com pessoas que compartilham das mesmas coisas que você... eles sempre te entendem melhor... e sempre é melhor se divertir com quem se tem afinidade.

(Minerva)

É uma ferramenta que pode ser utilizada para ampliar o seu círculo social com pessoas que gostam e entendem das mesmas coisas que você... A tribo é formada por amigos... eles são para mim uma segunda família... nos entendemos muito bem... nela podemos compartilhar coisas pessoais... gostos musicais... você termina se apegando as pessoas do grupo... elas são, em alguns aspectos, muito parecidas com você.

(Gaia)

A minha Tribo e o metal me fizeram ter um interesse muito grande pela música... foi através do Metal que comecei a tocar violino... fazer alemão e inglês para entender melhor as letras das músicas... A música é muito intensa dentro da gente... muitos metaleiros tocam algum instrumento musical... e ela termina abrindo um mundo novo para gente... um mundo de cultura e história diferente da nossa.

(Antígona)

A partir desse contato com pessoas que gostam das mesmas coisas que eu... que freqüentam os mesmos lugares fui mudando... esse contato ajudou a me desenvolver melhor... propiciou meu crescimento pessoal.

Quando eu cursava o colegial... eu tinha amigos "normais"... mas eram meus amigos até certo ponto... eles não me entendiam realmente... digo normal na visão dos outros... uma vez que a sociedade não percebe um metaleiro como alguém normal... isso já é um estereótipo... e eu até já o uso, não me sinto anormal e sim diferente... gosto de me sentir diferente... de ver diferente... de pensar diferente... de agir diferente... de ser totalmente à parte dessa coisa programada pela sociedade... nela todo mundo tem de ser do mesmo jeito... pensar da

mesma forma... se vestir do mesmo jeito. Ser do mundo do metal é até um álibi para sair de toda essa normalidade.

Depois da Tribo passei a me sentir melhor e mais sociável.

(Vênus)

A Tribo Urbana teria, portanto, relevância social, na medida em que possibilita o estabelecimento de laços de amizade⁵², respeito, reconhecimento e acolhimento entre os jovens metaleiros; também estimula um maior desenvolvimento intelectual, visto que motiva um maior conhecimento do mundo que os cerca, através da troca de experiências e informações, além do desenvolvimento de habilidades específicas, como por exemplo, a música que são capazes de criar e tocar.

Isso pode incitar-nos a pensar que, além ou aquém das diversas racionalizações e legitimações políticas, há, no fundamento de todo estar-junto, um conglomerado de emoções ou sentimentos partilhados. [...] quem diz sentimento partilhado, diz pluralização, pois se declina ao infinito a atração ou repulsão que me liga, ou separa, ao outro, do outro. (MAFFESOLI, 2005, p.16-17).

A importância do vínculo social, estabelecido pela Tribo Urbana, pode ser, simbolicamente, comparada a uma espécie de "cimento agregador" dos laços sociais; para uma melhor compreensão desta "liga" das relações sociais, voltemos para Maffesoli que, ao tomar emprestado um termo de Durkheim: "O Divino Social", o considera como uma espécie de força agregadora que estaria na base de todo movimento de associação estabelecida entre pessoas, propiciando o suporte para o estar junto.

É justamente essa proximidade que dá todo o seu sentido ao que se chama o "divino social." Este não tem nada a ver com uma qualquer dogmática ou inscrição institucional; ele recuperou a fibra pagã que, em que pese o desgosto dos historiadores, não desapareceu jamais, totalmente, das massas populares. [...] o divino de que falamos permite recriar nas inumanas e frias metrópoles os cenáculos onde nos mantemos aquecidos, os espaços da socialidade. (MAFFESOLI, 2006, p. 84, grifo do autor).

⁵² O significado de amizade, neste sentido, seria o de estabelecer relações pessoais próximas nas quais existam acolhimento e valorização mútuos.

Nesta perspectiva, o Divino Social, de modo resumido, poderia ser pensado como o que, de comum, une as pessoas a uma comunidade de sentidos.

Voltando para os relatos dos participantes foi possível perceber que a Tribo provocou profundas mudanças no seu modo de ver o mundo, de sentir e de ser conduzindo, de alguma forma, sua passagem para o mundo adulto.

A partir do momento em que você começa a conviver com pessoas novas... a entrar em um mundo novo... tudo muda... seu modo de pensar, perceber e agir; muda tudo. Fui amadurecendo... antes eu era uma criança... ainda não sou adulta, mas estou perto; antes eu era mais radical... eu só tinha uma visão da vida... hoje me sinto mais à vontade para lidar com o que é diferente de mim... hoje aceito melhor a diferença... eu evolui... passei a ver as coisas de forma mais realista... passei a ter uma visão mais crítica do mundo... não é preconceito... mas, a maioria da massa não tem esse fervor em discutir e criticar as coisas como nós... eles terminam sem saber argumentar ou se colocar... deles não sai nada interessante. **Antes da Tribo Urbana eu era um corpo estranho no meio dos outros.**⁵³. eu não me enquadrava... eu me sentia estranha... depois que conheci pessoas com as mesmas afinidades que as minhas me senti melhor... e passei a achar os outros estranhos.

(Gaia)

Antes eu era uma pessoa isolada e que só vivia dentro de casa... estudando... não ouvia música... meus pais nunca tiveram este hábito... eu ficava em casa vendo televisão... absorvendo um monte de nada... e me alienando.

Quando eu me encontrava neste lugar de isolamento, eu até tentava estabelecer contato com pessoas diferentes de mim... com gostos diferentes... mas eles não demonstravam interesse diante do que eu falava... era como se eu estivesse falando de um problema e eles não

⁵³ Grifo nosso.

demonstravam o mínimo de interesse... até que desisti de compartilhar meus conhecimentos com quem não me dava atenção... era como "dar pérolas a porcos".

Com a Tribo Urbana foi diferente... depois dos primeiros contatos com o pessoal eu me tornei mais comunicativa... passei a ouvir música... a sair com os amigos... conversar com as pessoas. Cresci... aprendi com as minhas experiências a saber fazer escolhas... passei a ser alguém mais sociável... passei a conhecer o mundo... sai da bolha que me envolvia... ou melhor, passei a ser uma pessoa de fato, porque antes eu era como se fosse um cachorro... eu ficava em casa... comia... dormia... vivia aquela rotina... comer, dormir e balançar o rabinho... depois deixei de ser cachorro... e virei uma pessoa. Um cachorro é dependente, já uma pessoa pensa e pode fazer suas próprias escolhas.

(Minerva)

As narrativas, por si, expressam que a pertença à Tribo Urbana de metalheiros pôde oferecer recursos para efetuar a passagem que envolve o abandono da atitude infantil e, conseqüentemente, o ingresso no mundo adulto, passagem caracterizada por uma busca/construção de identidade, do ser pessoa.

De acordo com Oliveira (2007, p. 21)

O gradual afastamento do adolescente em relação às figuras parentais e aos educadores demanda que o adolescente encontre na sociedade outros modelos e valores sólidos nos quais possa se apoiar até a consolidação da identidade.

Neste processo de consolidação da identidade é comum que o adolescente se afaste da família e, conseqüentemente, amplie o seu universo de contato. Segundo Erikson (1976, p. 21):

Em termos psicológicos, a formação da identidade emprega um processo de reflexão e observação simultâneas, um processo que ocorre em todos os níveis do funcionamento mental, pelo qual o indivíduo se julga a si próprio à luz daquilo que percebe ser a maneira como os outros o julgam, em comparação com eles próprios e com uma tipologia que é significativa para eles; enquanto que ele julga a maneira como eles o julgam, à luz do modo como se percebe a

si próprio em comparação com os demais e com os tipos que se tornaram importantes para ele. (p.21).

Ainda sobre as mudanças provocadas pela pertença a uma Tribo Urbana os adolescentes relatam:

Mudou minha forma de pensar... de perceber as coisas... antes minha visão era mais fechada, meu mundo era mais fechado... eu convivia menos, partilhava menos... depois da Tribo, depois do Heavy Metal começou uma revolução pessoal... me interessei mais pelos estudos que são fonte de informação e me enriquece muito quanto pessoa... Comecei a fazer parte desta tribo motivado pela música... esta sempre chamou minha atenção, e a partir dela desenvolvi muito meu gosto musical... sofri uma expansão... muitas concepções de mundo mudaram... conheci pessoas... passei a me relacionar com vários tipos de pessoas e a freqüentar ambientes diferentes... passei a entender e a evitar meus preconceitos... a respeitar a identidade das pessoas... seus modos de ser... passei a ter mais experiência de vida... me expandi como pessoa.

(Teseu)

Mudou a minha forma de perceber o mundo, e, isso, particularmente abriu minha visão para minha religião... a bruxaria tradicional, para formar minha ideologia, meu ser... a questão da aparência é secundária. Passei a conviver com pessoas que tinham afinidades comigo... passei a ser mais sociável.

(Vênus)

Passei a me entender melhor, a ver que apesar de eu me sentir diferente das outras pessoas, eu tenho pessoas que me entendem... e, que não sou obrigado a gostar do que, normalmente, todo mundo gosta para poder ser uma pessoa boa... legal e aceita pelos outros... a ver que você não é o "patinho feio" da história... e isto termina sendo libertador.

(Hércules)

Para mim, a Tribo Urbana, tem um sentido de crescimento interno... porque através dela passei a ter mais coragem de lutar pelo o que eu queria... antes muitas coisas me reprimiam... e depois passei lutar pelo o que queria, a viver da forma que achava certa e me agradava... a realmente viver, estamos aqui e só temos esta vida... me senti mais encorajada a viver melhor e a lutar por isto... Eu cresci!

(Antígona)

Diante dos relatos observa-se que o que rege as relações na Tribo Urbana é a "estética⁵⁴ do sentimento", configurando-se como uma abertura para o 'Outro' e para novas experiências.

Podemos dizer que aquilo que caracteriza a estética do sentimento não é de modo algum uma experiência individualista ou "interior", antes, pelo contrário, é uma outra coisa que, na sua essência, é abertura para os outros, para o Outro. Essa abertura conota o espaço, o local, a proximia na qual se representa o destino comum. É o que permite estabelecer um laço estreito entre a matriz ou aura estética e a experiência ética. (MAFFESOLI, 2006, p. 44, grifo do autor).

É possível perceber, ainda, que os adolescentes entrevistados têm a Tribo como algo que possibilita a estruturação da personalidade, caráter e identidade. Ela, ainda, propicia o encontro entre diferenças semelhantes, ou seja, o encontro entre pessoas diferentes em sua singularidade e semelhantes no seu modo de ser e sentir; apesar de se perceberem diferentes dos demais, isso não os incomoda ou os fazem se sentirem sós, pois sabem que são reconhecidos e amparados pelo grupo.

Os relatos nos permitem, também, compreender a importância da Tribo Urbana na estruturação da identidade e para a inserção na cultura, na medida em que proporciona acolhimento no mundo que os cerca e referências subjetivas necessárias à construção de seu mundo interno. A Tribo Urbana é possibilitadora de crescimento pessoal, de um ambiente de partilha de experiências, de mecanismos de socialização; atua como uma segunda família que os entende, aceita, apóia e os respeita, criando

⁵⁴ O termo estética está sendo usado no sentido de: "o sentir em comum". (Maffesoli, 2006).

laços de amizade com pessoas com quem se pode conversar sobre temas em comum. Neste sentido a Tribo Urbana parece cumprir a função de "[...] criar laços imaginários que permitam 'ligar' pessoas que, sem eles, seriam simplesmente indivíduos isolados, sem nenhum 'sentimento' de terem qualquer coisa em comum". (SILVA, T., 2000, p.85).

As relações sociais estabelecidas a partir da pertencência a uma Tribo Urbana, transformam e afetam a construção da identidade adolescente, pois ela não é isolada, pronta e/ou imutável; ela é constituída a partir de um campo de forças em constantes movimentos que envolvem aspectos, psíquicos, fisiológicos, políticos, religiosos, culturais, sociais, institucionais, econômicos, dentre outros.

Assim, a Tribo Urbana atua como mediadora dos processos de diferenciação e de identificação, indispensáveis á construção da identidade.

A este respeito, afirma Critelli (1996, p. 122, grifo nosso):

Vivemos querendo ser o mais **igual** possível aos outros para podermos ser nós mesmos (identidade impessoal/ plural) e, ao mesmo tempo, querendo ser o mais **diferenciado** possível dos outros, para, também sermos nós mesmos (identidade/singular).

Nesse processo, o adolescente se identifica com os demais; são modos, aparência, linguagem, afinidades, símbolos, dentre outros, que fazem com que ele se sinta parte de um todo maior que ele mesmo. Como ressalta Maffesoli (2006, p.11) "O tribalismo lembra, empiricamente, a importância do sentimento de pertencimento, a um lugar, a um grupo, como fundamento essencial de toda vida social".

Através desse movimento de identificação é possível estabelecer, simultaneamente, um processo de diferenciação, ou de diferença, que permite dizer "quem sou" e "quem não sou".

As identidades são fabricadas por meio de marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença. Nas relações sociais, essas formas de diferença – a simbólica e a social – são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de sistemas classificatórios. (WOODWARD, 2000, p. 39-40).

Os mecanismos de identificação e de diferenciação, ocorridos através da pertença a uma Tribo Urbana, são elementos constitutivos do delineamento da identidade adolescente.

Ainda para Woodward (2000, p.14) "a identidade é, na verdade relacional, e a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica relativamente a outras identidades". De forma que a identidade passa a ser marcada pela relação entre "quem sou e quem não sou", "interior e exterior", "semelhante e diferente" e "nós e eles".

A partir, portanto, dos movimentos de identificação e diferenciação, pode-se estabelecer uma ponte com o sentido de pertencência a uma Tribo Urbana: no momento em que o adolescente se identifica, através das relações mediadas pelo pertencimento à Tribo Urbana de Metaleiros, ele é remetido a uma cadeia simbólica que permite, como já dito, se identificar (e ser identificado) e se diferenciar (e ser diferenciado) dos demais, desvelando o "saber quem sou". Estes se constituem, passos essenciais rumo à jornada da solidificação⁵⁵ de uma identidade adolescente. Pois, "a diferença é aquilo que separa uma identidade da outra, estabelecendo distinções, freqüentemente na forma de oposições, [...] entre nós e eles". (WOODWARD, 2000, p. 41).

A este respeito Oliveira (2007, p. 23) afirma:

A experimentação de diferentes papéis oferece a ele matéria-prima para a gradual construção de uma nova identidade. Dessa forma, as interações grupais constituem um contexto oportuno para o ensaio e a vivência de personagens.

Assim, é possível afirmar que o Heavy Metal pode ser, simbolicamente, considerado um instrumento facilitador da construção de uma identidade tanto grupal ou (psico-social) quanto individual. Grupal quando remete o jovem a uma determinada Tribo Urbana e, conseqüentemente, a uma cadeia simbólica; individual quando cria meios que permitem ao adolescente dar-se conta da realidade que o cerca enquanto sujeito, pertencente a um grupo embora distinto dos outros, singular e único.

Stuart Hall (1999, p.11) afirma que:

⁵⁵ A expressão 'solidificação de uma identidade' está sendo usada no sentido de: uma identidade, relativamente, estruturada; não pronta e/ou imutável.

[...] a identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem.

Desse modo, é possível conceber uma identidade amparada e constituída a partir de dois pilares: Individual (singular) e Coletivo (tribal), sendo estes "dois lados da mesma moeda", ou seja, dois aspectos complementares que contribuem na construção da identidade adolescente.

Diante do exposto compartilhamos com a leitura realizada por Assunção, Camilo e Oliveira (2003, p. 3) quando afirmam:

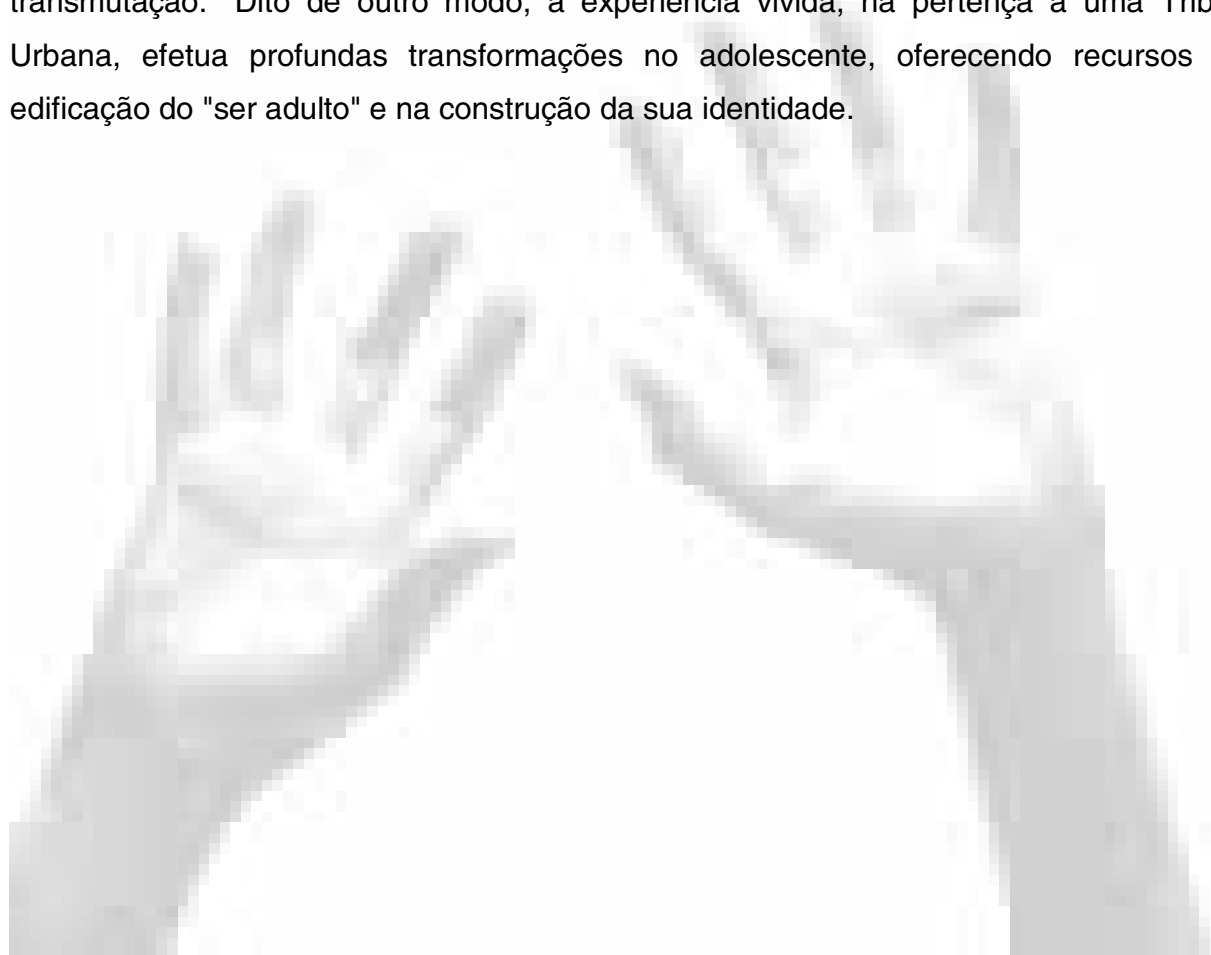
Hall (2000, 2002) aborda a identidade contemporânea como senso de pertença ou identificação a um coletivo (grupal, institucional, social, étnico, cultural, econômico, etc.), no qual os indivíduos encontram matrizes de ancoragem, de continuidade de si ao longo do tempo. A identidade pessoal resulta, também, da diferenciação, da emergência de formas subjetivas que escapam ao outro, por meio das quais o sujeito social constrói alternativas de singularidade.

Neste sentido, é possível perceber, com maior clareza, a importância da pertença, para o adolescente, a uma Tribo Urbana. A partir dos processos de identificação e diferenciação - e dos mecanismos subjetivos inerentes a estes -, ocorridos no seio do grupo, o jovem é capaz de criar uma base estruturadora para a construção da sua identidade. Dito de outro modo, os processos identificatórios e de diferenciação estão intimamente ligados a sistemas simbólicos de significação que contribuem na construção da identidade adolescente.

Como já dito:

Em um grupo, cada sujeito procura exprimir seus desejos e fazer com que os outros os considerem. Ele quer se fazer amado pelo que é ou, ao menos não ser rejeitado, conquistar prestígio ou uma certa posição social e quer realizar o que sente como se fosse a própria essência de seu ser. Se ele faz parte do grupo, não é só porque quer realizar um projeto coletivo, mas sobretudo porque pensa que é com essas pessoas e não a outro, que pode chegar a tornar seu desejo reconhecido em sua originalidade e em sua especificidade, tornar seus sonhos reais, fazer-se aceito em sua diferença irreduzível, em seu ser insubstituível. (ENRIQUEZ, 2001, p.66).

Estas reflexões, tecidas a partir da narrativa das experiências dos adolescentes metaleiros, nos possibilitam compreender que as relações estabelecidas entre os pares, no seio da Tribo Urbana de Metaleiros, preparam os adolescentes para a vida adulta uma vez que propiciam condições para o desenvolvimento da capacidade de manter relações interpessoais, de ser respeitado na sua singularidade, possibilitando, ainda, o saber conviver/lidar com a diferença, a realização de projetos coletivos e/ou individuais e a aquisição de novos valores, necessários à construção da identidade e da vida adulta. Pois, como nos diz Maffesoli (2006, p.52) "[...] o vivido e a experiência partilhados podem ser o fogo depurador do processo alquímico que permite a transmutação." Dito de outro modo, a experiência vivida, na pertença a uma Tribo Urbana, efetua profundas transformações no adolescente, oferecendo recursos à edificação do "ser adulto" e na construção da sua identidade.



6 TRIBOS URBANAS E A DES-CONSTRUÇÃO DE PRÉ- CONCEITOS: proposta de um outro olhar

*A profundidade pode ocultar-se na
superfície das coisas.*

Michel Maffesoli

Não se pretende, neste capítulo, concluir este trabalho de pesquisa; mas, ao contrário, abri-lo para questionamentos e para outros modos de se olhar o fenômeno contemporâneo: Tribos Urbanas.

Os vínculos sociais vêm, ao longo desses anos, sofrendo profundas e radicais transformações. Novos territórios existenciais são organizados, e muitas vezes se liquefazem em um tempo de curtíssima duração, como que na busca de uma coreografia capaz de nos fornecer contornos às velocidades que tanto marcam a contemporaneidade.

Na emergência de múltiplos fenômenos e configurações sociais, podemos observar o crescimento de inúmeros grupos de socialidade e solidariedade, dentre eles, os grupos designados como Tribos Urbanas. Estes se constituem por redes comunitárias (urbanas) de pessoas que partilham afetos, interesses, experiências, conhecimentos e objetivos em comum.

Diferente do que, muitas vezes, pode vir a ser percebido (à primeira vista) pelo senso comum e/ou veiculado por uma mídia desprovida de um maior conhecimento, determinados grupos urbanos não são destituídos de sentido. A pesquisa de campo realizada, através da participação de jovens pertencentes à Tribo Urbana de Metaleiros, levou-nos à compreensão de que não se trata de um agrupamento caótico sem objetivos ou um amontoado de indivíduos que se encontram por serem desocupados, vagabundos, "burros" ou marginais.

Ao contrário, percebemos que a base para a formação deste grupo está na possibilidade, que ele oferta, de um lugar onde os "parceiros" se encontram e se reconhecem, legitimando, neste processo, um modo de existir e de ser. Há, portanto,

na base deste grupo, uma ética e uma estética da existência, revelada por gostos comuns, cosmovisões semelhantes e projetos de futuro. Seus membros são pessoas que trabalham, estudam, exercem ou buscam exercer sua cidadania, colocando-se como partícipes da construção de si e do mundo.

É possível afirmar que os sentimentos de pertença e reconhecimento, necessários à constituição humana, encontrem, através destas redes comunitárias, “ingredientes” para a construção de identidades. Provavelmente este seja um dos aspectos mais relevantes para a compreensão da alta incidência de jovens nestes e em outros grupos.

Por vestir preto, e, em alguns casos, usarem maquiagem pesada, gostar de cabelos grandes, tatuagens e acessórios em metal como correntes, cintos, gargantilhas, dentre outros, não quer dizer, necessariamente, que eles usem drogas, abusem do álcool, sejam agressivos ou adorem 'satã'. Neste caso, a aparência proporciona mecanismos de identificação e agregação, uma vez que 'estética', segundo Maffesoli (2006), quer dizer 'sentir em comum'.

Quanto a sua música é importante salientar que apesar de algumas pessoas não se identificarem com o estilo, no caso o Heavy Metal, é preciso afirmar que ela não é "barulho", como muitas vezes dito pelo senso-comum. Vez que, barulho nada diz e a música apreciada pelos adolescentes metaleiros constitui-se a partir de uma cadeia simbólica que remete a questionamentos sociais, políticos, religiosos, filosóficos, dentre outros; ideologias e sentimentos partilhados, além de "propiciar" possibilidades de outros modos de ser.

A Tribo Urbana de metaleiros configura-se por uma 're-união' de afetos, afinidades, paixões, experiências e objetivos em comum. São pessoas que, em meio a serialização da vida, a uma normatização dos modos de ser e das relações humanas transitórias, provisórias e efêmeras, construíram um modo próprio, uma maneira singular de ser e de resistir ao que é imperiosamente instituído. Pois, "sob mais de um ponto de vista, a existência social está alienada, submissa às injunções de um Poder multiforme". (MAFFESOLI, 2006, p. 126).

Do narcisismo e/ou individualismo muito já se pesquisou e se discorreu, o que trouxe, por certo, riquíssimas contribuições. Entretanto, é importante não "perder de vista" as nuances que a paisagem urbana oferece. Como também nos diz Maffesoli (2006, p.126): "Insistiram tanto na desumanização, no desencantamento do mundo moderno, na solidão que este engendra, que não conseguem mais ver as redes de solidariedade que nele se constituem".

Sem dúvida, em meio a trágica realidade em que vivemos, crescem as redes grupais de solidariedade, formada por diferentes protagonistas a partir de motivações as mais diversas, dentre elas, a de buscar, entre semelhantes, modos de se identificar e de se diferenciar.

No caso da adolescência, podemos afirmar que este sentimento é ainda mais necessário, uma vez que o jovem encontra-se destituído dos antigos "lugares" que outrora lhe traziam a plena sensação de confiança e em busca de "espaços" que o acolham e o reconheçam, legitimando-o como existente.

O adolescente, em meio a um turbilhão de transformações, sente-se morador do "não-mais" e do "ainda-não" e isto é fator gerador de grandes angústias. Dito de outro modo, ele não é mais criança, mas ainda não é um adulto; ele encontra-se em um período de errância, admirado e exaltado por uns e cercado de incompreensão e preconceito por outros.

A sociedade, de modo geral, parece realizar um movimento diametralmente oposto em relação à adolescência; ora desejando-a, fixando-se a ela; produzindo 'adulescentes', através de imagens de consumo construídas a partir de roupas, acessórios, locais freqüentados e corpos modelados plasticamente na busca de uma juventude "eterna"; ora repelindo a adolescência (e os adolescentes), como se para evitar o contágio de uma doença grave da qual já se foi curado: a "aborrecência".

Em meio a tantos movimentos incertos e contraditórios, provenientes de si mesmo e do meio que o circunda, o adolescente necessita de algo que possa lhe servir de "chão" (relativamente firme) nessa nova caminhada rumo a (re)construção de si mesmo; neste contexto, a Tribo Urbana mostra-se como uma possibilidade de oferecer sentimentos de pertença necessários aos processos de identificação e diferenciação entre semelhantes, necessários a construção da identidade adolescente.

No seio da Tribo Urbana o adolescente pode viver novas experiências, se sentir reconhecido, amparado, compreendido e estimulado a desenvolver uma postura diferenciada, ou seja, crítica diante da vida. A partir da Tribo ele pode se perceber diferente e singular e criar meios que favoreçam a construção de sua identidade, pois esta, também, é marcada pela diferença, ou seja, por aquilo que ela não é.

O tribalismo, entre os metaleiros é, sobretudo um movimento rico de simbolismo e sentido, de identificação, confluência de afinidades, encontro entre pares que gera um profundo e intenso sentimento de pertença.

Tal como indicado nas narrativas, para além destas possibilidades ofertadas pela pertença a uma Tribo Urbana, estas também se mostram como dispositivos (estratégias) capazes de levar o adolescente a um posicionamento ético e político. "Estar em Tribo" implica em comungar ideologias e adotar posturas de resistência ao "status quo" dominante, permitindo que ele possa ser questionado e re-inventado.

Diante do exposto, salienta-se que a Tribo Urbana emerge diante dos nossos olhos como uma rede tramada e tecida a partir de "fios", psíquicos, sociais, institucionais, culturais, econômicos e, sobretudo, simbólicos. Ela se afirma como grupos de resistência e sobrevivência aos mecanismos sócio-culturais que "esvaziam", "submetem" e "esmagam" o sujeito.

Acreditamos que as contribuições dessa pesquisa podem ampliar estudos sobre a adolescência, oferecendo informações e discussões, sobretudo àqueles que trabalham com o público jovem, especialmente no contexto dos movimentos sociais. Apresentamos entendimentos, sentidos e indagações em construção pelos próprios jovens como parte de seu cotidiano, o que pode ser relevante para outras pesquisas.

É plausível supor que esta mesma pesquisa, realizada com jovens que pertençam a outras camadas sociais e que vivam em outras configurações culturais urbanas, aponte para outros resultados, o que reitera a necessidade de aprofundamento acerca desta temática.

Finalmente, cumpre ressaltar que, talvez, a principal contribuição que esta pesquisa pode trazer caminha no sentido de desmistificar o estigma envolto em determinados grupos sociais, salientando a necessidade de se buscar espaços de

socialidade em tempos de dispersão. Ela possibilita esclarecimentos acerca da formação das Tribos Urbanas e de sua importância para o jovem, minimizando os preconceitos e estratégias de exclusão de adolescentes que fazem parte dessas tribos. No que diz respeito à prática clínica esta pesquisa pode oferecer subsídios para se avaliar a importância da pertença a grupos extra familiares, como mecanismo de inclusão social. Seus benefícios estendem-se aos psicólogos e outros profissionais que trabalham junto a adolescentes possibilitando, também, o enriquecimento da prática profissional.



REFERÊNCIAS

ALVES, J. F.; DELGADO, M. L. **Novo Código Civil**: lei N. 10.406 de 10 de janeiro de 2002, confrontado com o código civil de 1916. 2. ed. São Paulo: Ed. Método, 2002.

ANJOS, A.; **Antologia poética**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.

ARIES, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ASSUNÇÃO, C. V.; CAMILO, A. A. ; OLIVEIRA, M. C. S. L. Tribos urbanas como contexto de desenvolvimento de adolescentes: relação com pares e negociação de diferenças. **Revista Temas em Psicologia**, Brasília, DF, v.11, n. 1, 2003. Disponível em:< www.sbponline.org.br/revista2/voll1n1/art06_t.htm>. Acesso em: 19 out. 2007.

AUDIFACE, E. O adolescente de ontem e de hoje. In: MAAKAROUN, M. F.; SOUZA, R. P.; CRUZ, A. R. (Coord.). **Tratado de adolescência**: um estudo multidisciplinar. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1991.

AUGRAS, M. **O Ser da Compreensão**. Petrópolis: Vozes, 1986.

BECKER, D. **O que é adolescência**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2003.

BLOS, P. **Adolescência**: uma interpretação psicanalítica. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

CALLIGARIS, C. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CAMPOS, D. M. S. **Psicologia da adolescência**: normalidade e psicopatologia. Petrópolis: Vozes, 1987.

CARLOS, S.A.; O processo grupal. In: JACQUES, M. da G. C; STREY, M. N. ; BERNARDES, N. M. G. ; GUARESCHI, P. A. ; CARLOS, S. A. ; FONSECA, T. M. G. (Org.). **Psicologia social contemporânea**. Petrópolis: Vozes. 1998.

CATELLANI, R. M. **Moda ilustrada de A a Z**. Barueri, SP: Manole, 2003.

CRITELLI, D. M. **Analítica do Sentido**: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica. São Paulo: EDUC: Brasiliense, 1996.

ELIAS, N. **A Sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1994.

ENRIQUEZ, E. O vínculo grupal. In: LÉVY, A. (et al.). **Psicossociologia**: análise social e intervenção. Belo Horizonte: Autêntica. Parte I, p.61-74. 2001

ERIKSON, E. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1976.

FERREIRA, A. B. de H. **Minidicionário eletrônico versão 5.12**. [S.l]: Regis, 2004. Edição eletrônica autorizada a Positivo Informática Ltda.

GOETHE, J. W. **Fausto & Werther**. São Paulo: Nova Cultural, 2003.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolíticas**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 2005.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HEAVY METAL (IS THE LAW). Disponível em:
<<http://halloween.letas.terra.com.br/letas/17881/>> Acesso em 20 set. 2007

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Vozes, 2004. Parte I.

LARAIA, R. B. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.

LEPRE, R. M. **Adolescência e construção da identidade**. Disponível em:
<<http://www.adolescenza.org/lepre1.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2007.

MAFFESOLI, M. **O Tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. **A transfiguração do político**: a tribalização do mundo. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MAGNANI, J. G. C. **Os circuitos dos jovens urbanos**. Tempo social. São Paulo, v.17, n.2, nov. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0103-2070200500020008&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0103-2070. Acesso em 15 mar. 2006.

MENDONÇA, E. S. **Os jovens de cá e os jovens de lá**. 2007. 57 f. Projeto de qualificação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

MICHAELIS: pequeno dicionário inglês – português português- inglês. Ed. rev. São Paulo: Melhoramentos, 1989. (underground).

MOREIRA, V.M. **Mas Allá de la Persona**: hacia uma psicoterapia mundana. Santiago: Editorial de la Universidad de Santiago de Chile, 2001.

OLIVEIRA, M. C. S. L. Vínculos imaginários. **Revista Mente e Cérebro**: o olhar adolescente, Pinheiros, v. 2, p. 20-29, nov., 2007.

OSÓRIO, L. **Adolescência hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

OUTEIRAL, J. Adultos modernos e adolescentes pós-modernos. In: WEINBERG, C. (Org.). **Geração delivery**: adolecer no mundo atual. São Paulo: Sá, 2001. cap. 1, p.13-28.

PAROLIN, I. C. H. adolescência nossa de cada dia. In: WEINBERG, C. (Org.). **Geração delivery**: adolecer no mundo atual. São Paulo: Sá, 2001. cap. 9, p.115-125.

QUARESMA, S. J. DURKHEIM E WEBER: inspiração para uma nova sociabilidade, o neotribalismo. **Em Tese**: Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC, Florianópolis, v.2, n.1, jan./ jul. 2005. Disponível em: <http://www.emtese.ufsc.br/3_art6.pdf>. Acesso em 12 jun. 2007.

ROVIGHI, S. V. **História da Filosofia Contemporânea**: do século XIX à Neoescolástica. São Paulo: Loyola, 1980.

SCHIMIDT, M. L. S. Estilos Narrativos e Pertença Social: análise de histórias de vida. **Revistas de Psicologia da Universidade Federal do Ceará**, Fortaleza, n. 2. 1995/1996.

SILVA, N. M. **Fantasia e cotidiano nas histórias em quadrinhos**. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secult, 2002.

SILVA, T. T.; A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. cap. 2, p. 73-102.

SPRINTHALL, N. A.; COLLINS, W. A. **Psicologia do adolescente**: uma abordagem desenvolvimentista. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

SUPLICY, M. **Conversando sobre sexo**. Rio de Janeiro: Vozes, 1990.

TAKEUTI, N. M. **No outro lado do espelho**: a fratura social e as pulsões juvenis. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

TEIXEIRA, A. R. Sede de liberdade. **Revista Mente e Cérebro**: o olhar adolescente, Pinheiros, v. 2, p. 15-19, nov., 2007.

TIBA, I. **Puberdade e Adolescência**: desenvolvimento biopsicossocial. São Paulo: Ágora, 1986.

TURATO, E. R. **Tratado de metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**: construção teórico-epistemológica, discussão comparativa e aplicação nas áreas da saúde e humanas. Petrópolis: Vozes, 2003.

Outras Fontes de Informação

AS TRIBOS URBANAS. Disponível em: <<http://www.Pime.org.br/noticias>>. Acesso em 15 mar. 2006.

CONSUMO em espécie. Disponível em: <<http://www.2.metodista.br/outraspalavras/consumo.htm>>. Acesso em: 27 mar. 2007.

O PREÇO. Disponível em:<<http://charliebrownejr.uol.com/site.php>>. Acesso em 27 mar. 2007.

WIKIPEDIA. Adolescência. Disponível em:<<http://pt.wikipedia.org/wiki/adolesc%c3%Aancia>>
Acesso em: 10 abr. 2007.

WIKIPEDIA. Black Metal. Disponível em:< http://pt.wikipedia.org/wiki/Black_metal>
Acesso em: 23 set. 2007.

WIKIPEDIA. Heavy Metal. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Heavy_metal>. Acesso em: 15 mar. 2006.

WIKIPEDIA. Micareta. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Micareta>>. Acesso em: 09 set. 2007.

WIKIPEDIA. Sócrates. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%B3crates>>. Acesso em: 18 jun. 2007.

WIKIPEDIA. Surfista. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/surfista>>. Acesso em: 09 abr. 2007.

WOODWARD, K.; Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. cap.1, p. 7-72.

ZANELA, A. V.; PEREIRA, R.S. **Constituir-se enquanto grupo**: a ação de sujeitos na produção do coletivo. Estudos de Psicologia, Natal, v.6, n.1, Jan/jun. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s1413-294x2001000100011&nrm=iso>. Acesso em: 10 abr. 2006.

ANEXOS



ANEXO A - Apresentação da entrevista semidirigida.

ENTREVISTA

1. O que é ser metaleiro?
2. Qual o estilo musical de um metaleiro?
3. Como um metaleiro gosta de se vestir?
4. A aparência tem algum significado específico para vocês?
5. Há locais próprios para o encontro entre metaleiros?
6. Defendem alguma ideologia? No que acreditam?
7. Como vocês se tornaram um grupo?
8. Como é ser um adolescente metaleiro?
9. Na opinião de vocês, como a sociedade percebe as Tribos Urbanas? E a família?
10. Qual a importância da Tribo Urbana na vida de vocês?
11. Você acha que o seu modo de ser modificou-se quando você passou a fazer parte de uma Tribo Urbana? O que mudou?

ANEXO B – Dados sócio-demográficos dos participantes do Grupo I

Nome	Sexo	Idade	Escolaridade	Curso	Outras atividades
Hércules	masculino	20	3º grau incompleto	Ciências da computação	-Toca bateria em uma banda de Heavy Metal -Estágio como professor monitor
Antígona	feminino	20	3º grau incompleto	Publicidade e propaganda	-Curso de francês
Minerva	feminino	20	3º grau incompleto	Designer	-Curso de alemão e informática - Grupo de estudo: filosofia e religião
Teseu	masculino	19	3º grau incompleto	Licenciatura em História	-É vocalista de uma banda de Heavy Metal - curso de alemão
Vênus	feminino	20	3º grau incompleto	Licenciatura em ciências biológicas	-Estágio na área de botânica -Curso de Alemão
Gaia	feminino	18	3º grau incompleto	Licenciatura em História	-Curso de alemão e fotografia

ANEXO C – Dados sócio-demográficos dos participantes do Grupo II

Nome	Sexo	Idade	Escolaridade	Curso	Outras atividades
Aquiles	masculino	19	3º grau incompleto	Direito	-Toca bateria em uma banda de Heavy Metal
Psique	feminino	20	3º grau incompleto	Licenciatura em História	-Curso de alemão - canta em uma banda de Heavy Metal - estágio em pesquisa científica
Baco	masculino	20	3º grau incompleto	Relações Públicas	- toca guitarra e é vocalista de uma banda de Heavy Metal - Faz extensão em música na UFPE
Apolo	masculino	20	3º grau incompleto	Música	-Toca guitarra em uma banda de Heavy Metal - Faz extensão em violino e canto erudito na UFPE
Zeus	masculino	20	3º grau incompleto	Direito	-Toca contrabaixo em uma banda de Heavy Metal -estágio em um escritório de advocacia
Vulcano	masculino	18	2º grau completo	—	- Toca bateria em uma banda de Heavy Metal - Estuda para concurso

ANEXO D – Apresentação dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido



ANEXO D – Apresentação dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**, eu, _____, me disponho a participar da pesquisa intitulada **TRIBOS URBANAS E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ADOLESCENTE**, sob a responsabilidade da pesquisadora Talitha L. macêdo da Silva Arruda e da orientadora Dra. Ana Lúcia Francisco, docente da graduação e pós – graduação da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP.

1. Esta pesquisa, na qual concordo em participar, tem por objetivo investigar o sentido de pertencência a uma Tribo Urbana para a construção da identidade adolescente.
2. Durante este estudo, participarei de uma entrevista semidirigida, cuja questão principal se centrará no meu pertencimento a uma Tribo urbana.
3. Caso as perguntas que me forem propostas provoquem algum desconforto emocional e/ou físico, poderei interromper minha participação ou solicitar o suporte psicológico do pesquisador.
4. Meus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos através da pesquisa serão utilizados apenas para alcançar o objetivo do trabalho proposto.
5. Será garantido, também, o meu anonimato por ocasião da divulgação dos resultados e guardado sigilo acerca das informações prestadas.
6. Terei acesso aos resultados da pesquisa através do pesquisador responsável pelo projeto, que se compromete a realizar um grupo com seus participantes, para discutir e refletir sobre estes resultados.
7. Minha participação é voluntária, tendo eu liberdade de desistir durante o processo de coleta de dados, caso venha a desejar.
8. Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa.

Recife, 06 de outubro de 2007.

Participante: _____

Pesquisador: _____

Orientador (a): _____

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, eu, _____, me disponho a participar da pesquisa intitulada **TRIBOS URBANAS E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ADOLESCENTE**, sob a responsabilidade da pesquisadora Talitha L. macêdo da Silva Arruda e da orientadora Dra. Ana Lúcia Francisco, docente da graduação e pós – graduação da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP.

1. Esta pesquisa, na qual concordo em participar, tem por objetivo investigar o sentido de pertencência a uma Tribo Urbana para a construção da identidade adolescente.
2. Durante este estudo, participarei de uma entrevista semidirigida, cuja questão principal se centrará no meu pertencimento a uma Tribo urbana.
3. Caso as perguntas que me forem propostas provoquem algum desconforto emocional e/ou físico, poderei interromper minha participação ou solicitar o suporte psicológico do pesquisador.
4. Meus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos através da pesquisa serão utilizados apenas para alcançar o objetivo do trabalho proposto.
5. Será garantido, também, o meu anonimato por ocasião da divulgação dos resultados e guardado sigilo acerca das informações prestadas.
6. Terei acesso aos resultados da pesquisa através do pesquisador responsável pelo projeto, que se compromete a realizar um grupo com seus participantes, para discutir e refletir sobre estes resultados.
7. Minha participação é voluntária, tendo eu liberdade de desistir durante o processo de coleta de dados, caso venha a desejar.
8. Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa.

Recife, 06 de Outubro de 2007.

Participante: _____
Pesquisador: _____
Orientador (a): _____

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**, eu, _____, me disponho a participar da pesquisa intitulada **TRIBOS URBANAS E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ADOLESCENTE**, sob a responsabilidade da pesquisadora Talitha L. macêdo da Silva Arruda e da orientadora Dra. Ana Lúcia Francisco, docente da graduação e pós – graduação da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP.

1. Esta pesquisa, na qual concordo em participar, tem por objetivo investigar o sentido de pertencência a uma Tribo Urbana para a construção da identidade adolescente.
2. Durante este estudo, participarei de uma entrevista semidirigida, cuja questão principal se centrará no meu pertencimento a uma Tribo urbana.
3. Caso as perguntas que me forem propostas provoquem algum desconforto emocional e/ou físico, poderei interromper minha participação ou solicitar o suporte psicológico do pesquisador.
4. Meus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos através da pesquisa serão utilizados apenas para alcançar o objetivo do trabalho proposto.
5. Será garantido, também, o meu anonimato por ocasião da divulgação dos resultados e guardado sigilo acerca das informações prestadas.
6. Terei acesso aos resultados da pesquisa através do pesquisador responsável pelo projeto, que se compromete a realizar um grupo com seus participantes, para discutir e refletir sobre estes resultados.
7. Minha participação é voluntária, tendo eu liberdade de desistir durante o processo de coleta de dados, caso venha a desejar.
8. Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa.

Recife, 06 de outubro de 2007.

Participante:

Pesquisador:

Orientador (a):

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**, eu, _____, me disponho a participar da pesquisa intitulada **TRIBOS URBANAS E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ADOLESCENTE**, sob a responsabilidade da pesquisadora Talitha L. macêdo da Silva Arruda e da orientadora Dra. Ana Lúcia Francisco, docente da graduação e pós – graduação da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP.

1. Esta pesquisa, na qual concordo em participar, tem por objetivo investigar o sentido de pertencência a uma Tribo Urbana para a construção da identidade adolescente.
2. Durante este estudo, participarei de uma entrevista semidirigida, cuja questão principal se centrará no meu pertencimento a uma Tribo urbana.
3. Caso as perguntas que me forem propostas provoquem algum desconforto emocional e/ou físico, poderei interromper minha participação ou solicitar o suporte psicológico do pesquisador.
4. Meus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos através da pesquisa serão utilizados apenas para alcançar o objetivo do trabalho proposto.
5. Será garantido, também, o meu anonimato por ocasião da divulgação dos resultados e guardado sigilo acerca das informações prestadas.
6. Terei acesso aos resultados da pesquisa através do pesquisador responsável pelo projeto, que se compromete a realizar um grupo com seus participantes, para discutir e refletir sobre estes resultados.
7. Minha participação é voluntária, tendo eu liberdade de desistir durante o processo de coleta de dados, caso venha a desejar.
8. Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa.

Recife, 6 de OUTUBRO de 2007.

Participante:

Pesquisador:

Orientador (a):

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**, eu, _____, me disponho a participar da pesquisa intitulada **TRIBOS URBANAS E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ADOLESCENTE**, sob a responsabilidade da pesquisadora Talitha L. macêdo da Silva Arruda e da orientadora Dra. Ana Lúcia Francisco, docente da graduação e pós – graduação da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP.

1. Esta pesquisa, na qual concordo em participar, tem por objetivo investigar o sentido de pertencência a uma Tribo Urbana para a construção da identidade adolescente.
2. Durante este estudo, participarei de uma entrevista semidirigida, cuja questão principal se centrará no meu pertencimento a uma Tribo urbana.
3. Caso as perguntas que me forem propostas provoquem algum desconforto emocional e/ou físico, poderei interromper minha participação ou solicitar o suporte psicológico do pesquisador.
4. Meus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos através da pesquisa serão utilizados apenas para alcançar o objetivo do trabalho proposto.
5. Será garantido, também, o meu anonimato por ocasião da divulgação dos resultados e guardado sigilo acerca das informações prestadas.
6. Terei acesso aos resultados da pesquisa através do pesquisador responsável pelo projeto, que se compromete a realizar um grupo com seus participantes, para discutir e refletir sobre estes resultados.
7. Minha participação é voluntária, tendo eu liberdade de desistir durante o processo de coleta de dados, caso venha a desejar.
8. Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa.

Recife, 31 de Julho de 2007.

Participante:

Pesquisador:

Orientador (a):

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**, eu, _____, me disponho a participar da pesquisa intitulada **TRIBOS URBANAS E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ADOLESCENTE**, sob a responsabilidade da pesquisadora Talitha L. Macêdo da Silva Arruda e da orientadora Dra. Ana Lúcia Francisco, docente da graduação e pós-graduação da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP.

1. Esta pesquisa, na qual concordo em participar, tem por objetivo investigar o sentido de pertencência a uma Tribo Urbana para a construção da identidade adolescente.
2. Durante este estudo, participarei de uma entrevista semidirigida, cuja questão principal se centrará no meu pertencimento a uma Tribo urbana.
3. Caso as perguntas que me forem propostas provoquem algum desconforto emocional e/ou físico, poderei interromper minha participação ou solicitar o suporte psicológico do pesquisador.
4. Meus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos através da pesquisa serão utilizados apenas para alcançar o objetivo do trabalho proposto.
5. Será garantido, também, o meu anonimato por ocasião da divulgação dos resultados e guardado sigilo acerca das informações prestadas.
6. Terei acesso aos resultados da pesquisa através do pesquisador responsável pelo projeto, que se compromete a realizar um grupo com seus participantes, para discutir e refletir sobre estes resultados.
7. Minha participação é voluntária, tendo eu liberdade de desistir durante o processo de coleta de dados, caso venha a desejar.
8. Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa.

Recife, 31 de julho de 2007.

Participante:

 Pesquisador:

 Orientador (a):

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**, eu, TALITHA FRANCISCA DE SANTANA, me disponho a participar da pesquisa intitulada **TRIBOS URBANAS E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ADOLESCENTE**, sob a responsabilidade da pesquisadora Talitha L. macêdo da Silva Arruda e da orientadora Dra. Ana Lúcia Francisco, docente da graduação e pós – graduação da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP.

1. Esta pesquisa, na qual concordo em participar, tem por objetivo investigar o sentido de pertencência a uma Tribo Urbana para a construção da identidade adolescente.
2. Durante este estudo, participarei de uma entrevista semidirigida, cuja questão principal se centrará no meu pertencimento a uma Tribo urbana.
3. Caso as perguntas que me forem propostas provoquem algum desconforto emocional e/ou físico, poderei interromper minha participação ou solicitar o suporte psicológico do pesquisador.
4. Meus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos através da pesquisa serão utilizados apenas para alcançar o objetivo do trabalho proposto.
5. Será garantido, também, o meu anonimato por ocasião da divulgação dos resultados e guardado sigilo acerca das informações prestadas.
6. Terei acesso aos resultados da pesquisa através do pesquisador responsável pelo projeto, que se compromete a realizar um grupo com seus participantes, para discutir e refletir sobre estes resultados.
7. Minha participação é voluntária, tendo eu liberdade de desistir durante o processo de coleta de dados, caso venha a desejar.
8. Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa.

Recife, 31 de JULHO de 2007.

Participante:

Pesquisador:

Orientador (a):

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, eu, me disponho a participar da pesquisa intitulada **TRIBOS URBANAS E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ADOLESCENTE**, sob a responsabilidade da pesquisadora Talitha L. macêdo da Silva Arruda e da orientadora Dra. Ana Lúcia Francisco, docente da graduação e pós – graduação da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP.

1. Esta pesquisa, na qual concordo em participar, tem por objetivo investigar o sentido de pertencência a uma Tribo Urbana para a construção da identidade adolescente.
2. Durante este estudo, participarei de uma entrevista semidirigida, cuja questão principal se centrará no meu pertencimento a uma Tribo urbana.
3. Caso as perguntas que me forem propostas provoquem algum desconforto emocional e/ou físico, poderei interromper minha participação ou solicitar o suporte psicológico do pesquisador.
4. Meus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos através da pesquisa serão utilizados apenas para alcançar o objetivo do trabalho proposto.
5. Será garantido, também, o meu anonimato por ocasião da divulgação dos resultados e guardado sigilo acerca das informações prestadas.
6. Terei acesso aos resultados da pesquisa através do pesquisador responsável pelo projeto, que se compromete a realizar um grupo com seus participantes, para discutir e refletir sobre estes resultados.
7. Minha participação é voluntária, tendo eu liberdade de desistir durante o processo de coleta de dados, caso venha a desejar.
8. Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa.

Recife, 31 de Julho de 2007.

Participante:

Pesquisador:

Orientador (a):

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

„Pelo presente **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**, eu, _____, me disponho a participar da pesquisa intitulada **TRIBOS URBANAS E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ADOLESCENTE**, sob a responsabilidade da pesquisadora Talitha L. macêdo da Silva Arruda e da orientadora Dra. Ana Lúcia Francisco, docente da graduação e pós – graduação da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP.

1. Esta pesquisa, na qual concordo em participar, tem por objetivo investigar o sentido de pertencência a uma Tribo Urbana para a construção da identidade adolescente.
2. Durante este estudo, participarei de uma entrevista semidirigida, cuja questão principal se centrará no meu pertencimento a uma Tribo urbana.
3. Caso as perguntas que me forem propostas provoquem algum desconforto emocional e/ou físico, poderei interromper minha participação ou solicitar o suporte psicológico do pesquisador.
4. Meus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos através da pesquisa serão utilizados apenas para alcançar o objetivo do trabalho proposto.
5. Será garantido, também, o meu anonimato por ocasião da divulgação dos resultados e guardado sigilo acerca das informações prestadas.
6. Terei acesso aos resultados da pesquisa através do pesquisador responsável pelo projeto, que se compromete a realizar um grupo com seus participantes, para discutir e refletir sobre estes resultados.
7. Minha participação é voluntária, tendo eu liberdade de desistir durante o processo de coleta de dados, caso venha a desejar.
8. Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa.

Recife, 31 de Julho de 2007.

Participante:

Pesquisador:

Orientador (a):

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, eu, _____, me disponho a participar da pesquisa intitulada **TRIBOS URBANAS E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ADOLESCENTE**, sob a responsabilidade da pesquisadora Talitha L. macêdo da Silva Arruda e da orientadora Dra. Ana Lúcia Francisco, docente da graduação e pós – graduação da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP.

1. Esta pesquisa, na qual concordo em participar, tem por objetivo investigar o sentido de pertencência a uma Tribo Urbana para a construção da identidade adolescente.
2. Durante este estudo, participarei de uma entrevista semidirigida, cuja questão principal se centrará no meu pertencimento a uma Tribo urbana.
3. Caso as perguntas que me forem propostas provoquem algum desconforto emocional e/ou físico, poderei interromper minha participação ou solicitar o suporte psicológico do pesquisador.
4. Meus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos através da pesquisa serão utilizados apenas para alcançar o objetivo do trabalho proposto.
5. Será garantido, também, o meu anonimato por ocasião da divulgação dos resultados e guardado sigilo acerca das informações prestadas.
6. Terei acesso aos resultados da pesquisa através do pesquisador responsável pelo projeto, que se compromete a realizar um grupo com seus participantes, para discutir e refletir sobre estes resultados.
7. Minha participação é voluntária, tendo eu liberdade de desistir durante o processo de coleta de dados, caso venha a desejar.
8. Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa.

Recife, 26 de outubro de 2007.

Participante: _____

Pesquisador: _____

Orientador (a): _____

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo, presente **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**, eu, _____, me disponho a participar da pesquisa intitulada **TRIBOS URBANAS E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ADOLESCENTE**, sob a responsabilidade da pesquisadora Talitha L. macêdo da Silva Arruda e da orientadora Dra. Ana Lúcia Francisco, docente da graduação e pós – graduação da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP.

1. Esta pesquisa, na qual concordo em participar, tem por objetivo investigar o sentido de pertencência a uma Tribo Urbana para a construção da identidade adolescente.
2. Durante este estudo, participarei de uma entrevista semidirigida, cuja questão principal se centrará no meu pertencimento a uma Tribo urbana.
3. Caso as perguntas que me forem propostas provoquem algum desconforto emocional e/ou físico, poderei interromper minha participação ou solicitar o suporte psicológico do pesquisador.
4. Meus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos através da pesquisa serão utilizados apenas para alcançar o objetivo do trabalho proposto.
5. Será garantido, também, o meu anonimato por ocasião da divulgação dos resultados e guardado sigilo acerca das informações prestadas.
6. Terei acesso aos resultados da pesquisa através do pesquisador responsável pelo projeto, que se compromete a realizar um grupo com seus participantes, para discutir e refletir sobre estes resultados.
7. Minha participação é voluntária, tendo eu liberdade de desistir durante o processo de coleta de dados, caso venha a desejar.
8. Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa.

Recife, 06 de outubro de 2007.

Participante: _____

Pesquisador: _____

Orientador (a): _____

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente **Termo, de Consentimento Livre e Esclarecido**, eu, _____, me disponho a participar da pesquisa intitulada **TRIBOS URBANAS E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ADOLESCENTE**, sob a responsabilidade da pesquisadora Talitha L. macêdo da Silva Arruda e da orientadora Dra. Ana Lúcia Francisco, docente da graduação e pós – graduação da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP.

1. Esta pesquisa, na qual concordo em participar, tem por objetivo investigar o sentido de pertencência a uma Tribo Urbana para a construção da identidade adolescente.
2. Durante este estudo, participarei de uma entrevista semidirigida, cuja questão principal se centrará no meu pertencimento a uma Tribo urbana.
3. Caso as perguntas que me forem propostas provoquem algum desconforto emocional e/ou físico, poderei interromper minha participação ou solicitar o suporte psicológico do pesquisador.
4. Meus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos através da pesquisa serão utilizados apenas para alcançar o objetivo do trabalho proposto.
5. Será garantido, também, o meu anonimato por ocasião da divulgação dos resultados e guardado sigilo acerca das informações prestadas.
6. Terei acesso aos resultados da pesquisa através do pesquisador responsável pelo projeto, que se compromete a realizar um grupo com seus participantes, para discutir e refletir sobre estes resultados.
7. Minha participação é voluntária, tendo eu liberdade de desistir durante o processo de coleta de dados, caso venha a desejar.
8. Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa.

Recife, 31 de julho de 2007.

Participante:

Pesquisador:

Orientador (a):
